

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

*A cidade e o medo:  
Como as histórias de assombração falam sobre o Recife*

Bárbara Luna de Araújo

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Lopes Nogueira

Recife – 2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

*A cidade e o medo:*  
*Como as histórias de assombração falam sobre o Recife*

Bárbara Luna de Araújo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Lopes Nogueira, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Recife – 2009

**Araújo, Bárbara Luna de.**

**A cidade e o medo: como as histórias de assombração falam sobre o Recife / Bárbara Luna de Araújo. -- Recife: O Autor, 2009. 107 folhas: il., fotos.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2009.**

**Inclui: bibliografia e anexos.**

**1. Antropologia. 2. Histórias de fantasmas. 3. Contadores de histórias. 4. Medo. 5. Histórias (Recife, PE). I. Título.**

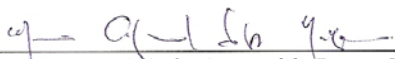
**39  
390**

**CDU (2. ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2009/42**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

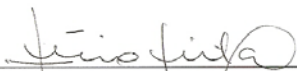
BANCA EXAMINADORA:



Professora Doutora Maria Aparecida Lopes Nogueira  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE



Professora Doutora Liana Lewis  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE



Professora Doutora Lúcia Leitão Santos  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano - UFPE

Data da Defesa: 31/03/2009

RECIFE – 2009

Para VÓ LOURDES que me abriu o mundo fantástico das histórias de assombração. Sem a influência dela, esse trabalho não teria sido escrito.

---

## *Agradecimentos*

O momento de agradecer é sempre muito emocionante para mim. É doce ter pessoas queridas ao nosso lado e poder compartilhar com elas as vitórias, as derrotas, as atribulações... Sem a ajuda das que serão citadas aqui, jamais teria chegado ao final dessa longa e sinuosa estrada que é a realização de um mestrado.

Por isso, agradeço imensamente à minha família pelo incentivo, pelo apoio nos momentos difíceis e, sobretudo, pela compreensão. Muitas vezes deixei de desempenhar meus papéis de filha, irmã, sobrinha, madrinha, comadre, neta e prima para dedicar-me à conclusão deste trabalho. Tal atitude foi sempre bem compreendida por todos. A Tia Hana, em especial, por ter sido minha fada madrinha, por sempre ter acreditado em mim.

A Maria Aparecida Lopes Nogueira, misto de orientadora, mãe e amiga. Sou grata pela amizade e pelos ensinamentos que tenho recebido até hoje. Eterna mentora das minhas vidas, sempre abrindo portas, alimentando esperanças, me enchendo de carinhos.

A Jarbas Araújo pela leitura atenta das primeiras linhas, mal traçadas, desta dissertação. Poder compartilhar do seu afago (e do de Cida), é uma honra para mim.

A Socorro Figueiredo, minha co-orientadora do coração. Faltam-me palavras para expressar o quanto foi importante ter você ao meu lado nesse percurso, o quanto tenho aprendido com a sua sabedoria e generosidade. Serei para sempre grata por ter me apoiado nas horas mais críticas, por ter aberto as portas da sua casa, me fazendo compartilhar do carinho da sua família. E por tantas outras coisas... No seu coração cabe o mundo. Que Deus lhe ilumine sempre!

A Sandra Simone pelas valiosas sugestões ao primeiro e segundo capítulos. Pela alegria da sua amizade e por sempre ter se mostrado disposta a ajudar.

A Germana pela bondade e solidariedade que demonstrou ao traduzir meu resumo para o inglês.

A Eduardo Duarte por ter acompanhado todo o meu trabalho, dando sugestões preciosas, apontando caminhos e compartilhando idéias. Sou muito agradecida por ter acreditado na minha proposta, por ter sido uma luz no fim do túnel.

Aos amigos: os novos, os antigos, os que estão perto e os que estão distantes. *Amigo tem o dom de se fazer compreender até sem sinais. Até sem olhos*, por isso, guardo-os sempre perto de mim, mesmo que, às vezes, eu esteja longe. Obrigada aos amigos: Aislan, Breno, Bruno, Cecília, Clélia, Danilo, Fernando, Igo, Jacira, Jeíza, Karina, Lenira, Luana, Márcio Abreu, Márcio Legal, Mariana, Maurício, Mercês, Natália, Normando, Ricardo, Romero, Ronaldo, Talita. Criamos laços fortes que jamais serão desatados. Vocês são meu oxigênio, os encontros deste ano me fizeram mais feliz e mais forte. A Carmem, Claudinha, Glauco, Greilson, Hosana, João Marcelo, Lígia, Nonato, Priscila Karla, Priscila Silva, Thiago e Wagner. Mestrandos/doutorandos das famigeradas turmas 2007.1, companheiros de jornada.

A Leonardo Gonçalves (meu bobo lindo) por tudo, pelo que não tem preço: *cada um de nós é o resultado da união de duas mãos coladas numa mesma oração. Igual a um nó que nunca se desfaz, famintos um do outro como canibais. Paixão e nada mais. Lembra? Essa dissertação é nossa!*

A Cristina, D. Lourdes, D. Pretinha e D. Zete por terem aberto o baú de suas histórias compartilhando comigo sabedoria, mistérios, encantamentos e medos.

Ao CNPq pela bolsa concedida. A Deus, mão que me levantou toda vez que pensei em desistir.

Este estudo tem como objetivo lançar um olhar sobre a cidade que emerge a partir da perspectiva do medo tendo como foco o Recife e operador metodológico as histórias de assombração. Nesse sentido, mergulhei no universo narrativo de quatro contadoras de histórias analisando suas narrativas a partir da Mitocrítica proposta por Gilbert Durand.

Das narrativas de assombração colhidas emergiram três elementos que se repetiram de forma obsessiva: a água, a mulher e a morte. Diante disso, escolhi compor com eles os capítulos do presente texto. Passei então a encará-los a partir do princípio hologramático defendido por Edgar Morin (2003b). Tal princípio é inspirado na idéia de holograma no qual cada ponto possui a quase totalidade do objeto final apresentado. Assim, todas as etapas dessa dissertação são, ao mesmo tempo, independentes e complementares.

Ao trabalhar com os medos que envolvem a água, a mulher e a morte vi descortinar além da história do Recife, aspectos típicos da visão de mundo dos recifenses. Nesse trajeto, foi possível perceber que os narradores ainda se fazem presentes no cotidiano da cidade e as histórias de assombração continuam dando conta de uma realidade urbana na qual o medo permanece exercendo o seu papel coercitivo.

**Palavras-chave:** Contadores de histórias, Cidade, Medo, Histórias de Assombração.

This study aims to shed a glance through the city that emerges from the perspective of fear with a focus at Recife and having as metodologic operator the ghost stories. Accordingly, I did plunge in the narrative universe of four taletellers analyzing their narratives from the mitocritica proposed by Gilbert Durand.

From the harvested ghost narratives, came to surface three elements that were repeated really obsessively: the water, the woman and the death. Thus, I chose to compose with them the chapters of the present text. So, I started to face them from the hologramatic principal advocated by Edgar Morin (2003b). This principal is based on the idea of hologram in which each point has almost the entire end of the object displayed. So, all stages of this work are, at the same time, independent and complementary.

Working with fears involving the water, the woman and the death, I saw the curtains opening so they could reveal, beyond the history of Recife, the typical aspects of the Recife citizens' vision of the world. In this way, was possible to realize that the narrators are still present in daily life of the city and that the ghost stories are still giving an account of urban reality in which the fear is exercising its coercive role.

**Keywords:** taletellers, city, fear, ghost stories.

|                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Introdução</b> – Perscrutando os caminhos de Irena ..... | 11  |
| <b>CAPÍTULO I</b>                                           |     |
| As águas temidas .....                                      | 19  |
| <b>CAPÍTULO II</b>                                          |     |
| A cidade feminina .....                                     | 48  |
| <b>CAPÍTULO III</b>                                         |     |
| Os diálogos com a morte .....                               | 75  |
| <b>Conclusão</b> – Apontando Caminhos.....                  | 98  |
| <b>Bibliografia</b> .....                                   | 101 |
| <b>ANEXOS</b> .....                                         | 106 |

## INTRODUÇÃO

### *Perscrutando os caminhos de Irena<sup>1</sup>*

A arte de narrar esteve presente em toda a história da humanidade. A figura do narrador muitas vezes foi associada com a do guardião das tradições de um povo. Compartilhar experiências através da oralidade como mecanismo de ordenação do mundo era seu ofício e através dele gerações foram formadas encontrando nas narrativas uma espécie de alimento para a alma. Para Clarissa Pinkola Estes (1998) a vida de um guardião de histórias “*é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo*” (p. 9-10). Ou seja, o contador de histórias seria tão necessário à sociedade quanto um homem da ciência ou um líder religioso.

Porém, em 1936, Walter Benjamin dera a seus leitores a fatídica previsão: “*a arte de narrar está em vias de extinção*” (1988: 197). É que para o sociólogo da Escola de Frankfurt, a cidade moderna nascera como um monumento à escrita estando a oralidade, portanto, fadada ao esquecimento. Inquietada por tal premissa e acreditando, como faz Maria Aparecida Lopes Nogueira (1998) que “*a cidade é um livro-texto que se deixa desnudar pelo narrador*” (p. 117), busquei mostrar nesta pesquisa a atualidade dos contadores de histórias e o que suas narrativas tinham a dizer sobre o Recife, lugar, desde sempre, referencial para mim.

Entretanto, não foi qualquer narrativa sobre a cidade que me interessou neste percurso. A predileção pelas histórias de assombração sempre se fez presente em toda a minha vida acadêmica. Minhas pesquisas na área começaram quando eu ainda era estudante da graduação em Ciências Sociais. Talvez por uma outra inquietação que tal gênero narrativo

---

<sup>1</sup> Irena é um nome carinhoso que em húngaro se dá a quem conta histórias. (Estes, 1998).

me impunha: a questão do medo. Jean Delumeau (1989) já havia chamado a atenção para a necessidade de colocar o medo em seu devido lugar na história uma vez que este sentimento nunca deixou de desempenhar um papel capital nas sociedades humanas de todas as épocas. Para o autor, grande foi o silêncio que se fez em relação ao tema durante vários anos e muitos foram os fatores que contribuíram para isso.

Durante muito tempo e, de certa forma ainda hoje, o medo foi associado à vergonha e a covardia. A própria literatura épica dos séculos XIV-XVI exaltou valores como coragem e heroísmo em contraposição ao temor e a fraqueza. Além disso, a iconografia desde a Antiguidade até uma data recente destacou a valentia em suas diversas formas como, por exemplo, as dos heróis que dirigiam a sociedade. Vários outros exemplos poderiam ser citados para mostrar como foi continuamente vergonhoso ao longo da história admitir que se tivesse medo.

E o é ainda hoje. Eu mesma fui desencorajada a desistir do meu projeto, por pessoas que afirmavam: *“ninguém mais tem medo das histórias de assombração”*, ou então, *“Se eu disser a meu filho que não saia de casa por conta da Perna Cabeluda<sup>2</sup>, ele vai rir da minha cara”*. Topei constantemente com frases do gênero, porém, estava convencida de três coisas: primeiro que realmente existia uma vergonha presente nas pessoas em admitir o sentimento do medo. Segundo que, apesar disso, o medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva (Bauman, 2008: 9) e, finalmente, que tal temor existia na relação dos recifenses com os mal-assombrados como haviam me mostrado estudos anteriores. Diante disso, não desisti de procurar respostas para a pergunta: que Recife surge a partir da perspectiva do medo?

---

<sup>2</sup> Trata-se de uma história de assombração famosa no Recife. Uma perna coberta de pêlos e desprovida de um corpo ganhou as ruas da cidade na década de 1970 atingindo pessoas com poderosos chutes. Sobre o mal-assombrado ver Beltrão (2002), citado na bibliografia deste texto.

Nesse sentido, este texto tem como objetivo entender a cidade que se constrói a partir da perspectiva do medo, tendo como foco o Recife e operador metodológico as histórias de assombração.

A cidade surgiu, entre outros fatores, como alternativa de sobrevivência da espécie humana tão inapta à vida em natureza. Durante o processo de sedentarização, o homem começou a se organizar em lugares nos quais pôde produzir, estocar e trocar alimentos. Esses locais não ofereciam apenas subsídios materiais, mas também, substância para a realização dos sonhos e desejos humanos. Italo Calvino ilustra bem essa situação quando afirma, “*o homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade.*” (1990: 14). Desse modo, a cidade passou a ser característica da organização da sociedade em grupamentos humanos os quais possuíam um lugar no mundo.

Durante esses anos, várias foram as definições encontradas pelos estudiosos para explicar o que vem a ser uma cidade. Porém, o que a história mostrou foi que, com a sedentarização humana provocando a situação de urbes, o número de pessoas começou a aumentar, cada vez mais, gerando sempre a necessidade da ocupação de outros espaços e, conseqüentemente, a criação de novas cidades. Desde então, mais de dez mil anos se passaram entre o processo de fixação do homem em terras desconhecidas e o surgimento dos grandes centros urbanos. Para Lewis Mumford (1965), “*as origens da cidade são obscuras, enterrada ou irrecuperavelmente apagada uma grande parte de seu passado, e são difíceis de pesar suas perspectivas futuras*” (p. 11). Diante desta constatação, fica difícil encontrar uma única definição para o que vem a ser uma cidade. De minha parte, prefiro ficar com a premissa de Claude Lévi-Strauss (1996) segundo a qual a cidade “*é a coisa humana por excelência*” (p.116). Isso porque, entendo que é na cidade que as relações humanas acontecem, sendo ela, portanto, produto destas relações. Segundo Lúcia Leitão Santos (1998):

“o homem e a cidade se constituem mutuamente” (s/p), daí surge a importância de encará-la como *locus* privilegiado desta pesquisa.

Tal recorte me fez lembrar que a antropologia que estudava, exclusivamente, povos primitivos e distantes está cada vez mais longe. Com a crise sofrida pela antropologia na década de 1960 e a sua consolidação enquanto disciplina que estuda o ser humano, se fez necessário uma maior abertura do seu campo de pesquisa em direção ao chamado “Outro Próximo”, feliz denominação de Marc Augé. Nesse contexto, surgiram os primeiros estudos sobre a cidade.

Segundo Ruben Oliven (1988), dois períodos históricos contribuíram para o aumento da importância dos estudos a cerca das cidades: o desenvolvimento do capitalismo e a Revolução Industrial. Com o desenvolvimento sempre mais acelerado da sociedade fez-se necessário que, cada vez mais, os antropólogos se voltassem para sua própria casa. Assim surgiram os primeiros estudos da Escola de Chicago que, a partir de 1920, começou a fazer análises sobre grupos urbanos. Oliven irá destacar que, nesse primeiro momento as pesquisas eram mais voltadas para a crescente marginalidade, consequência do aumento da população e a falta de estrutura das cidades para lidar com ela. Portanto, tinha-se uma visão pessimista da urbe.

Já em relação ao Brasil, os estudos se intensificaram principalmente com o fim do período ditatorial que provocou uma acumulação capitalista devido a um grande investimento estrangeiro no país. Desde então, se fez necessário que o antropólogo voltasse o seu olhar para os problemas e fenômenos urbanos. Dentre as tantas expressões possíveis de análise na antropologia urbana encontramos o trabalho, o lazer, a religião, as festas, entre outros assuntos.

Interessa aqui um estudo do Recife através de suas narrativas, também constitutivas desses fenômenos, porém, localizadas no imaginário da cidade. Portanto, se as

narrativas de assombração são partes constituintes desse imaginário, algo elas têm a nos dizer sobre a cidade.

Guiada por este pensamento, comecei a minha busca e a inserção no campo não teve uma estratégia anterior. Tudo aconteceu naturalmente. Fui para onde o campo me levou acreditando, como faz Edgar Morin (2000), que o caminhante se faz no caminho.

Então, pessoas que sabiam em que consistia meu objeto de estudo me deram indicações. Pouco a pouco, foram surgindo os contadores. Como em uma teia, cada fio puxava outro. Devido ao tempo hábil para a pesquisa, seis contadores foram escutados. Dois deles tiveram sérios problemas de saúde que lhes impediram de continuar até o final do meu trabalho de campo. Por isso, terminei meu caminhar com quatro narradores da cidade. Coincidentemente ou não, quatro mulheres. Foi como se o campo estivesse falando por si mesmo e me alertando: “A cidade é feminina”... Outros interlocutores vieram juntarem-se a essa teia, pessoas que, de uma forma ou de outra, estavam ligadas ao sobrenatural do imaginário recifense.

Por meio de entrevistas semi-estruturadas colhi as narrativas dessas contadoras, assim como suas histórias de vida. Ambas (narrativas da tradição e histórias de vida) se imbricavam o tempo todo no ato de narrar. A análise das histórias recolhidas foi feita a partir do método da mitocrítica de Gilbert Durand. Método de crítica de texto literário, de estilo de um conjunto textual de uma época ou de um determinado autor, que torna perceptível os mitos fundantes. Ela tem apoio em três dimensões para a identificação do núcleo mítico do texto (do universo narrativo): nos elementos que se repetem de forma obsessiva, no exame do contexto em que aparecem (enredo, personagens, cenários), na apreensão das lições do mito e sua correlação com as de outros mitos de épocas ou espaços culturais determinados.

A partir desse exercício, pude perceber o quanto era marcante as relações entre as histórias de assombração e a cidade. Entendi então porque, para Émile Durkheim (2002) os mitos e as lendas populares ultrapassam a realidade individual e exprimem um estado de alma coletivo. Das narrativas escutadas emergiram (de forma obsessiva) três elementos fundamentais: a água, a mulher e a morte. Muitas vezes equivalentes esses temas passaram a ser encarados a partir do princípio hologramático proposto por Morin (2003b).

Tal princípio é inspirado na idéia de holograma no qual cada ponto possui a quase totalidade do objeto final apresentado. Nessa perspectiva, o autor tenta mostrar que na pesquisa dos Sistemas Complexos deve-se ter em mente o conceito de que a parte está no todo e o todo se inscreve nas partes. Assim, no imaginário recifense, a água pode ser feminina e mortal, a mulher pode representar a fecundidade das águas e também a morte e esta última, por sua vez, pode se fazer presente tanto por meio das águas (sejam elas bravias ou calmas) quanto por meio da figura de mulheres.

Diante disso, foi apenas por uma questão metodológica que dividi o presente texto em três capítulos, cada um contendo um dos temas citados. Porém, é preciso deixar claro que todas as etapas são, ao mesmo tempo, independentes e complementares.

A água, a morte e a mulher são agentes do medo. Chamo a atenção aqui para o fato de que o medo interessante à proposta desse trabalho é um sentimento primeiro, espontâneo e comum a todos os seres humanos. O temor primevo o qual se materializa também por um impulso inconsciente. Dentro dessa perspectiva, o medo refletido, aquele imposto pela sociedade e, por isso, carregado de preconceitos não é o trabalhado nesse momento. Portanto, questões tão pertinentes quanto gênero, raça e violência urbana serão trabalhadas, mas não esmiuçadas com profundidade.

Além disso, assumo a responsabilidade de carregar na pena os autores que escolhi. Não escrevo, de forma alguma, sozinha. Essas linhas vêm acompanhadas dos já

citados Jean Delumeau e Zigmunt Bauman com seus estudos sobre o medo; de Lewis Mumford e seus estudos sobre a cidade; de Georges Balandier e Mary Douglas e suas idéias sobre desordem e sujeira; de Gaston Bachelard e seu ensaio sobre a imaginação material da água; de Edgar Morin e seu livro sobre a morte e de Gilberto Freyre e seus mal-assombrados do Recife.

Deste último, gostaria de enfatizar que conheço as críticas existentes em relação aos seus escritos<sup>3</sup>, mas admito a inestimável contribuição dada por ele aos estudos das histórias de assombração, citadas em grande parte de seus livros<sup>4</sup>. Por isso, me reporto constantemente a suas obras.

Diluída em meio ao texto, estão as premissas do imaginário e da complexidade, escolha teórica que me conduziu durante todo o tempo. Finalmente, torna-se essencial lembrar que cada contadora foi descrita dentro do contexto de seus universos narrativos. Se, no decorrer do texto, me reporto mais a umas do que a outras, é somente porque algumas abriram mais facilmente as cortinas de suas vidas e suas histórias.

Ademais, o presente trabalho não pode ser considerado, de forma alguma, como uma análise acaba. Pelo contrário, ofereço apenas uma poética alternativa para se estudar a cidade do Recife que vem sendo tão discutida por diversos autores e cronistas durante toda a sua história.

---

<sup>3</sup> Para algumas dessas críticas ver: Fernando Henrique Cardoso (2005) no prefácio a 50<sup>a</sup> edição do livro “Casa Grande e Senzala” e Roberto da Mata (2006) no prefácio a 70<sup>a</sup> edição do livro “Sobrados e Mucambos”, citados na bibliografia desse texto.

<sup>4</sup> Ver Freyre 1942, 1983, 2000, 2005, 2006, citados na bibliografia desse texto.

*O ser voltado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente.*

*(Gaston Bachelard)*

## CAPÍTULO I:

### *As águas temidas*

Diante dos múltiplos caminhos do fazer antropológico muitas vezes se torna difícil escolher qual estrada seguir. Acredito que nossas escolhas intelectuais estão ligadas à nossa experiência no mundo, na medida em que ciência e vida são percebidas como imbricadas. Deste modo, compactuo com as idéias de Edgar Morin em seu livro *Amor Poesia Sabedoria* no qual o autor deseja “*expor esta dificuldade tão freqüente nas ciências humanas, em que se fala de um objeto como se ele existisse fora de nós, os sujeitos*” (2003a: 15). Nossas opções estão profundamente enraizadas em nossa história, por isso optar por um caminho é uma ação intelectual e, simultaneamente, afetiva.

Morin argumenta que nós, seres humanos, não somos apenas *sapiens*, categoria que nos dá o *status* de racional, somos também *demens*, ou seja, um conjunto de afetividades, paixões, cóleras, delírios, amor. Para o autor, sem a conjugação dessas duas faces humanas seria impossível a criação, a sabedoria plena. Nesse sentido, todo saber científico, todo exercício de sabedoria envolve uma relação entre os itinerários *racional-empírico-prático-técnico* e *simbólico-mítico-mágico*, pois inteligência e afetividade estão tão intrinsecamente correlacionadas a ponto de não existir uma fronteira nítida entre elas.

Apoiando-me nas idéias de Morin, olho para trás e passo a entender melhor a escolha dos caminhos percorridos por esta pesquisa. Assumo então, o fato de ter sido guiada, principalmente, pelo amor. Amor que segundo o autor constitui, junto com a loucura,

o ápice mais perfeito da sabedoria. Amor primeiro pelo Recife<sup>5</sup>. Recife que me pariu. Cidade mítica da minha infância. Cidade que ganhava algo de sagrado e feminino quando da boca de meu pai eu ouvia os versos de Ledo Ivo: “*amar mulheres, várias, amar cidades, só uma - Recife*”. Assim, não me admira o fato de ter me separado do seu seio ainda criança para morar na sua vizinha Paulista e, mesmo assim, continuar a pensar que amar cidades, apenas uma, Recife. Cresci com esse sentimento, alimentada por imagens que fizeram parte de toda a minha vida, como se para mim o Recife fosse igual a “Diomira” citada por Calvino:

Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao levante, encontra-se Diomira, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas lajeadas de estanho, um teatro de cristal, um galo de ouro que canta todas as manhãs no alto de uma torre. Todas essas belezas o viajante já conhece por tê-las visto em outras cidades. Mas a peculiaridade desta é que quem chega numa noite de setembro, quando os dias se tornam mais curtos e as lâmpadas multicoloridas se acendem juntas nas portas das tabernas, e de um terraço ouve-se a voz de uma mulher que grita: uh!, é levado a invejar aqueles que imaginam ter vivido uma noite igual a esta e que na ocasião se sentiram felizes. (1990: 11).

A cidade-sonho que me foi apresentada em vista panorâmica quando eu contava apenas sete anos de idade. Naquele momento, percebi suas belezas e seus mistérios com os olhos sensíveis e desnudados que só as crianças possuem. Se pensarmos como Gaston Bachelard que “*só se pode estudar o que primeiramente se sonhou. A ciência forma-se muito mais sobre um devaneio do que sobre uma experiência*” (1994:34), torna-se justificável a vontade que desenvolvi desde cedo em estudar o Recife.

Mas como faria isso? Como falar de um lugar que, durante todos esses anos, tem sido descrito e estudado muitas vezes com grande maestria por cronistas, poetas, geógrafos, sociólogos, historiadores? À procura de um objeto, percorri a cidade, agora não só com o olhar deslumbrado dos meus sete anos, mas também com o olhar antropológico que havia adquirido durante a graduação em Ciências Sociais. Em vão. O que eu parecia buscar não estava visível, não era concreto. Tudo me sensibilizava: o comércio, as minorias, os

---

<sup>5</sup> Recife, capital do estado de Pernambuco, situa-se no litoral nordestino, hoje, em área de 219,493 Km<sup>2</sup> possuindo cerca de 1.400.000 habitantes.

excluídos, os espaços. Mas o que eu queria estudar não encontrava. Teria que ser algo mais intimamente ligado a mim e a antropologia, ciência que abraçara durante minha vida acadêmica.

Tempos depois entenderia que, buscava algo, ao mesmo tempo, impalpável e real. Algo muito mais ligado ao estado de espírito do recifense, ou seja, presente no imaginário da cidade. Imaginário entendido aqui como “*Museu de todas as imagens pensadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas*” (Durand, 2001: 6). Foi depois do meu encontro com os teóricos do imaginário que finalmente pude perceber em que consistia meu campo de atuação dentro das ciências sociais.

Intensificados na França, os estudos sobre o imaginário vieram com a proposta de ampliar paradigmas consolidados os quais supervalorizavam a razão e a ciência como meio único de entendimento do real. O químico e físico Gaston Bachelard se tornou o principal inspirador desse ideário, por ter provocado uma revolução epistemológica na ciência quando propôs uma “fenomenologia poética”. Dentro dessa nova proposta, o autor irá dizer que a poesia é uma forma de conhecimento tão válido quanto o conhecimento científico causando assim, grande rebuliço na comunidade acadêmica. Outro grande inspirador foi o psicanalista Carl Gustav Jung (2000) que desenvolveu os conceitos de inconsciente coletivo e arquétipo. Porém, essas teorias vieram ganhar nova roupagem dentro da antropologia por meio dos estudos de Gilbert Durand.

Durand, influenciado por esses autores, propôs uma antropologia atenta às imagens, levando em consideração outras dimensões do ser humano: “*a razão e a ciência só ligam os homens às coisas, mas o que liga os homens entre si, ao humilde nível das felicidades e das penas cotidianas da espécie humana, é a representação efetiva, porque vivida, que o império das imagens constitui*”. (2000:104)

Entendendo essa imagem como fundamento de toda cultura, sendo a mesma anterior ao mito, não poderá existir, portanto, uma antropologia que não leve em conta as imagens produzidas pela sociedade. O antropólogo deve, então, mergulhar nas imagens tentando ampliar sua visão sobre o real.

Nessa perspectiva, quando me encontrava aos pés da minha avó (D. Lourdes), escutando com os olhos esbugalhados, corpo rijo de medo, suas tantas histórias de assombração, “*histórias de antigamente, de mil novecentos e antigamente*”<sup>6</sup>, surgiu meu primeiro *insight*, tais histórias me pareceram extremamente atuais, mostravam-se presentes no cotidiano do Recife. Assim me propus a estudá-las.

Como são por demais tortuosos os caminhos da pesquisa antropológica, não cheguei de imediato a uma relação direta entre a cidade e as narrativas. Respeitei o campo, fui para onde ele me guiou. Trabalhei na minha monografia de graduação a inserção dessas histórias nos diversos meios de comunicação contemporâneos, fiz um apanhado geral dos novos espaços ocupados por tais narrativas analisando-as através de livros, da internet, cinema, eventos turísticos, artes plásticas, presumindo que elas precisaram mudar para permanecer.

Naquele momento constatei que, com o desenvolvimento tecnológico, a tradição de contar histórias não morreu, apenas se resignificou sendo respeitado o princípio de conservação da matéria mítica, como afirma Claude Lévi-Strauss (1989). O Recife foi o palco que privilegiei para analisar essa grande teia de acontecimentos. Nesse movimento, durante o percurso da pesquisa, a cidade se impôs como elemento determinante. Pude apreender que as histórias de assombração descortinavam cenários, personagens, acontecimentos, próprios do recifense e do seu modo de encarar o mundo. As histórias são do Recife, a cidade as possui e é possuída por elas.

---

<sup>6</sup> Depoimento colhido por mim em 04 de julho de 2008.

### *O Recife que emerge dos seus rios e mar*

Guiada pela curiosidade de saber o que essas narrativas sobre assombrações teriam para me dizer em relação ao Recife, que repertório de *urbe* surgia delas e como as mesmas davam a ver aspectos da relação homem-cidade, retornei à escuta das histórias da minha avó, dessa vez com certo distanciamento, construído a partir da bibliografia consultada para realização da pesquisa. O começo foi mesmo dado por ela. Aquela que plantou a semente das histórias no meu coração, histórias que para Luis da Câmara Cascudo (2004) constituem o nosso primeiro leite intelectual.

Já havia analisado um de seus relatos em meu trabalho de conclusão de curso, na tentativa de demonstrar que, concomitantemente ao desenvolvimento tecnológico, a oralidade se fazia presente. Mas agora se tratava de um outro olhar.

Como exímia contadora de histórias, D. Lourdes, 70 anos de idade, possui todas as características de quem, segundo Benjamin (1988), retira da experiência vivida ou relatada as ferramentas que constituirão a sua narração. Por meio de imensos gestos, que emprestava a cada personagem qualidades vocais diferenciadas, me inseriu num processo de constante estranhar e reconhecer como se, ao mesmo tempo em que relembrava as histórias ouvidas na minha infância, tivesse escutando-as pela primeira vez. E assim, as cortinas foram se abrindo para revelar o grande palco no qual se desenrolavam suas narrativas. Com ouvidos e olhos atentos escutei cada palavra viva que surgia de sua boca. Ela começou falando de como aprendeu a contar ouvindo os mais velhos:

*Todo mundo do local contava e eu era uma menina que parecia uma mocinha. Eu via quando elas diziam assim: - Olha, parece uma mocinha ouvindo a conversa da gente, sentadinha. E eu gravava muito as coisas, com muita facilidade, nunca me esqueci de nada. Tô esquecendo agora que eu boto um dinheiro no bolso e fico doidinha procurando, mas nunca me esqueci. Do passado não! Me lembro de tudo! (04/07/2008).*

Tal afirmação me fez lembrar o intenso debate sobre os processos que constituem a memória. Ao escutar as palavras de D. Lourdes me vi transportada até o universo das idéias defendidas por Henri Bergson (1999), para quem existem dois tipos de memória. Uma seria constituída pelas imagens que se fixam, gerando ações no desenrolar da vida cotidiana, portanto é mais utilitária, nos ajuda a adquirir os hábitos necessários à nossa sobrevivência; tal como o ato de guardar o dinheiro no bolso, citado pela interlocutora. O outro tipo de memória seria composto pelas imagens-lembrança, que não possuem aplicação prática. Nela depositamos fatos importantes que fizeram/fazem parte de nossas vidas aos quais retornaremos sempre que houver necessidade. Esse tipo de rememoração requer um trabalho do espírito que irá buscar no passado as representações que serão resignificadas no presente. Segundo o autor, dessas duas memórias, uma *repete* e a outra *imagina*.

Ecléa Bosi (2007), ao analisar a obra de Bergson, irá afirmar que, o primeiro tipo de memória percorreria o itinerário *imagem-cérebro-ação* e o segundo o *imagem-cérebro-representação*. Nos dois casos o passado seria conservado e trazido à tona em meio ao tempo presente. Porém, nos interessa aqui a imagem-representação, a citada imagem-lembrança explicada por Bergson: “as imagens passadas, reproduzidas tais e quais com todos os seus detalhes, e inclusive com sua coloração afetiva, são as imagens do devaneio ou do sonho”. (Idem: 121). Através dessas imagens, contando histórias vividas ou imaginadas, D. Lourdes retorna ao passado para compreender melhor o tempo atual.

Com isso, podemos entender o referido retorno como a própria essência da vida. Afirmar que nunca perdeu as imagens do passado é tornar-se viva, pois nesse sentido, o esquecimento é encarado como a própria morte. Não esquecer do que realmente importa, porque perder dinheiro é coisa banal, mas não lembrar das narrativas é esquecer-se da própria história. Portanto, é preciso lutar contra o tempo, esse devorador das histórias que não são contadas.

Às teorias de Bergson vemos somar-se a idéia do princípio seletivo da memória apontado por Michael Pollak ao afirmar que “*nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado*”. (1992: 200). Falando sobre um contexto no qual é imposta uma memória nacional esmagadora pelas elites políticas e econômicas de um país, o autor afirma que o silêncio de alguns grupos sociais em relação a fatos históricos importantes, constitui uma forma de luta pela construção da identidade nacional. Assim também é próprio da memória o esquecimento e o não-dito. Lembrar, portanto, constitui um processo de escolha no qual é rememorado o que de fato interessou e impactou o contador de histórias. E assim o que foi escolhido para se perpetuar na história de D. Lourdes foi se desvendando pouco a pouco, enquanto a contadora me presenteava com suas histórias:

*Essa foi verídica. Eu tenho uma amiga que eu tenho ela como mãe. Quando eu conheci ela, eu tinha dezenove anos. Ela tinha duas filhas, uma da minha idade, que eu tinha dezenove e ela tinha dezenove também. Casada, três filhos e eu era casada também tinha três filhos. A dela do mês de agosto e eu do mês de agosto também, só que eu sou logo do dia três e ela do dia vinte e seis. Tinha uma filha moça ainda, com quinze anos e a gente era muito amiga, amiga até hoje, amiga até hoje! Uma já faleceu, mas não deixa de ser minha amiga, outra tá numa cadeira de rodas, mas não deixa de ser minha amiga. A mãe tá com oitenta e dois anos, sempre eu vou lá visitar, tomo a benção como se ela fosse minha mãe porque, realmente, uma amizade de cinqüenta e poucos anos não é mole, né? Sem nunca haver um atrito, uma cara feia, nada! A gente era como se fosse três irmãs e ela a mãe da gente. E a dona da casa, na época era nova também. Agora ela tá com oitenta e dois anos, mas ela era nova, as filhas... Dessas pessoas que casa nova como eu, né? Que casei com quinze anos, com dezesseis fui mãe aí tem aí essa turma toda de neto e tudo. E ela tava com uns cinqüenta e poucos anos, trabalhava no Hotel 4 de Outubro e gostava de um rapaz que era da polícia.*

*Quando foi um dia ele ligou para ela e disse: ‘ - Nininha vem para cá, para aqui para casa, quando tu largar para eu te contar uma coisa que aconteceu’. Ela disse: ‘ - O que foi rapaz, o que foi?’. Ele disse: ‘ - Não, eu atirei aí num cara e tô aqui na casa do meu pai aqui em Santo Amaro na Cruz do Patrão’. Ela já tinha ido lá uma vez, né? Mas, ela muito comodista e só dorme quatro horas por noite ainda hoje é assim, ela não conseguiu dormir. Fica ali em Santo Amaro. Eu não me lembro bem agora o local porque faz muitos anos que eu tive nesse lugar. É um braço de mar. Aí aquelas ondinhas chá, sabe? É um mar, mas é um braço já de mar, como um braço de maré. Aí aquelas ondinhas chá. Não é mar mesmo aberto. Aí ela disse que não conseguiu dormir e disse: ‘ - Bora lá para beira da praia’. Aí eles foram. Ela se sentou, os três, o sogro e ela no meio e ele. Ela disse que nisso quando olhou no relógio, disse: ‘ - Cinco para meia-noite, mas eu não vou dormir, vou deixar amanhecer o dia’. Quando ela olha lá vem uma coisa saindo dentro d’água, assim se levantando, longe... Ela disse: ‘ - Meu Deus do Céu! O que é aquilo? Aquilo é um homem dentro d’água essa hora é?’. Aí os outros ficaram assim... E o cara se levantando, só que o cara era muito grande como que fosse cheio de folha. Veio de dentro do mar e foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, daqui a pouco veio andando na direção deles. Ele disse: ‘ - Nininha vamos correr que essa coisa vem para o lado da gente’. Só que eles correram e ela não teve força de sair do canto e lá vem ele. Ela disse que sabia que ele ia conversar com ela, dizer alguma*

*coisa e ela querendo correr, mas não tinha força para se levantar. E ele gritando: ‘ - Nininha vem-te bora Nininha! Essa coisa tá vindo para teu lado!’. E ele já ia saindo de dentro d’água, cada pé desse tamanho, era um monstro. Ele ia saindo e a água xaco, xaco, xaco, como se fosse cheio de folha xaco, xaco, xaco. Ela disse que quando ele foi saindo de dentro d’água ela teve força de se levantar aí recuou e saiu de costas, de costas, de costas e deu as costas e foi embora. Isso ela diz a mim, dizia aos outros: ‘ - Nunca vá para praia de meia-noite em ponto’. E eu já fiz tanto isso! Mesmo ela dizendo, cansei de fazer que eu morava na beira da praia ia com tudinho tomar banho de madrugada na praia. (04/07/2008)*

Através desse relato podemos confirmar a tese de Benjamin: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (1988: 198). Para o autor, a faculdade inerente a todo contador é a capacidade de trocar experiências. Praticando o exercício da escuta, D. Lourdes aprendeu a contar. Contando experiências vividas ou escutadas contribui para que tais narrativas não se percam no tempo. Ela é, portanto, uma guardiã das histórias. Além de contar relatos fortemente ligados ao capital cultural de um povo, narra fatos que se confundem com sua própria vida.

Ao iniciar sua narração com a frase “Essa foi verídica” e ao citar outras pessoas que vivenciaram o acontecimento, D. Lourdes lança mão de recursos que garantem veracidade ao fato narrado. Novamente recorrendo a Benjamin: “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir”. (Idem: 205). Daí surge a necessidade de contextualizar sua narrativa, pintar o quadro da situação na qual a história lhe foi passada. Citando o que aconteceu com a amiga, “que era como se fosse uma mãe”, D. Lourdes traz elementos importantes de sua própria vida. Ao nos debruçarmos sobre a narrativa percebemos que, a todo tempo, a história sobrenatural se costura com a própria história da narradora. A idade com a qual se casou, o respeito pela amizade que conquistou há mais de cinquenta anos, a desobediência aos ensinamentos morais trazidos pela história.



Maria de Lourdes Araújo nasceu no coração do Recife, bairro do Derby, em 03 de agosto de 1938. Casou-se, como afirma na narrativa, aos quinze anos de idade e continuou morando na casa de sua mãe até os dezoito anos. Era um sobrado com mais de um século, localizado na Rua Bernardo Vieira de Melo, bairro do Recife, onde funcionava uma pensão e um fabrico de bolo. Além da família, dos inquilinos e dos empregados, residiam também ali fantasmas, espectros que de vez em quando apareciam para assustar os mais desavisados<sup>7</sup>. Portanto, no local onde passou sua infância, circulavam não só pessoas e mercadorias, mas também, histórias. Os relatos de assombração faziam parte do seu cotidiano e a mocinha que escutava atenta as histórias de seu povo foi praticando o princípio da dádiva tão discutido por Marcel Mauss (2001).

Até hoje, D. Lourdes faz circular essas histórias como um objeto sem preço. Tem proporcionado um grande sistema de trocas simbólicas generalizadas por meio do qual são passadas normas, valores e visões de mundo de um povo. Como nos contratos de prestação e contra prestação das sociedades tradicionais, também nas narrativas orais há um

---

<sup>7</sup> O fato de existir fantasmas no casarão me foi relatado pela própria contadora em uma das nossas conversas. No segundo capítulo trataremos de uma história ocorrida nesta casa.

fim moral, sendo interesse estabelecer a ética da solidariedade. As histórias doadas têm a necessidade de comunicar, estabelecer relações, circulam de um para outro num movimento contínuo. Estão fortemente ligadas à pessoa, ao grupo; seria veículo de seu *mana*, de sua força mágica. Com isso, a contadora segue o princípio da dádiva, segundo o qual não repartir uma história seria matar sua essência, destruí-la para si e para os outros.

A narrativa citada trata da aparição de um monstro marinho na famigerada área onde se encontra a Cruz do Patrão. A narradora cita a localidade como próxima ao bairro de Santo Amaro<sup>8</sup>, porém na realidade geográfica da cidade tal monumento encontra-se em uma faixa de terra que liga Recife a Olinda, entre as fortalezas do Brum e do Buraco. Com isso, podemos perceber que as fronteiras da cidade imaginada não são tão rígidas quanto nos impõem os mapas geográficos. A cidade vivenciada por D. Lourdes é desenhada pelas marcas de sua memória que se desdobram para além dos traçados oficiais. Segundo Aparecida Nogueira (1998), tal cidade imaginada individual e coletivamente: “*é a cidade de nosso desejo, espelho de nossas paixões, experiências e expectativas*” (P. 116). Nesses termos tem, portanto, uma topografia móvel, segundo as formulações de Willie Bollie<sup>9</sup>, que imprimem às narrativas a condição de espaço próprio do mito. Não importa então a localização espacial da Cruz do Patrão, mas o lugar que a mesma ocupa no imaginário da contadora.

Ainda sobre o monumento, ao recolher relatos para seu livro *Assombrações do Recife Velho*, Gilberto Freyre encontrou diversas histórias ligadas à cruz que muitos acreditavam ter sido construída no século XVII e funcionado como cemitério de escravos. Diz o autor:

Outro lugar público com fama de mal-assombrado foi por muito tempo, e é um pouco ainda hoje, a Cruz do Patrão, no istmo que liga o Recife a Olinda. Foi a cruz levantada, não se sabe exatamente quando, entre as fortalezas do Brum e do Buraco. Parece ter sido construída por algum patrão-mor do porto do Recife, cargo que, segundo os cronistas da cidade, é muito antigo; já existia em 1654. Sabe-se que perto da cruz enterravam-se os negros pagãos, de um dos quais a inglesa Maria

---

<sup>8</sup> Ver mapa em anexo.

<sup>9</sup> Conferência proferida na 45ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Recife, 12 a 16 de julho de 1993.

Graham viu horrorizada pedaços de corpo mal sepultado repontando da terra ou da lama. (...) Matutos, canoieiros, pescadores, toda a gente simples durante anos evitou no Recife passar perto da cruz mal-assombrada. (...) O que parece ter regalado feiticeiros e negros de xangô que se tornaram senhores dos arredores da cruz nas noites mais escuras e úmidas do Recife. (2000: 39-40).

Porém, estudos recentes da pós-graduação em Arqueologia da UFPE sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Ana Catarina Ramos<sup>10</sup>, comprovaram que a data mais provável da sua construção seria meados do século XVIII, e também que o local nunca teria servido de cemitério, sendo construído apenas para funcionar de sinalizador às embarcações que chegavam ao Recife. Segundo Ana Catarina, tal mal entendido entre os historiadores e cronistas pode ter se dado devido à existência de uma cruz que aparece em alguns mapas da cidade, feito pelos holandeses no início do século XVII, nos quais era apontado um cemitério.

A possível existência da cruz citada pelos holandeses já está sendo investigada pela equipe. Porém, esse fato não faz da Cruz do Patrão um local menos assombrado, principalmente porque nele, se não foram enterrados corpos, muitas pessoas vieram a morrer afogadas como relata o Jornal “A Província” em 15 de setembro de 1929:

Na aldeia do Brum, no bairro do Recife, residia Cyriaco de Almeida Catanho, remador da praticagem da barra. Pela manhã de ontem, cerca de seis horas, aquele marítimo deixou a sua residência indo banhar-se na Cruz do Patrão, local onde várias pessoas têm morrido afogadas. Em certa altura do banho, alguns companheiros de Cyriaco Catanho que se encontravam nas proximidades da Cruz do Patrão observaram ele pedir socorro. É que sua vida perigava. Trataram de dar os socorros solicitados. Infelizmente, porém, estes não deram o resultado esperado. Cyriaco Catanho havia se submergido. Comunicado o fato à Polícia Marítima, foram iniciadas as pesquisas para o fim de ser encontrado o cadáver. A polícia do Primeiro Distrito também tomou conhecimento da ocorrência. O morto era casado e deixou um filho de dois meses de idade.

Esse foi apenas um dos casos que pode ter alimentado o imaginário dos recifenses em relação à Cruz do Patrão. Também ficou comprovado, através das escavações, que o local servia de palco para rituais afro-religiosos conduzidos por negros do século XIX e início do século XX que, uma vez impedidos de realizarem seus cultos, dirigiam-se tarde da noite para o local a fim de presentear com oferendas os seus orixás. Portanto, foram

---

<sup>10</sup> RAMOS, A.C. *Globo universidade*. Programa 5. Rede Globo de Televisão, 2008.

encontrados além de ossadas de animais, materiais de ferro e madeira típicos dos rituais de origem negra.

Sendo D. Lourdes não só contadora de histórias, mas também, mãe-de-santo, sacerdotisa primeira do Candomblé, não se pode estranhar que sua história estivesse ligada aos acontecimentos que envolveram a Cruz do Patrão. Contudo, não foi o próprio Exu que aparecera à sua amiga no referido braço de mar, como um dos casos relatados por Gilberto Freyre, mas sim um monstro marinho saído das águas assombradas da cruz. Monstro do tipo dos que assombravam os grandes viajantes do século XVI, seres ameaçadores que viviam na água ou à beira dela prontos para, a qualquer momento, devorarem o marinheiro e sua tripulação. Poderia ser, até mesmo, certo monstro citado por Freyre em seu *Guia Prático Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*:

Mas foi na praia de Santa Rita, perto da igreja de São José de Ribamar, que em 1900 se encontrou um monstro marinho que o Recife inteiro foi ver. 'Há muitos dias – vem no Jornal Pequeno de 30 de maio de 1900 – dizia-se ter aparecido na ilha do Pina um monstro marinho de formato desconhecido. Até ontem o nosso repórter viu na praia de Santa Rita, onde houve grande ajuntamento de curiosos durante todo o dia, um enorme peixe de forma esquisita e muito cabeludo'. (Freyre, 1942: 109)

Outros foram documentados por expedicionários do século XVI. De fato monstros parecidos viviam assombrando pessoas à beira do mar desencadeando, como na personagem principal da história de D. Lourdes, um grande medo. Medo paralisante que não a deixara correr.

Segundo Jean Delumeau,

O medo (individual) é uma emoção-choque, freqüentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage por uma mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca sobretudo modificações endócrinas. (...) Nos casos-limite, a inibição irá até uma pseudoparalisia diante do perigo (estados catalépticos) e a exteriorização resultará numa tempestade de movimentos desatinados e inadaptados, característicos do pânico. (1989: 23).

O processo descrito pelo autor da *História do Medo no Ocidente* nos faz lembrar o pavor sentido pela protagonista. Foi tamanho o medo que ela ficou paralisada e apenas diante do perigo iminente conseguiu reunir forças para fugir do espectro.

Na mesma linha das narrativas de assombração ligadas ao mar, tivemos a oportunidade de ouvir de D. Lourdes a seguinte história:

*Um pescador disse a mim, dizem que é história de pescador, né? Mas não é. Eles vivem dentro do mar, eles vêem muitas coisas! Ele disse que uma vez tava na praia ajeitando o bote para o outro dia de manhã. Quando saiu passou um boto pulando, ele disse: ‘ - Oxe, esse boto vai para praia é?’. A praia seca, né? ‘ - Esse boto vai para praia, ele tá doido é? Ele vai é morrer!’. Aí ficou olhando, ele pow, pow, pulou quando chegou na beira da praia ele deu três viradas e se levantou já um homem de terno, gravata, guarda-chuva, chapéu. Ele disse: ‘ - Oxente, o que é isso meu Deus? Cadê o boto? E esse cara? O boto caiu na areia e esse cara?’. Aí ele disse que seguiu o homem. Ele saiu andando, aí ele seguiu, seguiu, seguiu e ele foi diretamente para a zona dali do Recife Antigo. Aí disse que quando chegou lá... E ele de longe olhando, né? Ele disse que o cara entrou, chegou assim no cabaré disse que tinha uma moça muito bonita, ele sentou-se junto dela, daqui a pouco saíram os dois para o quarto e ele disse que olhando. Aí ele vai, terminou tudo, ele desceu e o pescador saiu assim e deixou ele sair. Deixou ele sair e foi atrás dele, foi atrás dele e ficou de longe olhando. Quando ele chegou na beira da praia ele deu três pulos, se virou num boto e fuuuuu dentro d’água novamente. Ele disse: ‘ - Meu Deus que coisa estranha! Eu nunca vi uma coisa dessas!’. Aí ele disse que quando foi na mesma hora ele saiu, foi no cabaré e falou com a mulher que ele saiu com ela que ele viu, ele disse: ‘ - Olha, aqui teve um senhor de terno preto, de chapéu de guarda-chuva, ele conversou com você aqui e saiu com você lá para cima para o quarto, aí ela disse: ‘ - Foi eu me lembro. Foi quase nesse instante não foi?’. Aí ele disse: ‘ - Foi, faz umas horinhas’. Aí ela disse: ‘ - Foi família do senhor?’. Ele disse: ‘ - Não, eu queria saber se ele foi para o quarto com você, transou e tudo’. Ela disse: ‘ - Foi’. Ele disse: ‘ - Ele pagou a você?’. Ela disse: ‘ - Pagou’. Ela disse até o tanto de dinheiro que ele pagou. Ele disse que nunca mais esqueceu disso e ficou preocupado: ‘ - Minha Nossa Senhora, não é que essas coisas existem mesmo?’. (04/07/2008)*

Mais uma vez podemos perceber na narrativa um mecanismo que visa dar legitimação ao fato que está prestes a ser narrado. Ao afirmar: “*dizem que é história de pescador, né? Mas, não é. Eles vivem dentro do mar, eles vêem muitas coisas!*” a contadora reitera o fato de que o pescador, indo aonde os outros não chegam, é conhecedor de mistérios e segredos. A história do boto é difundida em todo o país, principalmente na região amazônica onde a mesma ficou célebre, inclusive, funcionando de forma coercitiva para que as moças não saíssem de casa, nem dessem conversa a homens desconhecidos. Carlos Aldemir Silva (2003) escutou história parecida no Pará pela boca do contador Mauriz Nunes Valente:

*Uma vez quando eu era ainda menino, com mais ou menos uns oito ou nove anos, estava indo de canoa para a cidade com meu pai. Nós saímos lá do nosso no rio Curupitomba, um afluente do rio Tocantins, próximo de Cametá. A gente pegou um atalho, rio a fora, para poder pegar a maré enchendo, bem na madrugada. Saí com meu pai numa canoa, eu sentado na frente e ele atrás. Chegando lá fora no rio, suspendi a vela para aproveitar bem o vento e chegar mais rápido na cidade. Isso era umas duas horas da madrugada. Com aquele vento começava a enchente e o rio bem baixo, deixava a praia toda fora, com uma onda grande como numa ilha.*

*No percurso do rio, em direção a cidade de Cametá, nós passamos num lugar chamado Capumpema e, em seguida avistamos outro povoado, na beira do rio: um tal de Joroca, que tem uma ilha grande bem próximo. Por lá fica melhor viajar devido ser possível pegar um bom vento e ir embora mais rápido para a cidade. Quando nós passamos por lá por perto da ilha, eu vi duas pessoas bem brancas, tamanho de uma pessoa adulta mesmo. Vinha uma atrás da outra, saindo lá de dentro do aningal, correndo, correndo, correndo, tchá, tchá, tchá... Jogaram-se dentro d'água, tchei, tchei, tchei... Num mergulho bem veloz, indo para o fundo do rio e desaparecendo. Daí mais alguns metros na frente, vi um rapaz próximo de uma casa, remando na mesma direção que nós, para pegar o rio grande (o rio Tocantins) e, poder sair próximo a cidade de Cametá. O que nós íamos fazer agora? Nada. Fomos embora. Papai também não falou nada. Quando chegou lá na cidade papai disse para mim: ' - Tu viste aquele negócio lá?'. Então eu disse: ' - É, eu vi sim! Aquelas duas pessoas correndo na praia que se jogaram dentro d'água, tudo branco, branco, branco, eu vi sim!'. Aí ele falou: ' - Aquilo é o boto!'*

*Eu não sabia o que era. Também não fiquei com medo, eu não sabia o que era. Aquilo lá eu vi, ninguém me contou. Quando voltamos da cidade, já era quase hora do entardecer. Ao nos aproximarmos daquela mesma ilha tudo voltou na minha cabeça: a maré baixa, a praia, o casal de botos e os mergulhos ligeiros deles na água. De longe percebi vários vultos se movimentando na areia como se fossem alguns garotos da minha idade, jogando futebol. Nesse momento falei para o meu pai: ' - Aqueles garotos ali, são moradores das ilhas próximas que vem jogar bola na maré baixa?'. Bem tranquilo, como na madrugada em que passamos pelo mesmo percurso do rio, ele me disse: ' - Tu ainda não percebeste o que é? São os botos que estão jogando futebol naquela mesma ilha em que estava o casal de manhã cedo'. Quando nossa canoa foi se aproximando um pouco mais da ilha, percebi que eles pularam, um a um, na água e desapareceram todos.*

São duas histórias de pescadores. Na narrativa acima a aparição se dá às margens de um rio e não do mar, como nos contou D. Lourdes. Na primeira o boto sai para seduzir uma mulher “*da vida*”, mulheres da beira do cais que vendem seu corpo em troca de dinheiro; já no Pará os botos saem simplesmente para banharem-se ou jogarem futebol. Nas duas percebemos semelhanças interessantes como o fato da repetição de algumas palavras por três vezes consecutivas. São também de número três os pulos que o boto dá para virar homem. Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1997): “*o três é um número fundamental universalmente. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem*” (p. 899). Os autores afirmam ainda que, presente em forma de símbolos na maioria das religiões do mundo, o significado da presença trina deve ser buscado, entre outras coisas,

em uma visão global do ser humano que se resume em três fases da existência: nascimento, crescimento, morte. Dessa forma, torna-se compreensível os três pulos do boto para tornar-se homem, já que o número três simboliza nesse caso a transformação/transmutação do animal em homem e vice-versa.

Pode-se perguntar como tal narrativa surgira no Recife, porém acredito nas palavras de Câmara Cascudo (2004) ao afirmar que não existe história privativa de uma única região, as narrativas vão migrando, causando medo aos habitantes dos mais variados locais do país. Medo que também sentiram diversos moradores diante das águas do Recife, não só da água de seu mar, mas também das águas de seus rios. D. Pretinha residente do bairro de Apipucos há 85 anos, desde que nasceu, me conta sobre as águas do Açude de Apipucos.

D. Pretinha é figura importante nas reuniões da meia-idade promovida pela Fundação Gilberto Freyre<sup>11</sup>. Cheguei até ela, essa senhora negra, católica, de olhos tão azuis através de uma indicação da citada Fundação.

Quem vem andando no Bairro de Casa Forte até o seu vizinho Apipucos pela avenida principal (Avenida 17 de Agosto) depara-se em certo momento, nas imediações do Açude de Apipucos, com a Praça Gilberto Freyre. Bem em frente à estátua do famoso escritor, outrora morador ilustre do bairro, podemos perceber, ao atravessar a avenida, uma rua estreita, quase um beco. Caminhando sempre em frente chega-se, do lado esquerdo da rua, a uma casa rosa, de porta e janela. Em caso de dúvida, pode-se perguntar: ‘ - Onde mora D. Pretinha?’. A comunidade inteira saberá responder.

---

<sup>11</sup> O encontro da meia-idade chama-se “Jovens Aprendizizes”. Trata-se de um projeto idealizado por Cristina Freyre, vice-coordenadora da Fundação Gilberto Freyre, que se destina a reunir idosos moradores do bairro de Apipucos. As reuniões não possuem uma regularidade. Nelas são promovidas diversas atividades desde contação de histórias até oficinas de artesanato.



D. Pretinha nasceu Maria José do Carmo em 10 de junho de 1923, na mesma casinha na qual me recebeu algumas vezes para conversar sobre assombrações. No bairro calmo de Apipucos tão venerado por Freyre (1983): *“suíça do Recife, é também, pela paz que tem reinado entre seus homens. Raríssimo um crime em Apipucos cometido por gente do lugar. Seus moradores vivem numa harmonia que só raríssimas vezes têm sido alterada”* (P. 35). Mesmo hoje, diante do grau de violência vivido pelos moradores da cidade, o bairro de Apipucos é referenciado por D. Pretinha:

*Eu moro aqui já faz oitenta e cinco anos que eu moro aqui, graças a Deus. O que houve de morte aqui foram seis mortes, durante oitenta e cinco anos, seis mortes aqui nessa rua, pronto. Lugar calmo, se aparecer alguma pessoa bulindo numa casa não é daqui. Aqui é muito bom! (03/07/2008).*

Foi neste bairro que a contadora se criou. Não teve mãe, segundo ela: *“vou te contar: minha mãe me pariu e me deixou aqui com uma tia, eu fui criada com uma tia”*. Começou a trabalhar aos nove anos em algumas casas de famílias tradicionais da região e até hoje lava roupa para fora.

Sentada ao seu lado no sofá de sua residência cheia de encantamento pude ouvi-la. Apesar de todos informarem ser ela a moradora mais antiga da região e grande

contadora de histórias, D. Pretinha começou nossa conversa afirmando que nunca tinha visto assombração: “*eu nunca vi assombração não. A assombração daqui sou eu*”. Afirmou categórica e comicamente com sorriso largo e jeito brincalhão. Por mais que perguntasse, a contadora brincava, desconversava e voltava a afirmar que nada sabia. Apesar disso permaneci tranqüila, lembrei-me que percorria um terreno delicado, o terreno das grandes histórias no qual, muitas vezes, os contadores negavam a habilidade de contar e lançavam mão desse artifício como estratégia da narração.

Encarei-a assim como um *disclaimer*, conceito defendido por Baumann (1977 apud HARTMANN, 2005) ao analisar aspectos da performance do contador. Mesmo não entendendo meus interlocutores como *performers*, como faz o autor, nem dando ênfase ao caráter performático de cada um deles, pude perceber esse dispositivo que ocorre em diversas ocasiões narrativas. Acredito também que ao negar a sabedoria de contar, num primeiro momento, D. Pretinha quis saber em qual terreno estava pisando, quis certificar-se de que aqueles ouvintes possuíam o merecimento de ganhar suas narrativas:

*Minha filha, o pessoal contava quando eu era criança, quando eu era pequena que eu não sei quando que era foi porque eu já tô muito velha (risos); o pessoal dizia desse açude, né? Que tinha uma noiva que saía ali da... Sabe onde é o sangrador? Saía uma noiva dali, isso o pessoal dizia, mas eu nunca vi não, eu nunca vi não! Outros diziam que dentro desse açude tinha uma corrente de ouro, que a corrente atravessava a rua depois recolhia, agora também coisa que eu nunca vi, não vou mentir para ser boa. (03/07/2008).*

Mesmo ainda afirmando que nunca vira assombração e tentando me convencer disso através da repetição da frase “*eu nunca vi não*”, a contadora começou a citar histórias que tinham feito parte da sua infância. Narrativas passadas no Açude de Apipucos local bem próximo de onde D. Pretinha nasceu e vive até hoje. Provou assim ser um dos tipos de contadores delineados por Benjamin (1988); como o homem que ganhou sua vida honestamente sem sair do seu local de origem sendo assim conhecedor de suas histórias e tradições.

D. Pretinha passou sua vida toda em Apipucos, é referenciada por sua comunidade como grande contadora de histórias, seria possível, de repente, ter desaprendido a contar? Acreditava que não, e atenta continuei a perguntar sobre sua vida e suas histórias. Depois de certo tempo meu presente chegou:

*Agora eu vou te dizer, para dizer que eu nunca vi uma coisa, nessa época agora eu não sei que ano era eu não me lembro. Eu lavava prato no açude, nesse tempo o açude era AÇUDE (ênfase da contadora), limpinho, a gente lavava prato no açude. Aí tava no horário de verão, aí eu disse: ‘ - Meu Deus que horas são?’. Aí eu desci com a bacia de prato quando eu cheguei no açude que eu botei a bacia de prato em cima da tábua e comecei a lavar os pratos. Aí eu vi dali uma luz, como uma vela, descendo assim o pé de coqueiro assim... Aí eu perguntei a um rapaz que passou: ‘ - Que horas tem?’. O rapaz disse assim: ‘ - Duas horas’. Duas horas da madrugada, né? Aí foi descendo aquela luz, quando chegou embaixo a luz desapareceu. Foi a única coisa que eu vi, que eu me lembro que eu vi. (03/07/2008).*

A narrativa trata de tema bastante recorrente na literatura sobre histórias de assombração. Aparições de luzes misteriosas já foram tratadas por Freyre (2000) ao recolher relatos de moradores de Casa Forte, sobre certas luzes que apareciam no Morro do Arraial. Também Silva (2003) recolheu em Belém do Pará história parecida, na qual as luzes vindas do rio eram interpretadas pelos pescadores como os olhos da cobra grande, velha conhecida, que assombra a região pesquisada. Na praia de Ponta de Pedras, em Pernambuco, Maria do Socorro Figueiredo recolheu a seguinte história:

*Tem muita história da carochinha, essas são mentirosas. Erros eu não conto que não sei mentir; só conto o que aconteceu de verdade. Do mesmo jeito que tem a caipora na terra, que guarda a mata e faz o caçador se perder; no mar tem o João Gala Foice. É um farol na maré que anda sem ninguém. Ele fica como se fosse um farol na frente, ele muda de lugar e faz o pescador ficar variado no mar; faz não acertar o porto. Dizem que muitos pescadores nunca conseguiram voltar. (2005: 63)*

Para Danilo Paiva Ramos<sup>12</sup> (2006): “se a função social da luz é a orientação, essas luzes, que se multiplicam e tomam distintas direções colocam em risco a própria vida, porque não são controladas pelos vivos” (s/p). Luzes parecidas com a de D. Pretinha que surgiu e foi sumindo sem que ela tivesse domínio sobre a situação. Mas,

---

<sup>12</sup> O autor fez estudo sobre histórias de assombração presentes no acampamento Carlos Lamarca MST na cidade de Itapetininga/SP. Para ele, tais narrativas ajudam a esclarecer as experiências de perda de terra, migração, trabalho e conflitos presentes no assentamento em questão.

interessante notar é que tal aparição se deu às margens do Açude de Apipucos – barragem construída para represar as águas do rio Capibaribe -, onde a contadora passou parte de sua vida lavando pratos e roupas numa relação íntima com a água que, no seu tempo, era “limpinha”. Tal afirmação me fez lembrar das palavras de Antônio Paulo Rezende ao tratar sobre o Recife: “*as dificuldades que a cidade enfrenta na sua relação desequilibrada, atualmente, com a natureza, alimentam esses desejos de retorno. Criam-se fantasias, resultado das carências de cada época*”. (2002: 25). Assim, ao enfatizar na sua fala as águas anteriormente limpas do Açude, D. Pretinha denuncia o descaso atual pelas águas dos rios e lagos recifenses.

O Açude de Apipucos para Freyre (1983), mais parecia um lago tropicalmente suíço. As águas do rio Capibaribe tinham fama de medicinais; nelas, famílias inteiras iam se banhar. Em consonância com isso, a contadora revela aspectos de um tempo em que a relação dos moradores da região com as águas era muito forte:

*Lavava roupa, tomava banho no Açude, graças a Deus. Que tempo bom! Como eu tô cansada de dizer, antigamente eu trabalhava aí na rua, fogão de lenha, quando eu terminava a cozinha lá, eu vinha embora para casa, caía dentro desse açude, tomava banho, não tinha uma gripe! Depois, inventaram essa tal vacina de velho, mas lascou-me! (risos) Desde que eu tomei essa vacina de velho que eu só vivo gripada! (03/07/2008).*

Por mais de uma vez, D. Pretinha rememora os tempos nos quais os moradores do local dependiam do açude para fazer os serviços mais simples do dia-a-dia como: lavar pratos, roupas ou tomar banho. A forte presença do referido açude na vida dos moradores do bairro<sup>13</sup>, principalmente se levarmos em conta o número de mortes que ocorreu no local devido ao intenso uso das suas águas, contribui para que essa barragem seja uma fonte inesgotável de assombrações. Uma dessas mortes nos foi relatada por D. Maroca, outra moradora antiga da mesma região. Indagada sobre as histórias de assombração, ela disse que não conhecia nenhuma, mas que sabia “*histórias da vida real*”:

<sup>13</sup> Ainda hoje diversos pescadores retiram do chamado “espelho d’água” de Apipucos o sustento para sua família. [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br) acessado em 07/10/2008.

*Agora que morre muita gente aí eu sei, aí eu vi. Essa cena eu vi lavando roupa com a minha mãe. Morreu a tia e a sobrinha por causa de uma bacia. Que a bacia saiu e uma saiu atrás da outra, terminou morrendo todas duas, agarrada nem salvou bacia nem salvou nada. Eu tinha uns nove anos quando aconteceu isso aqui nesse açude. (03/07/2008).*

Essas histórias de morte nas águas também foram confirmadas por Freyre (2000) ao falar sobre o Capibaribe: *“também dramático. Rio de afogamentos, de suicídios, de crimes”*. (P. 90). Dentro dessa perspectiva, real e imaginário se misturam formando uma grande teia que dá sentido à vida das pessoas. As mortes poderiam ter inspirado as assombrações ou vice-versa. Além disso, na fala das três interlocutoras, desenrolam-se aspectos da vida pessoal costurados com fatos históricos, acontecimentos reais e/ou imaginados. Assim, no desabrochar de seus discursos vão surgindo pontos de vista de cada uma sobre os acontecimentos mais gerais da comunidade, da cidade ou do país no qual vivem. Desse modo, as histórias de assombração constituem uma linguagem específica para tratar de questões decisivas à comunidade.

Tem-se em comum nas narrativas, as assombrações ligadas à água, esse elemento feminino detentor de mistérios e segredos. Segundo Jung (2000) a água é o símbolo mais comum do inconsciente, produzindo assim um imaginário específico. Se entendermos, como o faz Michel Maffesoli, que todo imaginário é coletivo, podemos estudar o medo das águas presente em tais narrativas como um caminho legítimo para entender a cidade. Para o autor: *“o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”*. (2001:76)

Sendo o imaginário imbricado ao real, podemos entendê-lo como resultado do espírito de um grupo, no caso específico do nosso estudo, as histórias contribuem para forjar as visões de mundo do recifense. As contadoras partilham através dessas histórias uma filosofia de vida, que se materializa no vivido.

Banhado por dois rios – Capibaribe e Beberibe – e o oceano atlântico, o Recife estabeleceu um vínculo afetivo com as águas que alimentam seu imaginário até hoje, como foi evidenciado por meio das narrativas apresentadas pelas interlocutoras. No Recife percebi não haver a supremacia das águas doces sobre as águas salgadas, ambas possuem o mesmo grau de importância para o imaginário local, pelo menos no que concerne ao imaginário relacionado às histórias de assombração. O Recife não surgiu apenas de seus rios, não surgiu apenas de seu mar, os dois tiveram papel importante na consolidação da cidade. Além disso, sendo durante muito tempo, seus moradores constituídos predominantemente por pescadores, marinheiros e mercadores, torna-se compreensível que suas águas tenham adquirido a fama de mal-assombradas.

Recife, nascida sobre as águas, elemento que, segundo Bachelard (2002), dá vida a impulsos imaginários inesgotáveis, se constituiu vila no ano de 1537. O fortalecimento da cidade se deu através do comércio marítimo e fluvial tendo os primeiros núcleos urbanos se desenvolvido às margens do rio Capibaribe. Grande parte desse fortalecimento se deu devido à invasão holandesa no século XVII. Não é que não existisse o Recife antes da chegada dos flamengos, como afirmado anteriormente a elevação à categoria de vila se deu em 1537. Já nesta época existia um aglomerado humano significativo, porém concordo com a afirmação de Mumford (1965) segundo a qual “*nenhum mero aumento numérico haveria, com toda probabilidade, de bastar para transformar uma aldeia numa cidade*” (P. 45), mas um estado de espírito propício ao surgimento da *urbe* somente foi delineado com o advento da invasão holandesa. A partir de então, Recife passou a ser símbolo do possível, uma projeção ideal, uma cidade ao mesmo tempo simbólica e prática, possuidora de alma.

Os holandeses priorizaram a ocupação do Recife portuário tão parecido com a batava Amsterdã. Porto de águas que protegiam militarmente e que também possibilitavam o abastecimento da população. Sob o comando do príncipe Maurício de Nassau os holandeses,

possuindo técnicas avançadas de dominação das águas, construíram pontes, aterros em grande escala e canalizações; empreenderam grandes transformações na paisagem urbana do Recife. Mas, assim como o mero aumento da população, tais empreendimentos não bastariam para criar uma cidade. Eduardo Duarte (2006) chamará de “*desejo de cidade*” um movimento coletivo que:

Faz e refaz sua urbanidade, que desloca sua população com novas perspectivas de economia levando ao alargamento geográfico da sua malha de construção. O desejo de cidade desenrola o gigantesco tapete da cidade por sobre vales e montanhas. Um desejo, que perpassa todas as escolhas e conflitos de escolhas, soma-se com o passado fundador geográfico e com os sonhos de cada momento por futuros melhores. Um desejo que sobrevive a invasões, destruições e pilhagens; que se reconstrói num caminho possível ou perde vontade de existir e sucumbe em ruínas. Um desejo composto por camadas ou estratos de vontades, sonhos, frustrações, que constroem técnicas para satisfazê-los, mas que também são construídos pelas mesmas técnicas. Cada salto de complexidade de uma sociedade pelo agenciamento coletivo de uma técnica, faz emergir uma nova condição de cognição coletiva no mundo e por sua vez novos desejos gestados a partir desse novo referencial coletivo de pensar. Esses estratos se comunicam como um rizoma, e faz emergir uma ação, um movimento, que aqui chamamos de desejo de cidade (p. 5).

Dentro dessa perspectiva, os recifenses foram inventando a sua cidade. Da aldeia de pescadores, do porto, se fez o Recife. Como afirma Freyre, “*a cidade pode-se se dizer que saiu de dentro d’água como uma Iara. O rio está ligado de maneira mais íntima à história da cidade. O rio, o mar e os mangues*”. (1942:118). Saiu de dentro d’água e, na sua expansão territorial, foi seguindo os cursos de seus rios e mar, crescendo em direção aos engenhos que se situavam às margens de suas águas. Dessa forma, com o passar dos anos, também eram construídas as casas, sejam os mucambos ou as primeiras belas fachadas, sempre voltados para o rio. Chegando Josué de Castro (1954) a afirmar que, durante muito tempo, a água continuou sendo a principal “*artéria urbana*” do Recife.

De acordo com as formulações de Bachelard o elemento água, nesse caso, formaria um tipo particular de imaginação, mais ligada à intimidade, à terra natal:

Mas a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire exata substância; é a ela que pedimos a nossa cor fundamental. (Idem: 9).

Assim, podemos pensar que a matéria primeira que deu origem ao imaginário recifense foi mesmo a água de seus rios e mar. Elemento material que primeiro lhe formou enquanto cidade fazendo seu comércio se consolidar e seu território se expandir. Elemento que marca a identidade dos recifenses, cidade intitulada Veneza Brasileira.

Vários são os estudiosos que citaram a importância das águas do Recife. Vamireh Chacon (1959), em seu livro *O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio*, faz um estudo aprofundado sobre a relação do Recife com o Capibaribe, rio presente nas histórias de D. Pretinha por meio do Açude de Apipucos. Para o autor, o rio foi uma unidade fundamental de surgimento da cidade, unidade não só geográfica, mas histórica, econômica, sociológica, poética e sentimental. Além de seu valor comercial para o desenvolvimento do Recife (serviu de transporte para a cana-de-açúcar no período colonial), Chacon irá afirmar que pouco a pouco o Capibaribe, junto com o Tejipió com o qual tem foz comum, aterrara a superfície que hoje é o Recife. O Capibaribe percorre diversas cidades do estado, mas tem no Recife seu encontro com o mar. Mar tão citado nas narrativas de D. Lourdes. O Recife assemelha-se assim a Isaura, cidade delgada de Calvino (1990):

Presume-se que Isaura, cidade dos mil poços, esteja situada em cima de um profundo lago subterrâneo. A cidade se estendeu exclusivamente até os lugares em que os habitantes conseguiram extrair água escavando na terra longos buracos verticais: o seu perímetro verdejante reproduz o das margens escuras do lago submerso, uma paisagem invisível condiciona a paisagem visível, tudo o que se move à luz do sol é impelido pelas ondas enclausuradas que quebram sob o céu calcário das rochas. (P. 24)

Jean Delumeau (1989) em capítulo intitulado “Os medos da maioria” informa que, durante muitos anos, o mar foi encarado como o lugar do medo. Das suas águas bravias adivinham os maiores males: os inimigos, as pestes e os fantasmas. Em relação a suas águas calmas, acreditavam os pescadores ser prenúncio de morte. Para o autor: “*é que a água, naquilo que tem de maciço, de poderoso, de incontável, de profundo e de tenebroso, foi durante milênios identificada como um antielemento, como a dimensão do negativo e o lugar*

*de toda perdição*”. (Idem: 46). Assim, não é de se espantar que as águas do Recife tivessem importante papel no imaginário da cidade.

De fato, as águas possuem algo de mortal para os moradores da cidade. Um dos fatores importantes para a criação desse imaginário foram as enchentes. A primeira cheia do Capibaribe que se tem notícia, nos informa Chacon (Idem), foi em julho de 1633, ameaçando romper obras que estavam sendo empreendidas na cidade sob o domínio holandês. Em 1641 outra: todos os cursos d’água transbordaram, os diques foram rompidos, as plantações acabadas. Novamente em 1650 arrastando a ponte de Afogados. Em menos de vinte anos, três enchentes causaram prejuízos consideráveis à cidade.

Já no século XIX os recifenses sofreram novamente com as cheias. Em 1854, após treze dias de chuva, partes dos bairros de São Antônio e da Boa Vista foram inundados. Novamente em 1869 as águas atingiram cerca de 6 metros acima do nível do mar nos bairros de Apipucos e Monteiro, provocando o maior prejuízo econômico que a cidade vivera até aquela data. Em 1894, outra grande cheia. Bairros inteiros alagados, pânico no bairro da Várzea onde pessoas disputavam canoas para se salvarem.

No século XX não foi diferente. Em 1910 enchente do Capibaribe em terras do município de Limoeiro, vindo precipitar-se no Recife, porém sem grandes prejuízos para a cidade. Em 1916, outra enchente sem maiores conseqüências, mas chegando a inundar várias casas na Várzea. Outra vez em 1924 uma das piores, digna de ser comparada com a de 1869, provocando alagamento de bairros inteiros. Fator importante de ser lembrado em relação a essa enchente foram os dois meses de calmaria nos quais os moradores trabalharam para se recuperar do prejuízo para, logo em seguida, serem atingidos por nova onda d’água que desceu sobre o Recife. Aproximaram-se de 5.000 o número de pessoas atingidas pelas enchentes. Já em 1940, uma cheia de menores proporções acabou com os mucambos às margens do Capibaribe. Ainda em 1950 com o aumento do nível de água dos rios cearenses, o

Capibaribe chegou a subir acima do nível considerado normal deixando ao todo 4.000 pessoas desabrigadas na capital pernambucana. Em 1953, outra cheia digna de ser lembrada.

Em 1965, outra enchente e com ela iniciou-se o que os especialistas iriam chamar de *moderno ciclo de enchentes do novo Recife metropolitano*<sup>14</sup>. Dezenas de pessoas foram mortas, centenas desabrigadas. No ano seguinte, nova enchente, dessa vez acompanhada do pânico da população já calejada por conta da cheia anterior. Em 1970 as águas do Capibaribe aumentaram de nível novamente causando novos prejuízos, porém, nada comparável à cheia de 1975, considerada a pior dos últimos 100 anos.

Em 1973 havia sido construída a barragem de Tapacurá que surgira com a promessa de acabar com o drama das enchentes, porém em 1975 a cheia chegou a atingir 35 municípios de Pernambuco, tendo as águas do Capibaribe aumentado em 10 metros na capital pernambucana. No final de tudo, contabilizou-se 1.500 pessoas desabrigadas e 107 mortos, somente na Região Metropolitana do Recife. Dessa feita, fato inusitado ocorreu: quando os moradores ainda estavam se recuperando da catástrofe causada pela cheia, surgiu um boato na cidade de que a citada barragem havia se rompido<sup>15</sup>. O Recife ficou tomado pelo pânico. Pessoas corriam pelas ruas, desesperadas. Largavam o serviço e subiam nos prédios mais altos do centro para fugirem da suposta inundação. A população foi tomada por um grande medo. Medo entendido aqui como “*o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária)*”. (Delemeau, 1989: 24). Três pessoas morreram. Foi preciso o governador Moura Cavalcanti fazer um pronunciamento nas rádios desmentindo o boato.

Tudo supostamente resolvido: entretanto em 1977, mais uma vez o “fantasma” das enchentes bateria a porta dos recifenses, devido ao aumento das águas do Capibaribe e do Beberibe. Este último ainda viria a subir de nível em 1980, inundando os bairros de Caixa d’água em Olinda e Porto da Madeira em Recife.

---

<sup>14</sup> Diário de Pernambuco 09/03/1980 <http://arquivo.pernambuco.com> acessado em 19/10/2008.

<sup>15</sup> Diário de Pernambuco 23/07/1995 <http://arquivo.pernambuco.com> acessado em 19/10/2008.

Diante disso, como poderia o recifense não temer águas tão bravias? Uma das funções da cidade é a de proteger contra a violência da natureza: “*o homem, angustiado pela morte, esforça-se-á por fugir dessa natureza odiosa que se diz ser mãe e que é tumba. Fechar-se-á na cidade, nas salas que escorrem luz elétrica*” (Morin, 1988: 122). Porém, no Recife, espetáculos reais estão na origem das metáforas da imaginação, os devaneios saem da natureza. O receio constitui também aqui o medo do desconhecido, daquela força contra a qual não podemos lutar. Tal temor remete ao conceito de Inconsciente defendido por Sigmund Freud. Braulio Tavares (2007) trabalhou tal conceito em contos clássicos da literatura fantástica. Assim, logo na primeira página, ele define o gênero literário a ser tratado no livro:

O Fantástico, considerado aqui como qualquer modalidade não-realista de narrativa (incluindo a fantasia, os contos de fadas, o sobrenatural, a ficção científica, os relatos alucinatórios ou absurdistas, e assim por diante), é para muitos escritores o caminho mais curto para fazer aflorar imagens do Inconsciente (p. 9).

Em tais histórias somos transportados para um espaço no qual o inexplicável pela razão é lugar-comum. Analisando o texto “O Estranho” de Freud, o autor vai constatar que a literatura fantástica e o Inconsciente são “*vasos comunicantes*”. Isso porque “*o Inconsciente tudo engole e tudo recebe, nele tudo cabe, porque é um poço sem fim*” (p. 13) e sendo, a literatura fantástica, um terreno em que o racional é facilmente ultrapassado torna-se, também, um curto caminho para analisar as imagens do Inconsciente.

Juntando-se isso à idéia defendida por Santos (1998: 77) de que a cidade atende “*a desejos e a necessidades tanto conscientes quanto inconscientes*”, tais narrativas, inseridas na cidade, tem muito mais a nos dizer sobre o Recife do que supõe um primeiro olhar desatendo sobre os mal-assombrados. O Estranho é então encarado como o lugar do medo. No nosso caso, medo da fúria da natureza e do sobrenatural.

Ao utilizar a poesia para analisar os devaneios ligados à água, Bachelard (2002) irá afirmar que os nervos da água estão à flor da pele: “*então o tempestiário mergulha o bastão até a vasa; chicoteia a fonte até as entranhas. Desta vez o elemento se enfurece, sua*

*cólera torna-se universal; a tempestade ribomba, o raio corusca, o granizo crepita, a água inunda a terra” (P.188).*

Sendo a água um elemento transitório, o autor irá dizer também que o ser ligado a ela encontra-se em constante vertigem. Como dito anteriormente, os recifenses estão intimamente ligados às águas de sua cidade tornando-se indivíduos que morrem a cada dia, mas renascem e reconstroem a sua existência assim como na constante luta contra as cheias.

De fato as águas que constituem o cenário da maioria das histórias de assombrações no Recife tratam não de um rio manso e claro, não de um mar bondoso, porém de lugares tenebrosos, cheios de mistérios, mar sombrio, rios de água triste nos quais habita a morte. Águas que assustam e apavoram. As paisagens construídas são sempre de tensão e medo, paisagens essas que refletem a própria vida na metrópole.

Comum às narrativas citadas neste capítulo, tem-se o fato das visões aparecerem durante a noite que, nesse caso, não traz a paz, a tranquilidade e a harmonia, mas a noite citada por Durand como *“a que recolhe na sua substância maléfica todas as valorizações negativas precedentes. As trevas são sempre caos e ranger de dentes”* (1997: 92). É também a noite angustiosa citada no livro sagrado: *“o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”* (Salmo 30:5). Um convite à morte, porque dormir também é uma forma de morrer. Tal noite nos trará uma água repleta de sombras. Na união da noite com a água, esta se torna má, masculina. Ainda para Bachelard:

Ao raiar do dia, os fantasmas sem dúvida ainda esvoaçam sobre as águas. Brumas vãs que se esgarçam, eles se vão... A pouco e pouco, são eles que têm medo. E assim eles se atenuam, afastam-se. Ao contrário, quando a noite chega, os fantasmas das águas se condensam, e portanto se aproximam. O terror aumenta no coração do homem. Os fantasmas do rio alimentam-se pois da água e da noite. (2002: 105).

Porém, é preciso lembrar que sendo um símbolo, a água não se deixa apreender totalmente. Para Jung (2000) todo símbolo tem os dois sentidos, o sentido negativo e o positivo. Assim, as narrativas são um conjunto de imagens antagônicas, em tais imagens

percebemos além da água violenta, masculinizada, também a água feminina. Águas maternas que deram à luz ao Recife, como afirma Freyre (1983):

Cidade anfíbia com alguma coisa de sereia; e, portanto, de mulher. Cidade meio-terra, meio água. Cidade mãe d'água, boa para os que procuram refugiar-se na sua ternura úmida: nas suas margens do Capibaribe. Trópico úmido. Cidade-sereia que atrai, seduz, fascina homens de outras cidades e de outras terras, de outros países, de outros climas, fazendo-os inteiramente seus. (p. 21).

Cidade-mulher que se deixa desnudar pelos olhos do narrador. Contando histórias de assombração, os moradores da cidade acabam revelando dimensões marcantes do Recife. Pode-se então dar-lhe os nomes das diversas cidades de Calvino (1990): Diomira, Isidora, Dorotéia, Zaíra, etc.; em todas elas estaria bem representada. Como veremos no próximo capítulo, ao analisar a constante presença da mulher em tais histórias, Recife apesar de ser chamada “o Recife” é, como todas as cidades, feminina.

*Ela tem uma face de trevas, é o caos de onde tudo se originou e para onde tudo deve um dia retornar [...]. É noite nas entranhas da terra. Essa noite onde o homem é ameaçado de abismar-se, e que é o avesso da fecundidade, o apavora.*

*(Simone de Beauvoir)*

## CAPÍTULO II:

### *A Cidade Feminina*

Percorrendo os caminhos que me foram revelados pelo campo, chego ao Centro Social da Torre<sup>16</sup> para conversar com D. Zete, contadora de histórias já referenciada em outro trabalho. Tomei conhecimento da sua existência por meio da leitura da dissertação: *Contadores de História: tradição e atualidade* de Maria do Socorro Fonseca Vieira Figueiredo. Foi a autora que me apresentou à contadora. Numa manhã de quarta-feira cheguei à instituição, fundada em 1966, que funciona como colégio municipal de ensino infantil e fundamental. Constitui-se de uma casa antiga, de primeiro andar adaptada para servir de espaço escolar. Esperando por Zete, me diverti olhando o movimento das crianças. Ficava imaginando como seria essa contadora, como seriam suas histórias, estava ansiosa, apesar de conhecer parcialmente seu universo através da leitura que tinha feito. Quando finalmente se deu nosso encontro, percebi uma mulher forte e conhecedora de seus direitos, exigiu retorno depois que meu trabalho estivesse pronto. Ela estava certa em observar o compromisso que deve existir em qualquer pesquisa científica.

---

<sup>16</sup> Razão Social: Associação Cristã Feminina (Centro Social da A.C. F Torre). Rua Floriano Francisco de Oliveira, 96. Torre. Recife.



D. Zete é Gisete de Lima Cabral Barroca. Nasceu 25 de maio de 1941 às 10 horas de um dia de domingo, no povoado de Frei Caneca, município de Maraial<sup>17</sup>, zona da mata do Estado de Pernambuco. Sobre o seu nascimento ela conta:

*Eu nasci num lugar maravilhoso do mundo, que eu amo de paixão. (...) Hoje ele ainda está pior de quando eu morava lá, quando eu nasci. Nasci com parteira, que a gente chamava parteira, meu parto foi em casa. Nasci sozinha, até nisso eu fui diferente. Quando meu pai foi buscar a parteira ela só veio para fazer a limpeza em minha mãe porque quem cortou meu umbigo eu tive a honra de ser meu pai. Eu acho que era isso que eu era muito ligada nele, foi meu pai que me pegou porque não deu tempo. (04/09/2008).*

Hoje, aos 67 anos, D. Zete é viúva e auxiliar de diretoria do Centro Social da Torre. Ao começar sua fala, me chamou atenção o movimento frenético de suas mãos, gestos fortes, firmes e rápidos. Lembrei-me de Benjamin (1988): “*na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito*” (p.221).

Sustentando de cem maneiras o que ia dizendo, D. Zete começou a falar de como as histórias constituíam forte instrumento para despertar em alunos e educadores o prazer da leitura. Através delas ensinou suas filhas. Relembra sua infância em Frei Caneca

---

<sup>17</sup> Distante 159 km do Recife.

onde as pessoas se reuniam à luz de candeeiros para contarem histórias, e afirma que tais narrativas tiveram um papel fundamental em sua vida. Lamenta os entes queridos que perdera com o passar dos anos e as histórias que foram junto com eles. Diz que sente saudades das grandes reuniões de família, nas quais as pessoas se reuniam para contação. Entretanto, lembra de muitas narrativas, reconta e continua plantando a semente no coração dos ouvintes, mas para ela, época boa mesmo era quando podia se reunir com a família. Talvez seja por isso que suas narrativas remetam também aos lugares onde passou a sua infância, às experiências compartilhadas no universo do povoado de Frei Caneca.

Mesmo sendo essa dissertação, um estudo sobre a cidade do Recife, decidi manter todas as narrativas de D. Zete, independente do cenário em que se desenrolavam. Isto porque, acredito que o Recife é atravessado pelas influências da Zona da Mata ou de qualquer outra região do Estado, se constituindo em um espaço simbólico que ultrapassa as delimitações geográficas. Nesse ponto, concordo com Freyre (2000): *“o Recife tem sido ponto de confluência de todos esses transbordamentos de emoção, de exaltação, furor místicos vindo do interior do Nordeste; inclusive do Nordeste que o sociólogo francês Roger Bastide classificou de ‘Nordeste místico’”* (P. 59).

Por isso, acredito que a maioria das narrativas a serem citadas neste capítulo, constitui versões diferentes de um mesmo tema que engloba o elemento feminino e sua simbologia. Ademais, citar apenas as narrativas que dizem respeito à capital de Pernambuco seria, no meu entendimento, matar parte da história de D. Zete, da sua experiência de vida, tão importante para entender seu universo narrativo.

Continuando sua fala, a contadora se diz triste por essas histórias serem tão pouco valorizadas na atualidade. Sobre o gênero narrativo das assombrações, afirma que umas narrativas são verídicas e outras mentirosas, mas que de qualquer forma, nos dois casos, as histórias versam sobre fenômenos da natureza. Benjamin (1988) refere que os narradores

continuam integrados com os elementos da natureza pelo fato das histórias serem um fazer dentro da própria vida. Em consonância a essa teoria, D. Zete nos explicou: “*que a gente queira ou que não queira, essas histórias têm uma influência muito grande no dia-a-dia. A gente aprende a respeitar o sobrenatural, a gente aprende a respeitar a natureza*”. Para ela, esses dois elementos se retroalimentam, por isso, as histórias de assombração são de grande importância para a vida:

*É como o rio, nós respeitamos as nossas lendas dos nossos rios, como os pés de Ingá que é a gente não pegar os peixes miudinhos como pegar piaba, piaba era o único peixe miúdo que quando a gente pescava podia pegar porque os pés de Ingá, disse que todo pé de Ingá é malassombrado, né? Que tem uma menina que aqueles ingás são as tranças dela que protege os peixes e as pessoas que pescam. Então a gente tinha um respeito muito grande de não chegar, se você olhar no interior os ingazeiros eles colocam as bajens, coloca os frutos, ninguém tira, só na hora de comer porque dizem que os ingás são as tranças de uma menina que foi morta e enterrada e dali saiu os ingás e ela protege.*

A menina da narrativa, assim como a Iara citada por Cascudo (2001), é moradora do rio, morrera lá e o protege com seus longos cabelos:

Deitada sobre a branca areia do Igarapé, brincando com os matupiris, que lhe passam sobre o corpo meio oculto pela corrente que se dirige para o igapó, uma linda tapuia canta à sombra dos jauaris, sacudindo os longos e negros cabelos, tão negros como seus grandes olhos (p. 13).

É assim também com o mito da Caipora, mais conhecida na cidade como Comadre Florzinha, Deusa protetora da floresta e de tudo que nela contém:

Espírito de uma cabocla de longos cabelos, ágil, que vive na mata protegendo a natureza dos caçadores, que gosta de ser agradada com presentes, principalmente fumo e mel. Diz-se que açoita violentamente aqueles que adentram suas matas sem levar uma quantidade de fumo como oferenda e também lhes enrola a língua. Furtiva, seu assovio se torna mais baixo quanto mais próxima ela estiver, parecendo estar distante. Ela também gosta de fazer tranças e nós em crina e rabo de cavalo, que ninguém consegue desfazer, somente ela, se for agradada com fumo e mel.<sup>18</sup>

Mas, não é só o rio que precisa ser resguardado. Durante sua fala, a narradora chama a atenção para o fato de não podermos chamar palavrões em frente ao mar.

<sup>18</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Comadre\\_Fulozinha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comadre_Fulozinha) Acessado em 29/11/2008.

Afirma que seu pai lhe ensinava que ao chamar nomes feios diante do mar, estaríamos provocando a revolta das águas que iriam se transformar em águas violentas e perigosas. Então ela aprendeu a respeitar as águas, tão presentes no Recife que lhe acolheu e onde mora até hoje. Assim aprendeu e, da mesma forma, ensinou a seus filhos.

É nítida, na sua fala, a relação sobrenatural/natural. Nesses casos, os seres sobrenaturais aparecem aos homens para alertá-los sobre o cuidado que devem ter com o nosso planeta. Para Morin (2007):

*A humanidade mergulha num caos que poderá destruí-la* (grifo do autor), sendo o termo caos entendido aqui como a unidade indistinta da criação e da destruição. Não se sabe o que virá, mas se sabe que há e haverá enormes desperdícios de energia, de boa vontade, de vidas, e que os progressos atuais escapam ao pensamento e à sabedoria humanos. A insustentável complexidade do mundo sufoca nossas mentes (p. 241).

O autor argumenta aqui sobre o progresso rápido e desordenado que a sociedade vem sofrendo. Esse desenvolvimento contribui, segundo ele, para um individualismo que destrói o contato com o outro. Pouco a pouco os sujeitos vão perdendo a consciência de sua trindade humana (indivíduo/sociedade/espécie) deixando de cuidar, como denuncia D. Zete, da natureza tão necessária a nossa sobrevivência. Diante desse quadro, os contadores e suas histórias repletas de lições morais são atores que trabalham na contramão do egocentrismo. As histórias acabam se tornando agentes de uma ética da solidariedade, pois, sendo o ato de contar uma ação pública, promove assim uma aproximação entre as pessoas. Continua Morin (idem): “*quando o sujeito pode abrir o seu Nós para o outro, os semelhantes, a vida, o mundo, torna-se rico em humanidade*” (p.81). O contador enxerga o mundo como um conjunto onde a interação e a troca são essenciais para a vida em coletividade. Assim, as histórias refletem esses pressupostos e se tornam cada vez mais fortes.

Continuando sua fala, D. Zete contou a história da “mulher da trouxa”, narrativa que aprendeu com um rapaz, em Tamandaré<sup>19</sup> :

*Já ouviram? A história da mulher da trouxa. Disse que a mulher aparecia e ia andando pelas casas na orla da praia e colocando as crianças dentro da trouxa. E essas alturas a gente tava tudo empolgado e ele contava com muito jeito, com muito carisma e ele dizia: ‘ - A mulher da trouxa onde passa que vê criança vê menino de cinco, seis, sete anos ela vai colocando dentro da trouxa e vai levando’. E escuro, a gente com um lampião daquele Aladin e todo mundo no terraço de olho esbugalhado olhando assim para ele até eu, adulta, mas entusiasmada porque adoro histórias. E ele falava: ‘ - E a mulher da trouxa vem se aproximando, vem se aproximando... ’. E ele gritava: ‘ - Olha ela aí! Olha a mulher aí!’. Todo mundo gritava e corria como se a mulher estivesse ali, era impressionante.*

A narrativa trata de uma mulher que percorre a praia de Tamandaré no litoral sul pernambucano com uma trouxa nas costas seqüestrando crianças. Benita Prieto (2007) nos traz história parecida, ambientada no Rio de Janeiro do século XIX. Trata-se de um fantasma, conhecido como Bárbara dos Prazeres ou Bárbara Onça. Ela nascera em Lisboa, mas veio até o Brasil tentar a vida como prostituta e ficou famosa na região do Arco do Teles<sup>20</sup>. Ao ver sua beleza ser devorada pelo tempo, a mulher procurou um feiticeiro que lhe receitou sangue de criança misturado com certos tipos de ervas. Passando tal mistura no rosto e no corpo, Bárbara dos Prazeres voltaria a ser bela como na juventude. No dia seguinte, crianças começaram a desaparecer. Era Bárbara dos Prazeres, a Bárbara Onça que até hoje aterroriza as criancinhas da cidade em busca de sua fórmula mágica de juventude eterna.

Ao recontar como lhe foi repassada a história, D. Zete dá ênfase ao modo peculiar com o qual o rapaz contava, causando susto aos ouvintes presentes. Nesse sentido, o medo tinha um papel social. Servia de regulador moral as atitudes infantis. Causar medo nas crianças por meio de histórias, como a da mulher da trouxa, fazia com que as mesmas pensassem duas vezes antes de se aventurarem sozinhas na beira da praia. Mas, D. Zete era adulta e também sentiu medo. Amante das histórias de assombração, a contadora não se sente envergonhada em assumir tal sentimento, corroborando com as idéias de Delumeau para

<sup>19</sup> Município da Zona da Mata Meridional pernambucana. Dista 98 km do Recife.

<sup>20</sup> Arco localizado na Praça Quinze de Novembro, Rio de Janeiro. Datado do século XVIII dá acesso à travessa do Comércio que vai até a Rua da Lapa dos Mercadores.

quem “*não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidos num diálogo permanente com o medo.*” (1989: 12). Hoje, D. Zete reconta a narrativa para as crianças da creche onde trabalha. Novamente o medo continua com seu papel coercitivo.

Pode-se perceber a atualidade da narrativa da “mulher da trouxa” quando nos deparamos com manchetes jornalísticas sobre crianças desaparecidas, mortas e vítimas de pedofilia. Apesar da maioria dos casos de pedofilia ser cometidos por homens, D. Zete, ao contar suas histórias para as crianças, encontra, também, uma forma de fazê-las refletirem sobre tais questões presentes no dia-a-dia violento da cidade.

Impressionada com o talento da contadora, fiquei feliz ao saber que mal terminada a primeira história, D. Zete emendava logo outra como num jogo de bonecas *matriokas*. Para Estés (1998): “*considera-se que uma seqüência de histórias proporciona um insight mais amplo e mais profundo do que uma história única*” (p. 7). Então, D. Zete reafirmava mais uma característica do contador e continuava a encher minha vida com o ensinamento presente em suas histórias:

*Agora eu vou contar para você uma história da usina de meu pai que ele contava. Meu pai era um homem assim muito corajoso, dizia que não tinha medo de nada e eu acredito. Meu pai, numa época que tinha problemas, ele virava a noite, não dormia. Quando ele tinha um problema sério ele ficava, que ele era quem tomava conta da usina, aí ficava administrando. E teve uma noite que ele ficou dormindo. Se sentou perto, botou uma cadeira, vocês não sabem o que é Dó, Dó é uma coisa onde faz o decantamento da calda da cana, é um monstrengo do tamanho dessa creche e ele ficou dormindo. De repente, ele acordou e ele disse que foi a coisa mais impressionante da vida dele, se era mentira ou era medo eu não sei, eu sei que mais nunca ele fez isso. Quando ele olha está uma mulher olhando para ele com o dente desse tamanho e ele disse que daquilo ali por diante mais nunca, quando dava a hora que ele não agüentava de sono mesmo tendo alguma coisa ele mandava uma pessoa e ia embora. E ficou todo mundo, ficou, disseram que já tinha visto essa mulher. Se é mentira ou se é verdade, eu sei que eu nunca vi.*

Sobre essa temática de uma mulher ou homem que aparece com um dente enorme causando pavor, tem-se várias versões. Uma delas foi contada por D. Lourdes:

*Aí tinha um cara que era muito raparigueiro, só queria tá na zona, não sei se era solteiro ou se era casado, só queria tá pelo meio do mundo toda noite, tocando violão e cantando. Aí ele disse que vinha fumando um cigarro, aí um cara disse*

*assim: ‘ - Acende aqui esse cigarro para mim!’.* *Aí ele foi acendeu. Quando ele acendeu aí o cara fez: ‘ - Brigaaado!’.* *(modificando a voz).* *Mas, só tinha um dente só o cara, aí fez: ‘ - Brigaaado!’.* *(modificando a voz).* *Ele disse: ‘ - Oxente que cara horrível, misericórdia, fala uma fala feia e só tem um dente’.* *Aí disse que saiu, quando ele chegou mais adiante o cigarro ainda não tinha terminado tava na peinha de nada, né? Aí um cara chegou: ‘ - Moço me dá aqui para eu acender esse cigarro!’.* *Ele disse: ‘ - Pois não!’.* *Aí acendeu. Aí ele chegou e disse: ‘ - Nesse instante um cara ali me pediu para eu acender o cigarro dele, quando eu acendi ele disse: ‘ - Brigaaado!.* *(modificando a voz).* *Que cara horrível ele só tinha um dente’.* *Aí o mesmo cara disse: ‘ - Era assim como eu?’* *(modificando a voz)* *O cara assombrou-se duas vezes. (risos) ‘ - Era assim como eu?’* *(modificando a voz).* *Aí mostrou o dentão, um dente desse tamanho, ele disse que saiu tombando, tombando, eu vou cair, eu vou cair, quase desmaiando e disse: ‘ - Nunca mais eu ando de madrugada na rua’.* *Disse que nunca mais andou de madrugada. Saía, só voltava cedo.* (04/07/2008)

As duas narrativas têm em comum a aparição de uma assombração que possui dentes enormes. O poder coercitivo também se faz presente nos dois casos a partir do momento em que tanto o pai de D. Zete quanto o conhecido de D. Lourdes deixam de andar de noite pela rua para evitar os espectros. Na primeira narrativa a aparição é de uma mulher, na segunda de um homem. O fato de uma aparição ter se dado no povoado de Frei Caneca e outra nas ruas do Recife atesta a tese de que as fronteiras das histórias de assombração não são rígidas.

Na primeira história, a aparição se dá dentro da usina. O trabalhador cansado deita-se para dormir e é assombrado pela mulher. Ao contrário da narrativa de D. Lourdes que, apesar não citar o local, fica implícito que o rapaz passeava pelas ruas do Recife, universo narrativo da contadora. Cenários diferentes para mundos simbólicos diferentes. Trata-se aqui, no caso do povoado de Frei Caneca (onde a cultura da cana sustentou durante muito tempo a economia), de um trabalhador rural assustado com uma assombração. Já no caso do Recife, a aparição veio atormentar um boêmio.

Em seu texto “A boêmia”, Benjamin (1989) irá analisar a definição de boêmia construída por Marx associando-a com os escritos do poeta Charles Baudelaire. De acordo com autor, boêmia seria toda a massa indefinida e disseminada por toda parte a qual levava uma vida desregrada freqüentando tavernas e se relacionando com todo o tipo de

gente. Tais pessoas contribuíram sobremaneira para a precipitação de acontecimentos políticos importantes na Paris de Baudelaire, ele mesmo uma espécie de boêmio. Marx chamou-os de conspiradores profissionais. Longe de querer promover alguma revolta contra o sistema dominante, o protagonista principal da história narrada por D. Lourdes, no entanto, possui as características citadas por Benjamin. Sair durante a noite para beber e tocar seu violão, era a sua diversão. Hábitos típicos de quem vive uma vida solitária e está, a todo instante, buscando nas noites da cidade companhia para as suas aventuras. Sua sorte não foi das melhores ao cruzar com uma assombração. Fumante, bêbado, desempregado (estava sempre na rua) e “*raparigueiro*” ele encarna a própria figura do boêmio. Assim como a crescente Paris do século XIX, Recife por crescer rápida e desordenadamente, também produziu personagens desse tipo que acabaram povoando o universo das histórias de assombração.

Talvez essa história seja uma variação da narrativa descrita por Freyre (2000) intitulada “O boca de Ouro”. Como nas histórias citadas, a assombração aparece tarde da noite pelas ruas do Recife e pede para algum desavisado acender-lhe o cigarro. Depois do pedido, a aparição solta uma gargalhada macabra que deixa aparecer seus dentes de ouro. Como na narrativa de D. Lourdes, em Freyre o transeunte também é aterrorizado por duas vezes consecutivas.

É interessante notar nessas histórias não só as semelhanças que elas possuem, mas também as diferenças. Para Morin (2003b), um dos exercícios caros ao pensamento complexo é “*ligar as coisas que nos parecem separadas umas das outras*” (p.2). O autor destaca, como um dos principais princípios do seu pensamento, a dialógica, a qual permite associar noções contraditórias. Nesse caso, o que separa uma narrativa da outra é a presença do elemento masculino que não pode ser negada apesar do capítulo se propor a estudar a mulher nas histórias de assombração. D. Zete teve na figura de seu pai o principal

incentivo para o seu contar. Nas próprias histórias vimos a presença do “Boca de Ouro” e do rapaz que é assustado por um homem que lhe pede cigarro durante a noite.

Tentei dar ênfase aos elementos que se repetiam nas narrativas e a mulher foi figura constante. Porém, acreditando, como faz Morin (idem) que o real não é harmônico e que o mito se sustenta também por suas fraturas, destacamos aqui a presença do masculino voltando o nosso olhar também para as tensões. Com isso, masculino e feminino apresentam-se como noções ao mesmo tempo complementares, concorrentes e antagônicas. Seja contando histórias ou protagonizando-as, os homens se fazem presentes, isso porque Recife não é só a cidade das águas sendo assim feminina. É também cidade do comércio, das grandes revoluções libertárias, cidade dos mascates que lutaram por sua emancipação política. Recife é também o masculino.

Retomando as histórias, percebemos o detalhe dos enormes dentes dos espectros, o que nos faz lembrar o vampirismo. Se voltarmos um pouco mais na história, veremos que a crença nos vampiros surgiu a partir da idéia de sobrevivência dos mortos numa vida além-túmulo. Delumeau (1989) fala sobre a epidemia de medo que se alastrou no fim do século XVII e início do século XVIII, em alguns países da Europa Central. Acreditava-se que depois de mortas certas pessoas retornavam para ameaçar os vivos. A única solução para o caso seria exumar o corpo, queimar e enfiar uma estaca de madeira em seu coração.

Em outras regiões tinha-se a prática de arrancar-lhes o coração e queimar na beira da praia. Na Sérvia acreditava-se que os fantasmas eram vampiros que sugavam no pescoço o sangue necessário para sua sobrevivência. Para tal feito, o fantasma precisava ter dentes enormes iguais aos citados pelas contadoras. Ele atuava principalmente à noite, assim como os espectros das histórias citadas. Diante da menor suspeita de que um morto teria virado vampiro, seu corpo era imediatamente exumado e sua cabeça coberta de cal viva.

Mas, foi na Romênia, país de Drácula - mais famoso vampiro da história - que a crença nos vampiros ganhou força. Viajantes e cronistas que passaram pelo país no século XIX documentaram crenças, tais como, a de erguer uma cruz no túmulo do morto evitando assim que o mesmo se tornasse vampiro. Delumeau (Idem) irá defender que, na realidade, os vampiros serviam de bodes expiatórios, sendo mais fácil colocar a culpa de certos acontecimentos nos mortos, preservando assim a integridade dos vivos. Talvez o que afaste as histórias de D. Zete e D. Lourdes do mito dos vampiros seja principalmente o fato de tais aparições terem a intenção apenas de assustar, não de matar ou sugar o sangue alheio.

É interessante notar a forma como cada uma das contadoras narrou a história. Enquanto contava, D. Zete tinha uma expressão séria, tensa, expressão de medo. Medo que seu pai sentiu ao ver a aparição na usina. Ao afirmar que acredita que seu pai era um homem corajoso, sério, responsável administrador de engenho, ela quer atestar a veracidade da narrativa mesmo que em certos momentos afirme não saber se o fato era verídico ou apenas alucinações causadas pelo medo. Ao contrário de D. Lourdes que, enquanto narrava, intercalava momentos sérios com risadas. Ria e causava riso nos ouvintes, ao mudar os padrões vocais para interpretar o espectro. Ao definir a representação da alma no folclore brasileiro, Câmara Cascudo (1999) chama a atenção para a questão da voz: “a voz pode ser a mesma possuída quando vivo, ou outra, quase sempre de exagerado acento nasal” (p. 62). Cada vez que iria falar sobre o fantasma, a contadora falava fanhosamente. Tal narrativa vinda de sua boca ganhou uma entonação mais cômica do que trágica. Ao ser indagada sobre quem lhe contou a história, D. Lourdes respondeu:

*Ah, o pessoal. Os meninos quando se juntavam contavam essas coisas todas. E tem muita! É porque eu me esqueci. O pessoal de hoje não liga mais para história de trancoso e antigamente todo mundo... De criança a mocinha, todo mundo tava escutando. Era o divertimento, antes de dormir, todo mundo contava uma coisa. Eu sabia de muita.*

Nessa fala a contadora reclama a diminuição da comunidade dos ouvintes e, conseqüentemente, das histórias. Sem ter para quem contar, ela vai esquecendo pouco a pouco o que aprendeu. Recorda o tempo em que contar histórias de assombração era um divertimento comum a todas as idades. Talvez o fato de D. Lourdes ter recebido a narrativa de seus amigos, que se juntavam para contarem “*histórias de trancoso*”, diferente de D. Zete que recebeu do pai – figura cheia de significados para um filho, fez com que a mesma tivesse mais leveza e acabasse se divertindo ao contar o caso. Porém, isso não quer dizer que ela não acredite e não tenha medo dessa narrativa. Ao ser interrogada se as histórias de trancoso eram histórias mentirosas, que não existiam, ela respondeu: “*não existe... vá nessa que não existe!*”. Para D. Lourdes, assim como para D. Zete, na dúvida, é melhor não arriscar andar pelas ruas da cidade, tarde da noite.

Continuando a escuta das narrativas de D. Zete, fui presenteada com a seguinte história:

*Lá em Frei Caneca eu morei em três casas num mesmo lugar. Foram três meu Deus? Quatro casas. Na que eu nasci, depois eu fui morar numa casa enorme que tem uma história também que essa minha mãe que contava e essa marcou muito a minha vida. É de assombração, não é lenda, foi passada na minha família e minha mãe era uma mulher católica, era uma mulher que não mentia.*

*Nós fomos morar em uma casa onde tinha morrido uma tuberculosa e no interior, naquela época, tuberculosa marcava a casa, ninguém queria morar. Então, meu pai nessa época não era ainda ele que assumia tudo na usina, ele tava galgando ainda como hoje, né? Aí meu pai foi falou com o dono e disse a ele: ‘ - Olhe eu já tenho três filhos, tô esperando a quarta - que era Graziela, era Gildo, Gisete, Maria e Graziela, a que vinha, a que chegou - e essa casa num dá não’. Aí ele disse assim: ‘ - Ô João, se você não se incomoda eu só tenho desocupada - ainda hoje existe essa casa lá - só tem desocupada a casa que morreu Maria do Carmo e você sabe que foi de tuberculose’. Aí meu pai disse: ‘ - Olhe, não quer dizer porque ela foi tuberculosa todos têm que ser, então vamos pintar a casa’.*

*Aí papai mandou pintar a casa todinha e nós fomos morar. E minha mãe teve Graziela lá. (...) Aí eu vi minha mãe falando e perguntei para minha mãe: ‘ - Mamãe, com quem a senhora tá falando?’. Ela falou para mim que a moça que morreu, era jovem, chegou perto de minha mãe, olhou para cama, minha irmã tava recém-nascida, olhou para minha mãe e disse assim: ‘ - Me dá!’. E minha mãe disse: ‘ - Dou não, minha filha eu só dou a Deus!’. Quando eu falo isso eu chega sinto um frio. E ela respondeu pra minha mãe, minha mãe me contando. Isso me marcou gente a minha vida e muito! ‘ - Você nem dá, mas também não vai criar!’. E ela virou-se e minha mãe disse que quando ela virou-se um fogo acompanhou ela da cabeça aos pés. E minha mãe ficou preocupada e o tempo passou. Quando minha irmã fez oito anos e minha mãe se lembrou das palavras de Maria do Carmo. De repente, a gente não sabia hoje eu sei que foi meningite, com médico com tudo, de repente foi dormir quando se acordou, se acordou passando mal isso foi uma hora da tarde quando deu nove horas da noite ela faleceu e minha mãe se lembrou o que*

*Maria do Carmo tinha dito: ‘ - Você nem me dá ela nem cria!’. Porque às vezes muita gente não acredita nisso, mas que existe essas coisas sobrenaturais existem e muito! Porque foram coisas passadas na minha vida. (04/09/2008).*

Tema bastante comum nas histórias de assombração é essa aparição de mulher que vem pedir algo aos vivos. Nesse caso específico o espectro desejava a criança recém-nascida. Diferente da narrativa de Ernesto Abad (2007) intitulada “Catalina de luz e sombras”. A jovem Catalina nasceu em La Laguna, cidade da Espanha. Obrigada pelos pais a casar com um desconhecido, a moça suicida-se no poço de sua casa. Atualmente a casa é um famoso museu da cidade. Muitos visitantes afirmam ver um vulto de mulher entre luz e sombras. É Catalina, presa ao local de sua morte. Como na história da “Mulher da Sombrinha”:

*Lá no interior, quando voltamos de Alagoas, fomos morar numa casa antes da usina, depois meu pai foi morar dentro da usina mesmo que era onde a gente via mais as coisas. E essa mulher, a mulher da sombrinha, quando dava oito horas da noite a gente já passava por ela lá, ela ficava em cima da sombrinha. Eu não sei se era uma pessoa... Mas não era só eu que via, todo mundo falava. Depois de nove horas da noite ninguém passava lá porque a mulher da sombrinha tava lá. E dizem que a mulher da sombrinha vem de Catende. Ela faz esse percurso: Frei Caneca-Catende-Catende-Frei Caneca. Até hoje existe o bloco da mulher da sombrinha que sai do portão do cemitério de Catende.*

Em contradição ao que diz a narrativa, a mulher da sombrinha tanto andou para além do percurso Frei Caneca – Catende, que passou por Apipucos assombrando D. Pretinha:

*Há muitos anos, tinha o poço do barco, né? Aí eu disse amanhã a gente vai para o poço. Quando foi no outro dia de manhã, amanheceu assim... Aí a gente acordou fora da hora. Aí eu fui chamar as meninas ali, digo: ‘ - Bora, bora!’. Quando a gente chegamos aí perto do alto da igreja embaixo aí eu avistei uma mulher, toda de branco, uma sombrinha armada aí eu cheguei e disse: ‘ - Vamos embora que já é tarde, já vai subindo gente pra missa’. E a mulher fazia, como quem vinha de lá do açude assim e entrou por detrás da igreja. Foi o que eu vi. As meninas disse: ‘ - Maria!’. Aí eu disse assim: ‘ - Vamos embora olha a mulher que já vai para missa!’. Aí elas disse: ‘ - Que mulher?’. Eu digo: ‘ - Olha a mulher aí!’. As meninas não viram não, eu vi, uma mulher toda de branco. (03/07/2008)*

Ao perceber que histórias tão parecidas ocorreram em diferentes regiões do Estado, chego à conclusão de que as histórias da Zona da Mata contadas por D. Zete, ex-moradora de engenho, e as da cidade contadas por D. Pretinha, filha natural do Recife, são

versões diferentes para um mesmo tema. A mulher da sombrinha esteve lá e aqui. Em Catende ela sai do cemitério para assombrar os desavisados que perambulam durante a noite, inclusive, o bloco carnavalesco em sua homenagem sai desse local fúnebre. Já na narrativa de D. Pretinha descortinam-se cenários e costumes próprios do bairro de Apipucos onde ela sempre morou.

O bairro é predominantemente católico e sofreu forte influência dos irmãos maristas e dos padres Lazaritas que ali fizeram história. A igreja citada pela contadora é a paróquia Nossa Senhora das Dores, localizada no alto de uma montanha. Em sua narração, D. Pretinha rememora uma época na qual se guiava no tempo por meio da observação dos acontecimentos cotidianos como os horários da missa. Assim, reforça aspectos da identidade do bairro.

Já em outro local do Recife temos a famosa loira do cemitério. Sobre o famigerado fantasma, D. Zete nos contou duas narrativas:

*Meu avô por parte de pai ele era guarda civil e antigamente os guardas civis eles tinham que levar toda senhora que passasse de tal hora – pode ver na nossa história que tem – ele tinha que acompanhar até em casa e meu avô era bonito. Meu avô era bem loiro do olho azul e namorador. Só que meu avô passava uma e passava outra e ele: ‘ - Não vou não!’. E às vezes ele levava algumas e às vezes outras ele fazia que não via. Aí apareceu uma moça bonita, toda arrumada e meu avô perguntou onde ela morava e ela: ‘ - Eu moro ali, eu moro ali’. E ele andando com ela, e ele andando com ela e não chegava. Ele foi se inquietando: ‘ - Eu já andei foi muito. Onde é que você mora?’. ‘ - Ali’. E ele conversando com ela já querendo passar uma cantada nela. Resumindo a história, quando chegou no cemitério de Santo Amaro ela olhou assim para ele disse: ‘ - Eu moro é aqui’. (modificando a voz). Ele pá, caiu. Ele perdeu o emprego de guarda civil por conta disso, que ele desmaiou. Então ele perdeu o emprego de guarda civil por causa da mulher do cemitério. E essa mulher do cemitério é famosa aqui no Recife. (04/09/2008).*

Ao imitar a assombração, D. Zete modifica a voz exagerando a acentuação nasal, assim como fez D. Lourdes em uma das suas histórias reiterando a, já citada, teoria de Cascudo (1999) sobre as características próprias da fala das almas. Como bem lembrou D. Zete, a tal mulher do cemitério de Santo Amaro é bastante conhecida na cidade. Aparece a

taxistas, motoristas de ônibus e vigias noturnos que precisam trabalhar a noite para manter o sustento da família.

Trata-se de um grande cenário para uma das histórias de assombração mais famosa da cidade: Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção de Santo Amaro das Salinas, mais conhecido como Cemitério de Santo Amaro. O espaço é a maior necrópole do Recife. Inaugurado em 1 de março de 1851, é considerado a maior exposição de arte ao ar livre de Pernambuco<sup>21</sup>, possuindo diversos mausoléus de grande porte. Em seus anos de glória, foram enterrados nele figuras ilustres como os governadores Agamenon Magalhães e Conde da Boa Vista, além do abolicionista Joaquim Nabuco. Também cemitério dos menos favorecidos (característica ainda mais forte hoje), habita no lugar ícones da fé popular como “A menina sem nome”<sup>22</sup>. Portanto, o lugar, além de ser a maior necrópole da cidade, é também uma narrativa sobre os recifenses, sendo de grande representatividade para as pessoas do local, o que me faz lembrar Carlos Fortuna (1997) quando afirma:

Ao lado dos monumentos e das ruínas, também os museus, os santuários, os cemitérios, os estádios ou os hipermercados funcionam, em diferentes graus, como lugares de deslocalização da personalidade dos sujeitos. Por via quer da sua dimensão estética e artística, quer da sua materialidade arquitetônica, quer do seu simbolismo, esses lugares não se limitam apenas a parecer templos, eles funcionam como tal. Implicam estados de transitoriedade a condição social e, sobretudo, dos estados de espírito e das emoções dos sujeitos (p. 134).

Entendendo que o cemitério mexe profundamente com a subjetividade dos moradores da cidade, torna-se compreensível a sua presença nas narrativas de assombração. Além disso, tais histórias ajudam a revelar uma experiência comum aos moradores do Recife. Hoje, para o bairro de Santo Amaro<sup>23</sup> vai a maioria dos corpos recifenses, principalmente das

<sup>21</sup> [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br) Acessado em 22/11/2008.

<sup>22</sup> Na década de 1980 uma menina de dez anos de idade foi encontrada morta na praia do Pina, região metropolitana do Recife. Ninguém veio reconhecer o corpo e a mesma foi enterrada como indigente. O caso ganhou notoriedade nos jornais da época, principalmente pelo fato do crime possuir características de estupro. Até hoje não se chegou a um esclarecimento em torno da morte da criança e o processo encontra-se arquivado. Porém, desde então, um crescente número de fiéis se reúne em torno do túmulo para pedir graças. À menina é atribuído o poder de milagre. Atualmente é o túmulo mais visitado do cemitério, sobretudo no dia 02 de novembro, dia dos finados.

<sup>23</sup> Ver mapa em anexo.

classes menos abastadas. Essa construção antiga traz marcas da história da própria cidade. Em torno dela criou-se um imaginário, ao mesmo tempo, de medo e intimidade como quando o lugar fúnebre é comicamente apelidado pelos moradores de “Amaro Bocão”. Por ser tão difundida, a história possui muitas variações. Uma delas contada ainda por D. Zete:

*Depois eu vi a história da mulher do cemitério dita a mim por um rapaz que morava, Doutor Geraldo Brandão, que morava na Rua do Chácon. Ele foi ser químico lá na usina e ele morava, a minha casa, essa casa que eu falei que eu via a usina moendo aqui e ele morava, vamos dizer, como ali. A dele ficava até assim de frente para cá e a minha assim. E ele disse que ele era muito bonitão, novo, metido a conquistador e ele foi para um baile aqui em Recife, saiu da casa da namorada dele que eu conheci também. E começou a namorar com uma moça nunca mais eu esqueço o nome da moça, Cecília, no baile ele começou a namorar aí deu a hora ele disse: ‘ - Não, eu vou levar você em casa’. Aí resumindo, ele botou a moça dentro do carro, naquela época eu me lembro que ele dizia o nome do carro, um carro tão antigo que hoje eu não me lembro mais nem qual é a marca e ele disse que botou ela dentro do carro e levou para casa. Chegou na casa ela mostrou a ele a casa, ele foi entregou ela em casa, deixou ela entrar, pegou o carro e veio embora. Quando ele chegou em casa ele disse que quando olhou tinha o casaco dela. Aí ele disse: ‘ - Não, eu não vou ficar com o casaco da moça e também Maria José vai ver, eu vou é levar’. Aí ele disse que passou-se e ele foi levar. Quando ele chegou lá que bateu na porta veio uma senhora. Aí ele disse: ‘ - Olhe eu vim entregar o casaco de uma moça assim e assim...’. A senhora disse: ‘ - O senhor tem certeza?’. Ele quase que morreu viu? Ele adoeceu! Ele disse: ‘ - Tenho. Tenho certeza, foi aqui olhe, olhe aqui o casaco dela’. Aí a senhora mandou ele entrar e disse: ‘ - Olhe, essa moça morreu, olhe aqui o retrato dela’. Ele disse que parou aí ela disse assim: ‘ - Olhe, como foi que você encontrou ela?’. Ele disse: ‘ - Olhe, eu dancei a noite todinha. Eu encontrei ela nesse lugar e a gente dançou a noite todinha’. Ela disse: ‘ - O senhor está enganado’. Aí ela explicou disse que ela tinha morrido de um calo no pé, ela tinha diabetes, tinha feito um calo e desse calo ela tinha morrido e tinha sido de dançar. Ela tinha dançado a noite toda. (04/09/2008).*

Outra variação da mesma narrativa foi contada por D. Lourdes. Nota-se a mudança de apenas alguns elementos:

*Quando eu era criança o meu tio, eu tinha um tio já velho e ele sempre contava. Minha mãe também sempre contava isso. Ele disse que todo dia saía de manhã. Ele não trabalhava não sabe? Ele vivia encostado sempre na casa de uma irmã. Aí saía de manhã para o clube do Santa Cruz e ficava lá como porteiro que ele era Santa Cruz doente. Passava o dia todinho quando era de noite vinha embora e só andava de pés, nunca andou de ônibus nem de bonde, só andava de pés, vinha de Água Fria para lá para onde a gente morava no Recife Antigo de pés, ia e vinha. Aí ele disse que quando foi uma vez, se encontrou com uma mulher com duas malas, nem jovem nem velha, com duas malas, aquelas malas vestidinhas que antigamente vestia aquelas malas de fazer o forro, né? De branco... Ele disse que ela arriou as duas malas assim e disse: ‘ - Moço o senhor podia fazer um favor para mim?’. Aí ele disse: ‘ - Posso se não for muito difícil’. Aí ela disse: ‘ - Porque eu vou viajar e eu deixei uma bolsa lá em casa e eu preciso muito dessa bolsa, dá para o senhor buscar ela pra mim?’. Aí deu o endereço a ele, escreveu e deu o endereço a ele. Ele disse: ‘ - Mas é muito longe para eu ir e vim, dá tempo?’. Ela disse: ‘ - Dá, eu tô lá na estação central lhe esperando, quando o senhor entrar o senhor me vê logo’. Aí ele disse que veio, quando chegou no meio do caminho disse: ‘ - Para*

*eu ir de pé. Dá para ir lá em Água Fria e voltar e essa mulher ainda tá lá me esperando?’. Eu não vou não, amanhã eu vou ver em que foi que deu, se ela foi lá buscar...*

*Aí quando foi no outro dia ele disse que acordou botou o chapeuzinho na cabeça partiu para o endereço. Quando chegou lá bateu na porta aí a senhora veio atendê-lo. Aí ele disse: ‘ - Olhe ontem tal hora assim, assim, eu encontrei uma senhora com duas malas e ela arriou assim no chão e pediu que eu viesse aqui buscar uma bolsa dela. Eu até achei estranho porque ela não me conhecia e mandar eu vim buscar uma bolsa assim’. Ele disse: ‘ - Eu não sei se ela veio buscar que eu não vi, era muito tarde, ninguém ia me atender tarde da noite numa casa e eu ainda ia para a estação central levar essa bolsa a ela’. Naquele tempo os pessoal era mais honesto. Aí ela olhou para ele, olhou, disse: ‘ - Cadê o bilhete?’. Ele chegou, deu. Aí ela chegou e disse: ‘ - Era aquela moça ali?’. Ele disse: ‘ - Era, aquela mesmo. Ela veio buscar a bolsa?’. Ela disse: ‘ - Não meu senhor, essa moça é falecida há muito tempo. É minha filha, faleceu e ela sempre faz isso. Agora se o senhor tivesse vindo buscar tinha sido bom porque aí eu me livrava desse aporreio e ela descansava. É alguma coisa que ela quer dá a alguém. Algum dinheiro que ela escondeu, jóias, qualquer coisa que eu não sei aonde tá. Já veio três pessoas aqui com o senhor, só resta ter coragem que na hora que ela mandar buscar vim naquela mesma hora, aí quem sabe o senhor não ficava rico? Que ela trabalhava e tudo era só para ela mesmo, ela não gastava com nada’. A mulher aperriada por causa do dinheiro queria dá, tá vendo? Que não é bom guardar dinheiro? (04/07/2008).*

Nas duas narrativas de D. Zete, um homem acompanha uma desconhecida até a sua casa, tarde da noite. Chegando ao destino, ora um cemitério, ora a casa onde morou o fantasma, o rapaz descobre que na realidade sua companheira é uma defunta. Nos dois casos os rapazes passam mal ao saber da verdade, perdem o emprego ou adoecem. Na segunda narrativa de D. Zete a moça esquece um casaco dentro do carro, na narrativa de D. Lourdes ela pede que o senhor pegue uma bolsa em sua casa. Na bolsa desejada pela mulher poderia ter dinheiro, jóias ou qualquer coisa de valor o que nos faz lembrar as “histórias de botija” que serão referenciadas no terceiro capítulo. Também nessa narrativa, descortinam-se aspectos próprios do Recife e do modo de viver de seu povo. O tio da narradora era amante do Santa Cruz Futebol Clube<sup>24</sup>, sempre ia à porta do seu clube do coração para conversar com o porteiro. Atitude comum em uma cidade onde a paixão pelo futebol sempre foi muito forte.

A primeira partida de futebol de que se tem notícia no Recife foi em 1902 quando marinheiros ingleses e holandeses fizeram uma demonstração do jogo na praia da cidade. Desde então, o gosto pelo esporte só fez crescer tendo, em 1915, ocorrido o primeiro

---

<sup>24</sup> Clube tricolor criado em 03 de fevereiro de 1914 foi o único a participar de todas as edições do campeonato pernambucano.

campeonato estadual. Até 1936, apenas clubes recifenses disputavam o campeonato pernambucano<sup>25</sup>. Atualmente, três grandes times dividem o coração dos moradores da cidade: Clube Náutico Capibaribe (fundado em 1901), o Sport Clube do Recife (fundado em 1905) e o Santa Cruz Futebol Clube, citado na narrativa. Vemos, com isso, que as narrativas de assombração revelam sentimentos próprios do recifense. Além da paixão pelo futebol, o personagem principal da narrativa se assemelha ao *flâneur* estudado por Benjamin (1989).

Ensina-nos Benjamin que o *flâneur*, personagem consagrado nos folhetins parisienses do século XIX, olha a cidade como em um panorama. Ao caminhar pelas ruas, faz o que o autor chama de uma “*botânica no asfalto*” (p. 34). Para tanto, esse observador atento tem que andar a pé, transitando em meio à agitação da cidade grande. O senhor da nossa história “*só andava de pés*”, ônibus ou bonde eram, para ele, progressos que não interessavam. Percorria, todos os dias, 5,6 km do bairro de Água Fria para o do Recife Antigo<sup>26</sup> o que dá, aproximadamente, uma hora de caminhada.

Desempregado, se transformara em um “abandonado na multidão”. Compartilha com a *flânerie* a ociosidade, como sendo um grito silencioso de protesto a industriiosidade do mundo. Além disso, sai à procura também de aventuras. Para Benjamin (Idem), “*quem sai em busca de passatempo, procura o prazer*” (p. 55) e foi durante o percurso entre os bairros do Arruda (onde se localiza o Santa Cruz Futebol Clube) e do Recife que nosso desavisado topou com a aparição.

Tais assombrações se encaixam naquelas estudadas por Cascudo (1999) como sendo almas de mortos que permanecem entre os vivos até pagarem o que devem ou cumprir sua penitência na terra. Nos dois casos, o casaco e a bolsa, servem de mote para o protagonista descobrir que passara a noite com uma assombração. Muitas vezes o objeto esquecido pode ser um anel ao invés do casaco como eu pude constatar com a escuta de outras

---

<sup>25</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/História\\_do\\_Futebol\\_de\\_Pernambuco](http://pt.wikipedia.org/wiki/História_do_Futebol_de_Pernambuco) Acessado em 31/01/2009.

<sup>26</sup> Ver mapa em anexo.

histórias. Porém, a assombração constante na maioria das narrativas citadas neste capítulo, é mesmo a de mulher. Protegendo o rio com seus longos cabelos, usando uma sombrinha ou tendo dentes enormes, pedindo bolsa, roubando crianças e assombrando transeuntes da cidade.

Mumford (1965) irá enfatizar o papel da mulher na constituição das cidades. Começando pela própria etimologia da palavra “cidade” e “casa” as quais originalmente significam “mãe”, passando pela importância da mulher no processo de sedentarização do homem até destacá-la como figura principal no fortalecimento da *urbe*. Assegurar, proteger e nutrir era, na divisão social do trabalho em antigas aldeias, tarefa da mulher. Da aldeia à cidade, tais funções femininas se fizeram presentes. Com isso, o autor irá dizer que a organização social em grandes aglomerados urbanos é também obra da mulher. Mumford, ao discutir sobre o papel da mulher no surgimento da *urbe*, reitera o que Calvino (1990) nos diz poeticamente:

Naquela direção, após seis dias e sete noites, alcança-se Zobeide, cidade branca, bem exposta à luz, com ruas que giram em torno de si mesmas como um novelo. Eis o que se conta a respeito de sua fundação: homens de diferentes nações tiveram o mesmo sonho – viram uma mulher correr de noite numa cidade desconhecida, de costas, com longos cabelos e nua. Sonharam que a perseguiam. Corriam de um lado para o outro, mas ela os despistava. Após o sonho, partiram em busca daquela cidade; não a encontraram, mas encontraram uns aos outros; decidiram construir uma cidade como a do sonho. Na disposição das ruas, cada um refez o percurso de sua perseguição; no ponto em que havia perdido os traços da fugitiva, dispôs os espaços e as muralhas diferentemente do que no sonho a fim de que desta vez ela não pudesse escapar. (P. 45)

Nessa narrativa, Calvino afirma metaforicamente o fato da cidade ter sido criação feminina. Os movimentos do elemento feminino com seus longos cabelos, proporcionaram os traçados das ruas de Zobeide, cidade imaginária. Nessa perspectiva, seria a *urbe* uma criação feminina. Já Mumford, para enfatizar ainda mais seus argumentos sobre a cidade feminina, revisita a história e destaca que, na linha cronológica do sedentarismo humano, houve antes a revolução sexual para depois ter a agrícola. De fato, durante o processo de fixação do homem à terra, a mulher atuou como personagem principal ao ter

cultivado os primeiros jardins e fabricado os primeiros recipientes e objetos que ajudariam os pequenos núcleos humanos a estabilizarem-se diante das inconstâncias do dia-dia. O autor irá ainda mais longe ao afirmar que a própria aldeia foi invenção da mulher já, que constituía espaço próprio aos cuidados, criação e nutrição dos filhos. Para ele:

Graças à divisão do cuidado com os filhos pela comunidade, pôde prosperar um número maior deles. Sem esse longo período de desenvolvimento agrícola e doméstico, os excessos de alimentos e capacidade de trabalho que tornaram possível a vida urbana não teriam existido. E sem a previsão e a consciente disciplina moral que a cultura neolítica introduziu em todas as fases da vida, é de se duvidar que pudesse ter emergido a cooperação social mais complexa que surgiu com a cidade. (Idem: 23)

Recife é cidade-mulher, nasceu das águas, elemento que por vezes ganha essência feminina. É conhecida também como a grande metrópole do Nordeste. Metrópole, ensina a etimologia, vem do grego *metrópolis* e significa cidade-útero, mais comumente chamada “cidade-mãe”. Sendo o útero lugar de água e tendo o Recife nascido das águas, voltamos à idéia de cidade feminina. Em concordância com tais premissas a cidade encarnaria o “arquetipo da grande-mãe” (Jung, 2000). Conceito oriundo da história das religiões, o arquetipo da grande-mãe sempre aparece empiricamente nos mais variados símbolos da sociedade moderna. Da própria mãe à avó, da Igreja à cidade, temos imagens que revelam a autoridade, sabedoria e segredos do feminino.

Além desses, as deusas também representam o maternal. No caso do Recife, a existência de duas grandes-mães: Nossa Senhora do Carmo – sua padroeira – e Nossa Senhora da Conceição, faz a cidade cobrir-se de uma aura feminina, sendo aquela que cuida, que sustenta e que dá condições para o crescimento na vida em coletividade. Porém, não é só o aspecto positivo do maternal, aquele conhecido amor materno, que perceber-se nas imagens de mulher que emergem do Recife. A mãe também pode ser má. Segundo Jung (idem): “o símbolo tem a grande vantagem de conseguir unificar numa única imagem fatores heterogêneos ou até mesmo incomensuráveis” (p. 116). Para ele, a mãe possui três grandes aspectos: a bondade nutritiva, a emocionalidade orgiástica e a obscuridade subterrânea.

Sendo assim, a figura feminina presente nas histórias de assombração está mais ligada ao que a mulher tem de obscuro, sedutor e mortal. É então um elemento perturbador, causador de desordem.

Mary Douglas (1991) irá listar vários elementos presentes nas sociedades tradicionais os quais são encarados como impuros, logo geradores de desordens. Entre eles a mulher. São vários os exemplos. Entre o povo Havik o sangue menstrual, assim como todas as secreções corporais é considerado impuro. Os judeus possuem crença semelhante, para eles as mulheres menstruadas têm uma série de restrições não podendo entrar no templo e tendo que se purificar durante todo esse período. Após o parto é recomendado o banho de purificação. É assim também nas religiões de matrizes afro-brasileiras. Crenças na contaminação pelo sangue que se fazem presentes nos dias atuais.

Douglas irá dizer que a lógica da contaminação pelo sangue menstrual está muito mais ligada à mulher como elemento de desordem do que a qualquer outra coisa. Estando à margem, as mulheres entram em contato diretamente com o perigo, seja através do sangue, da gravidez, do parto, etc. Se, para a autora, as fronteiras sociais não diferem das fronteiras corporais, os orifícios do corpo simbolizam pontos vulneráveis e tudo que sai deles é considerado impuro. Além disso, nas sociedades estudadas por Douglas, a mulher ocupa um lugar de ambigüidade: por ser portadora do poder de dar a luz está mais ligada aos mistérios da vida e da morte do que homem. Em consonância com a autora, mas tratando da moderna sociedade ocidental, Delumeau (1989) afirma:

Para o homem, a maternidade permanecerá provavelmente sempre um mistério profundo e Karen Horney sugeriu com verossimilhança que o medo que a mulher inspira ao outro sexo prende-se especialmente a esse mistério, fonte de tantos tabus, de terrores e de ritos, que a religa, muito mais estreitamente a seu companheiro, à grande obra da natureza e faz dela 'santuário estranho' (p. 311).

Diante de conclusões tão parecidas, perceber-se que as diferenças entre as sociedades tradicionais e as modernas não são tão radicais. Torna-se compreensível a figura recorrente da mulher nas narrativas de assombração.

Da ressalva aos aspectos mortais e impuros presentes na mulher, surgiu o medo existente em torno delas. Delumeau (Idem) ainda irá falar sobre como, durante grande parte da história do Ocidente, a mulher foi encarada como um dos agentes de Satã. Segundo o autor, a cultura dirigente, responsável pela diabolização da mulher, acabou por transformar um medo espontâneo<sup>27</sup> em um medo refletido. Tal tarefa foi empreendida ao longo dos séculos por teólogos, médicos, juristas e escritores.

Pelos teólogos da Idade Média, a mulher (por ter comido o fruto proibido ou aberto a caixa de Pandora) foi acusada de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Tertuliano, entre outros, destacaram a inferioridade da mulher e os perigos que as mesmas ofereciam aos homens. Enquanto a sociedade vivenciava uma exaltação à figura de Maria, eram desvalorizados a sexualidade e o casamento. Os sermões proferidos pelos pregadores tinham, na maioria das vezes, como tema principal a mulher enquanto representante do mal:

Estes exprimiram de mil maneiras ao longo dos séculos o medo duradouro que esses clérigos consagrados à castidade experimentavam diante do outro sexo. Para não sucumbir aos seus encantos, incansavelmente o declararam perigoso e diabólico (p. 322).

Assim, tais sermões serviram como meio eficaz de penetrar nas mentalidades cotidianas o medo da mulher. Ao lado deles, figuravam os discursos médicos sempre prontos a afirmarem a inferioridade estrutural da mulher. Seu temperamento seria débil e sua natureza enferma. Os juristas, terceira grande autoridade da época, tratavam de tirar-lhes todos os direitos. Não poderiam assinar contratos nem fazer testamentos sem o

---

<sup>27</sup> Apesar de criticar algumas premissas de Freud em relação à rivalidade entre os sexos (tal como o desejo feminino em possuir um pênis), Delumeau acredita que a hostilidade entre homens e mulheres traz marcas de um impulso inconsciente.

acordo do cônjuge. Era assim atestada a incapacidade jurídica da mulher casada. Tal visão do feminino foi ainda mais difundida com o desenvolvimento da imprensa.

Diante disso, pode-se perceber como, pouco a pouco, a periculosidade da mulher foi sendo ressaltada dentro da sociedade ocidental. Por ser a encarnação do próprio demônio, ela poderia facilmente ultrapassar as fronteiras entre vivos e mortos para pedir que lhe busque uma bolsa (ressaltando sua fragilidade), para dançar, passear ou paquerar (ressaltando a sua lascividade), em busca de um bebê (perpetuando a crença, surgida na época da caça às bruxas, de que matavam crianças para oferecê-las a Satã).

Usando como fio condutor tais pressupostos, entendemos que o medo da mulher funcionou, durante todos esses anos, como mecanismo de coerção social. Foi assim também na história da cidade do Recife de onde vimos brotar a famosa narrativa da “Emparedada da Rua Nova”. O acontecimento (para alguns, real) do pai que matou e emparedou a própria filha grávida do namorado, ficou famoso após o romance homônimo do fundador da Academia Pernambucana de Letras, Carneiro Vilela. O crime ocorreu em um antiquíssimo sobrado recifense do século XIX localizado na Rua Nova, bairro da Boa Vista, centro do Recife. Relata Vilela (1984) que o comendador James Favais era um homem muito rígido. Ao descobrir que sua única filha estava grávida, planejou a eliminação do conquistador que foi morto em um sítio em Jaboatão dos Guararapes<sup>28</sup>. A partir de então os conflitos com a filha se avolumaram a tão ponto que ele chegou a agredi-la fisicamente e planejou, junto com um moço conhecido por Gereba, também a morte dela. Foi então cavado um buraco na parede do sobrado da Rua Nova e o corpo da pobre menina foi colocado lá, ainda com vida, para depois fecharem a abertura. Lá a jovem morreu e seu espírito só viria a ter descanso depois que descobriam o seu corpo e lhe deram um sepultamento adequado.

Uma versão muito parecida dessa história contou D. Lourdes:

---

<sup>28</sup> Cidade da Região Metropolitana do Recife. Dista 18 km da capital.

*Minha mãe foi morar numa casa de pensão, primeiro e segundo andar, ela alugou a casa e botou vinte e cinco rapazes solteiros em cima, em baixo eram os moradores, os casais. Aí em baixo era muito grande ela fez um fabrico de bolo que ela em todo canto ela botava um fabrico de bolo. Bolos, pães e etc. né? Era quase uma fábrica, mas ela não podia dizer, para não pagar imposto. Ela só dizia que era um fabrico. Eu era criança e via ela dizer isso e gravei até hoje. E quando a gente entrava aqui na porta que subia as escadas, para cá era uma sala bem grande, enorme, tinha quarto repartido e tal. Indo assim tinha uma sala bem grande, grande, grande e aqui era um quarto bem grande. Era tudo grande as coisas de antigamente. Aqui de frente tinha um negócio que armazena comida, como é? Dispensa. Só que essa dispensa antes não era dispensa ela era toda completa a parede. Ela vinha assim e aqui completa e o pessoal que foi morar lá antes da gente, a casa tinha duzentos anos, quando a gente foi morar ela já tinha duzentos anos (...). Os vizinhos de lá de junto contavam que naquela dispensa, onde era aquela dispensa, era uma parede fechada e morava um pessoal rico, mas bem importante, só tinha uma filha moça. Eu acho que essa filha dele se perdeu e naquele tempo quando uma moça se entregava para um homem, misericórdia! Eles enterravam viva, como ele enterrou a filha viva. Disse que viam ele batendo de noite: pei, pei, pei! Foi derrubando a parede e depois viam ele batendo como se fosse num caixão, uma coisa assim batendo a noite toda e os vizinhos dizendo: ‘ - O que é que seu fulano tanto bate aí?’. E depois a moça desapareceu, eles perguntavam a ele: ‘ - Seu fulano, cadê fulana?’. ‘ - Ah, tá no interior na casa da tia!’. Isso se mudaram de lá e ninguém mais soube de nada.*

*Antes da gente foi morar um pessoal lá que foi quando derrubou a parede para fazer uma dispensa que justamente ficou uma dispensa boa medonha. Quando ele derrubou a parede encontrou o caixão de defunto com a moça dentro. Seca, só a caveira. Os vizinhos conheceram por causa dos cabelos dela, cabelo não se acaba, só por causa dos cabelos. Aí disse: ‘ - Menino! O cara matou a filha!’. Eu acho que ela se perdeu aí com um rapaz, ele soube e enterrou viva. Enterrou viva viu? Que coisa triste né? (04/07/2008).*

A primeira história traz aspectos mais históricos de como “supostamente” a narrativa surgiu na cidade. O transeunte mais curioso que chegar à Rua Nova, bairro da Boa Vista, perguntando onde se localiza o casarão da emparedada, será logo informado. Em 10 de março de 2006, em um evento da Prefeitura do Recife intitulado “Caminhadas das Lendas”<sup>29</sup>, foram dramatizadas várias histórias de assombração pelas ruas da cidade, entre elas, a história da Emparedada da Rua Nova. Alguns repórteres que cobriam o acontecimento ao indagarem os participantes sobre em qual história eles acreditavam mais, a resposta foi unânime: a história da moça emparedada. Talvez acreditando na verdade da narrativa, os moradores atestem a pouca liberdade feminina no século XVII e, em menor proporção, nos dias atuais. A história contada por D. Lourdes se passara na década de 1940 quando a mesma era criança.

<sup>29</sup> A ação é parte do Projeto de Sensibilização Turística que está em vigor desde novembro de 2005 pela Secretaria de Turismo do Recife. Tal projeto tem como objetivo principal sensibilizar a população recifense através da educação patrimonial e ambiental fazendo com que as pessoas conheçam e respeitem o lugar onde moram, abrindo as portas também para o turismo na cidade.

Ao relatar o caso que se passou, não na Rua Nova, mas na Rua Bernardo Vieira de Melo, a contadora tinha uma expressão séria, preocupada. Afirma que antigamente era assim, se a filha “*desse um erro*” era bem capaz de ser morta pelo pai. Ao terminar a narração com a frase: “*enterrou viva viu? Que coisa triste, né?*” atesta a sua reprovação diante da atitude autoritária do pai.

Nessas duas narrativas, percebe-se não só a posição da mulher na sociedade recifense do século XVII e década de 1940, mas também o poder do pai sobre o filho, características que permanecem em nosso meio até os dias atuais, mesmo que de forma mais amenizada.

Temos como exemplo desse fato os estudos<sup>30</sup> sobre a família nas camadas pobres nas quais foi observada a posição privilegiada do homem em relação à mulher e o poder coercitivo que este exerce sobre seus filhos. No caso da história em questão houve um abuso da autoridade paterna, que na época era mais ferrenha como afirma Gilberto Freyre:

O domínio do pai sobre o filho menor - e mesmo maior - fora no Brasil patriarcal aos seus limites ortodoxos: ao direito de matar. O patriarca tornara-se absoluto na administração da justiça de família, repetindo alguns pais, à sombra dos cajueiros de engenho, os gestos mais duros do patriarcalismo clássico: matar e mandar matar, não só os negros como os meninos e as moças brancas, seus filhos. (2006: 179).

É notória também nessa história, a prática de violência contra a mulher, a chamada “violência doméstica” (nesse caso acarretando a morte) que, por acontecer em ambientes privados sempre teve menos visibilidade. Até hoje, podemos afirmar que autoridade do pai continua presente mesmo depois de toda a emancipação da mulher a qual se revoltou contra a autoridade patriarcal, principalmente, depois do aumento das reivindicações feministas da década de 1980. Segundo Cynthia Sarti,

Estudos recentes mostram, a força simbólica destes padrões ainda hoje, reafirmando a autoridade masculina pelo papel central do homem como mediação com o mundo externo, e fragilizando socialmente a família onde não há um homem “provedor”, de teto, alimento e respeito. (1996: 37-38).

---

<sup>30</sup> CORREA, M. (1988); SARTI, C. (1996) e SCOTT, R. P. (1997).

De acordo com a autora, quando a mulher se torna a chefe da família e a provedora econômica, fragiliza a moral do homem naquele núcleo, porém, ainda assim, os padrões patriarcais não desaparecem totalmente. Alguns costumes do cotidiano das famílias só vêm reforçar a hierarquia entre homem e mulher, pai e filho, adultos e crianças.

Atualmente, a violência contra a mulher na cidade do Recife vem ganhando destaque a nível nacional. Segundo dados do Ministério Público de Pernambuco<sup>31</sup>, a violência doméstica e familiar ocupa o quarto lugar na lista dos crimes mais frequentes na cidade, só ficando atrás do tráfico de drogas, roubo e porte ilegal de armas. Assim, as narrativas de assombração continuam refletindo a realidade vivida no cotidiano recifense. Histórias que circulam transmitindo as experiências da comunidade, da família, das pessoas.

Consustancial a Douglas (1991), Georges Balandier (1997) afirma que, nas sociedades tradicionais, a tradição elege os lugares e as figuras onde a desordem se situa. Entre essas figuras de desordem destaca-se a mulher. Vive nas tênues fronteiras entre natureza e cultura e, por isso, é profundamente temida, oferece perigo. Concordo com o autor quando afirma que não só nas sociedades tradicionais, mas na maioria das culturas, se manifesta a incerteza em relação à mulher. Daí surge sua constante presença nas narrativas de assombração, nas quais muitas vezes, ela anuncia a própria morte. Morte tão temida, tão reverenciada, tão ritualizada por todas as sociedades.

---

<sup>31</sup>[http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/03/06/violencia contra a mulher e crime frequente no recife pe 1218454.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/03/06/violencia%20contra%20a%20mulher%20e%20crime%20frequente%20no%20recife%20pe%201218454.html) Acessado em 30/01/2009.

*A morte, surda, caminha ao meu lado  
E eu não sei em que esquina ela vai me beijar.*

*(Raul Seixas e Paulo Coelho)*

### *CAPÍTULO III:*

#### *Os diálogos com a morte*

*“A história do Negrinho foi vivida aqui.  
Foi vivida e vista, sentida e querida pela casa”.*

*(Cristina Freyre)*

Ainda embalada pelas histórias de D. Lourdes, D. Pretinha e D. Zete, marquei uma conversa com Maria Cristina Suassuna de Mello Freyre, vice-presidente da Fundação Gilberto Freyre. Soube de sua história através do programa “Mistérios de Pernambuco” apresentado, todas as quintas-feiras, no período de abril a maio de 2007 pelo NETV (jornal local da Rede Globo de Televisão). No episódio intitulado “O Fantasma de Apipucos”, que foi ao ar no dia 19 de abril desse mesmo ano, pude ver a contadora abrir seu baú de histórias sobre a aparição do “Negrinho da Senzala”<sup>32</sup>. Mais de um ano depois da reportagem fui ao seu encontro.

No dia 16 de junho de 2008 cheguei a sua casa no já referenciado bairro de Apipucos. Caía uma chuva forte, como se os deuses estivessem proporcionando um cenário ainda mais sombrio para a história que viria a seguir. Fui recebida por uma mulher alta e simpática. Alta não só no tamanho, mas de uma altivez poucas vezes encontrada. Cristina é uma mulher verdadeiramente elegante, não só nos trajes, mas também nos gestos. Nora de Gilberto Freyre e sobrinha de Ariano Suassuna, ela aparece trazer esses dois sobrenomes, tão importantes para a história de Pernambuco, nas veias. É viúva desde 2005, mas ainda mora na casa onde viveu com Fernando de Mello Freyre durante mais de quarenta anos.

---

<sup>32</sup> O termo é usado pela contadora sendo assim o modo que a família chama o mal-assombrado.

Ao me receber, ofereceu café, como recusei, pediu que me servissem um suco. Sorridente, ela me fez sentir em casa e perguntou: “*Como é seu nome? Seu nome todinho?*”. Respondi, e minha resposta funcionou como uma senha para a narradora começar a sua fala. Apesar de estar acostumada com contadores, fiquei impressionada com a boa vontade daquela mulher em me repetir uma narrativa que já contara inúmeras vezes.

Quando me dirigi até a casa de Cristina Freyre, estava impregnada pelo pensamento segundo o qual todos têm histórias para contar, mas nem todos são contadores de histórias. Porém, ao passo que Cristina foi começando sua contação, pude perceber sua habilidosa maneira de contar, com riqueza de detalhes, a sua narrativa. Seu modo de receber os ouvintes e a importância que dedicou à sua história não deixava dúvidas quanto a ser ela uma contadora.

Principalmente, gosta de contar e, contando contribui para que essas histórias não se percam em sua memória. Porém, não satisfeita apenas com o falar, resolveu seguir os conselhos de alguns amigos e transformou sua narrativa em um pequeno texto com o qual fui presenteada. Lembrei-me de Alberto Manguel (2008) e de como, para ele, contar, redigir e ler histórias são artes complementares que aguçam a nossa percepção do mundo.

Cristina iniciou falando como o terreno onde foi construída sua casa foi desmembrado do terreno da Vivenda Santo Antônio de Apipucos<sup>33</sup>, propriedade dos seus sogros Magdalena e Gilberto Freyre. A residência é uma construção moderna, possuindo cerca de cinquenta anos. Casa espaçosa, confortável, tendo piso térreo e superior. Do lado de fora, um grande espaço com piscina e uma casa menor logo a frente que, atualmente, guarda os milhares de livros da família. Analisando a primeira vista, em nada se parece com uma casa mal-assombrada, não fosse por um detalhe: na sua entrada lê-se o dístico “Senzala 414”.

---

<sup>33</sup> Em 11 de março de 1987, a família Freyre decide instituir na vivenda uma fundação que reunisse o patrimônio material, os bens e o acervo de Gilberto Freyre, além de funcionar como centro de estudos e disseminação de suas idéias. Atualmente, a Vivenda de Santo Antônio de Apipucos é a Casa-Museu Madaglena e Gilberto Freyre cuja administração é feita pela filha do casal Sônia Maria Freyre Pimentel e pela nora Maria Cristina Suassuna de Mello Freyre.

A casa foi construída em cima do local onde funcionava a senzala da casa-grande dos Freyre.

Explica-nos Cristina:

*A gente chama 'Senzala 414'. É como a gente situa a minha casa porque realmente essa casa está levantada em cima de uma senzala de casa-grande e isso ficou mais do que comprovado quando a gente foi escavar a piscina, que as escavações tinham que ser muito profundas, não é? E começamos a encontrar objetos de cozinha de escravo. Eu tenho esses objetos aí, inclusive, posso lhe mostrar. Alguns já acabados pelo tempo, pela ferrugem, outros não, em perfeito estado. Como, panelas de ferro, assadeiras, ferro de engomar, entendeu? Então, isso a gente mantém aqui. A gente já sabia que pela disposição da casa que seria esse o local da senzala.*

Apesar do alerta dos vizinhos na ocasião da construção da casa, a família viveu duas décadas nela sem que nada de estranho acontecesse. Porém, no início dos anos 80, começaram a acontecer coisas estranhas:

*Essas assombrações aconteceram aqui da maneira mais agradável que você possa imaginar. De repente, sem a gente criar expectativa de nada. A única coisa: pessoas que moraram nessa região antes da casa ser construída (...), quando começaram a ver que iam subir uma casa aqui, começaram a comentar: '-Vocês não acharam uma botija não? Há uma tradição de botija. Essa casa, esse terreno, essa região... Há qualquer coisa nessa região que vocês vão deparar com isso'. Quer dizer, mas comentários populares, simples, de vizinhança que me via construindo a casa. E a gente sempre levando isso numa boa, sem problema, nem assombro, nem coisa nenhuma. A casa foi construída, casei, os filhos começaram a nascer. Quando esses meninos começaram a crescer, eram crianças ainda, foi quando as aparições começaram a acontecer. Eu digo 'as aparições' porque foram várias ocasiões, mas sempre o mesmo elemento.*

No relato acima, Cristina comenta a crença da vizinhança em relação às botijas. Botijas são tesouros enterrados debaixo do solo, costume comum entre os mais antigos, afinal, não foi sempre que existiram os bancos. Acredita-se que quem enterrou o objeto de valor e acabou morrendo antes de retirá-lo, volta para indicar a alguém o local e, só assim, o espírito descansará em paz. A partir da indicação, alguns preceitos devem ser seguidos:

Revelado o lugar, com a indicação mesmo de certos sinais particulares, deve o indivíduo guardar o mais absoluto segredo, ir só e rezar umas tantas orações para afugentar o diabo, que não deixa de comparecer em semelhantes ocasiões, com o fim de impedir a extração do tesouro, porque, enquanto permanecer oculto, a alma absolutamente não se salva. Se, porém, a pessoa fizer revelações e for acompanhada, encontrará efetivamente todos os sinais indicados, como sejam mesmo certos objetos, mas o tesouro converter-se-á em carvão, e a outrem será depois revelado... (CASCUDO, 1999: 63)

Com o tesouro em mãos o presenteado com a botija deve mudar-se do lugar onde mora, caso contrário, a morte lhe chega rápido. Assim fez a família Luna, moradora do sobrado da Estrela, localizado no bairro de São José no Recife. Conta-nos Freyre (2000) que depois de ter passado vinte anos fechada devido aos mal-assombrados, a família passou a habitar a casa. Porém, tempos depois, mudaram-se sem motivo aparente. Dentro do sobrado, os vizinhos encontraram um grande buraco no chão. Acreditou-se que os Luna haviam desenterrado dinheiro e fugido com medo de ter que prestar contas com a morte.

Ao iniciar a obra para construção de sua casa em um local onde se sabia ser muito antigo, a contadora atiçou a curiosidade de seus vizinhos. Quem sabe os recém-casados não achariam botija e logo depois desapareceriam do bairro sem deixar notícias? Porém, não fora isso que aconteceu. Nada de botijas achadas durante a construção da casa. Mas, tempos depois, com a construção da piscina, foram encontrados objetos antigos, utensílios domésticos utilizados pelos escravos que outrora viveram naquele lugar. Se pensarmos como Thiago de Oliveira Sales (2006): *“botijas são objetos pessoais que os indivíduos esquecem enterrados debaixo do solo. São coisas esquecidas e enterradas”* (p. 24) podemos encarar tais objetos como uma espécie de botija. Não a botija tradicional que geralmente é enterrada intencionalmente, com o intuito de guardar dinheiro e, no fim, é cobrada por almas de outro mundo, mas objetos caros aos mortos que, depois de desenterrados, contribuem para desencadear uma série de acontecimentos.

É importante lembrar: a escavação no terreno para a construção da piscina foi feita na mesma época que começaram as aparições. Ali, a família morou com tranquilidade durante mais de vinte anos. Como nos contou a narradora, tudo começou quando seus filhos *“eram crianças ainda”*. Isso foi no início da década de 1980 depois das escavações. Cristina relata como se apresentou, pela primeira vez, o espectro:

*Como a gente começou a sentir uma presença diferente na casa? Kika, minha filha, é a filha do meio. Eu tenho Gilberto mais velho, Kika no meio e Fernandinho, o caçula. Kika tinha talvez dois, três anos de idade. Kika sempre foi gordinha, pesada, bem diferente dos irmãos. Os irmãos eram magrelinhos e compridos e ela puxou muito as avós. As duas avós, ela tem muita coisa das duas avós que eram bem toradinhas. E Kika sempre dormiu muito bem. Uma noite ela não estava bem. Entre o dormir e o acordar, ela estava choromigando o tempo todo. Eu disse: ‘-Kika ou vai adoecer ou alguma coisa está acontecendo que isso não é dela!’. E aí me levantei de madrugada e trouxe Kika para o meu quarto para a cadeira de balanço. Com muita dificuldade botei ela no colo. Porque ela muito pesadinha já e grandota, dois ou três anos. Eu com muito sono e ela naquela agoniazinha sem conseguir me dizer o que era. Nem acordava, nem cochilava. De repente Bárbara, eu começo a sentir a presença... Eu quase dormindo, mas eu começo a sentir a presença de uma pessoa chegando à gente, perto da minha cadeira de balanço e que aquela pessoa já vinha com uma tarefa: ia me substituir ali, eu ia voltar para dormir. Isso foi me dando uma satisfação muito grande de eu entregar Kika, ela continuar a balançar Kika e eu voltar para cama. A presença me foi muito agradável, eu sem identificar quem era. De repente, eu esperto daquela sensação com Kika, com as duas mãozinhas assim no ar, dizendo: ‘ - Você não!Você não! Só mamãe! Só mamãe!’. Então, alguém estava chegando à gente, não é? Depois disso, ela agarrou-se assim comigo, dormiu. Eu deitei, acabou. A noite terminou muito bem. Essa foi a primeira sensação de alguma coisa estranha na casa. Daí para frente a gente não só teve outras sensações, mas a gente começou a ver a presença do negrinho.*

É na residência de uma família tradicional na cidade que se dá a aparição.

Local que antes havia abrigado escravos. O fantasma não veio para causar medo na moradora, mas sim, para ajudá-la a cuidar da filha pequena que, até àquelas horas, não conseguia dormir. Da mesma forma que faziam as negras com as crianças no Brasil escravocrata estudado por Freyre (2005): “a figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras...” (p.419). Outra história narrada pela contadora ilustra bem a relação entre o senhor e escravo:

*Outra ocasião muito interessante: eu vinha almoçar, passei pelo meu quarto. Cada quarto daqui de casa tem um armador de rede. Fernando gostava muito de rede. Era um dia de domingo e Fernando tava deitado na rede no quarto da gente lendo. Eu passei por ele para chamar que o almoço estava na mesa. Quando eu passei, vi que tinha uma cena diferente no meu quarto. Eu aí volto para ver o que era. Quando eu voltei, junto dessa rede da gente eu ainda tenho um baú antigo que me veio do sertão da Paraíba e que eu guardo roupa de cama. E aí quando eu volto para olhar qual era a cena que eu não estava acostumada a ver? O negrinho estava em cima desse baú balançando a rede de Fernando. Quando eu voltei Fernando me viu voltar aí disse: ‘ – Não se espante. O negrinho está aqui faz tempo. Deixe ele continuar balançando minha rede’. Desse jeito, tamanha era a intimidade da gente com o negrinho.*

Ainda segundo Freyre (idem) “*os mal-assombrados costumam reproduzir as alegrias, os sofrimentos, os gestos mais característicos da vida nas casas-grandes*” (p. 42). Assim fez o espectro ao querer ajudar a contadora a embalar sua filha e ao balançar a rede do seu marido. Acreditando, como o faz Santos (1998), que a cidade é também o espaço de representação das experiências humanas, tal narrativa nos transporta para um Recife das Casas-Grandes e das Senzalas. Recife dos escravos. Cidade construída também pela mão-de-obra do povo negro. Não se pode esquecer a utilização do trabalho escravo no ciclo da cana-de-açúcar, na construção das pontes recifenses, dos velhos arcos não mais existentes em nossa paisagem... Recife libertário que pelo rio Capibaribe fazia descer os africanos fugitivos em busca de liberdade. Os negros ergueram a cidade, sofreram e ainda sofrem com os seus preconceitos. Levam com eles as marcas de um passado escravocrata, patriarcal, colonial. Não se pode negar que, até hoje, o Recife carrega a alma negra na sua identidade seja por meio da religião, das brincadeiras, das danças, das comidas, da música ou das narrativas de assombração.

As histórias contadas têm o papel de constituir nossa identidade. Contando sua história, Cristina registra experiências vivenciadas no Recife do passado. Para Manguel (2008): “*as histórias são nossas memórias*” (p.19) e se, a cidade é produto da ação humana, as histórias contadas pelo narrador são também as memórias da cidade. A senzala foi destruída, o local onde era localizada foi escavado para a construção de uma piscina, mas os negros continuavam a se fazer presentes na casa por meio dos seus utensílios e pela aparição do “negrinho”. Como enterrar o passado?

Para Fortuna (1997), “*as ruínas das nossas cidades apresentam-se aos indivíduos com uma dupla qualidade: por um lado, são repositórios de outros modos de vida, e por outro estimulam a construção imaginada do presente*” (p.132). Assim, depois de achado os utensílios, o passado recifense retornou à residência de parte da família Freyre. Apresentou-se

“o negrinho” reconstruindo parcialmente esse passado. Parcialmente porque edificado por meio de interpretações do presente. “A cidade não conta o seu passado, ela o contém” (Calvino, 1990: 14), apesar da citada casa ser moderna, parece que as ruínas da escravidão teimaram em se fazer presentes, seja por meio das visões de mundo da família ou por meio dos mal-assombrados, para mostrar o constante diálogo entre o passado e o presente existente em toda sociedade.

Depois dessa narrativa, a contadora finalmente nos apresenta o seu personagem e já emenda outra história:

*Era uma criança de até dez anos. Não tinha mais do que isso. Muito simpática. Hora nenhuma a gente teve medo desse menino. Hora nenhuma. Ele aparecia muito bem, agora rapidamente. Ele aparecia e deixava a sensação de está ainda. Sumia, não é? Ele era tão simpático que a gente não percebia cor de roupa. Esses detalhes passavam inteiramente, eram supérfluos. Era a presença dele alegre, aquela criança feliz. Era uma presença agradável a casa. Agora visto por mim, pelos meninos, pelo pai e pelas empregadas. Então ele estava dentro da casa.*

*Eu digo pelas empregadas porque numa das vezes programamos para passar o final de semana em Tamandaré e aí me chega uma empregada nova vinda do sertão da Paraíba na sexta-feira, exatamente o dia que eu estava indo para a praia. Ela chegou e veio recomendada pelos parentes de lá: ‘-Só que é uma matutinha, tenha todo o cuidado, não conhece a cidade grande...’. E tudo mais. Ela me chega na sexta-feira e eu disse a ela: ‘- Maria, eu tô indo passar o final de semana na praia. Vou levar você comigo porque você tá chegando hoje, eu tô indo hoje e eu não vou lhe deixar sozinha nesse sítio, nessa casa. Ela disse: ‘- Vou não D. Cristina, para a praia eu não vou. Eu não conheço o mar, eu tenho medo de mar. Eu prefiro ficar aqui. Eu não tenho medo de ficar no sítio não que eu moro em sítio lá’. Eu fiquei meio assustada porque eu digo: ‘- Ela vai ficar sozinha dois dias, né? O sábado e o domingo, eu só chego no domingo de noite, mas vou deixar’. Recomendei as portas, como ela fechava como abria para não ficar presa nem pelo lado de dentro nem pelo lado de fora. Aquele transtorno por não ir comigo. Deixo Maria aqui e fui embora para Tamandaré. Quando eu chego no domingo de noite de volta com os meninos, bagagem e tudo. A cena que eu encontro: porta da cozinha fechada, Maria sentada no batente do lado de fora e a malinha dela junto. Qual foi o meu pensamento? Eu digo: ‘- Maria passou o final de semana presa do lado de fora. Bateu a porta, não soube abrir. E tá apavorada. Do jeito que eu deixei Maria ela tá aqui do lado de fora’. Eu aí disse: ‘- O que foi que houve?’. Ela disse: ‘- Tô indo embora. Já não vou dormir mais aqui hoje’. Eu disse: ‘- Por quê?’. Ela disse: ‘- Sua casa é malassombrada. Um menino passou o final de semana me aperreando nessa cozinha. Tem um menininho preto aqui que passou o final de semana batendo nas minhas panelas. Olhe, eu não fico. Sua cozinha é malassombrada’. E Maria foi dormir em casa de uns amigos também que ela conhecia aqui, que moravam em Casa Amarela, já não dormiu mais aqui no domingo de noite. E daí foi embora. E eu tentei acalmar, mas não houve jeito.*

O mal-assombrado estava dentro de casa, aparecia aos moradores da casa.

Somente aos moradores. Pois, na mesma época das aparições, no informa Cristina, Gilberto

Freyre estava escrevendo o livro *Apipucos: que há num nome* e, várias vezes, desceu até a sua residência para ver se topava com a assombração. Para o mestre de Apipucos nada de traquinagens. Apenas para os moradores da casa. Voltava àquela criança, depois de anos, a habitar o lugar. Num final de semana a aparição assusta uma candidata à empregada. Estava mais do que provado, a casa era mal-assombrada. Assim como as presentes em contos clássicos da literatura fantástica onde aparecem casas insalubres que trazem uma forte ligação com os mortos e, portanto, com a morte<sup>34</sup>. A casa fatídica onde ninguém pode permanecer sem que nada de estranho aconteça.

Foi assim a casa dos Freyre enquanto residiu nela o “negrinho”. Porém, para as pessoas da casa, não era ele uma assombração comum. A intimidade com o fantasma era tão grande que o mesmo foi para Tamandaré passar um final de semana na casa de praia da família. Praia que, para quem não lembra, é habitada pela mulher da trouxa descrita por D. Zete. Assim nos contou Cristina:

*Numa outra ocasião chegamos em Tamandaré... Isso é que foi um grande motivo de estudos num congresso que houve de antropologia sobre assombrações na Fundação Joaquim Nabuco. Um congresso comandado por Valter da Rosa Borges. E Valter pegou esse assunto que eu vou falar com você agora e levou para o congresso e terminou o congresso sem encontrar uma solução para a coisa. Porque as assombrações, segundo ele, normalmente elas acontecem na mesma região. Elas não se deslocam com as famílias, entendeu? E ouve o deslocamento do negrinho com a gente para Tamandaré. Nós fomos a Tamandaré no final de semana. Quando eu cheguei lá, final de uma sexta-feira, os meninos todos com sono e dormiam os três num quarto só em camas beliche. Na hora que chegamos lá em Tamandaré eles foram para o quarto e adormeceram na mesma hora. Já cansadíssimos. E eu vim para o meu quarto com Fernando. Fernando ficou lendo jornal na cama. Eu me lembro da cena Fernando deitado lendo o jornal enquanto eu guardava as coisas que trouxe para a praia. De repente um barulho terrível no quarto dos meninos. Minha impressão imediata é que a cama beliche tinha desabado e eles tinham caído. O barulho foi tão forte que eu disse: ‘ – Caiu a cama!’. Fiquei assustada. E aí parei o que eu estava fazendo no meu quarto. Fernando baixou o jornal na hora que ouviu o barulho. Quando nós dois íamos correndo para o quarto dos meninos, o negrinho estava parado na porta do meu quarto. Aí nós paramos, aí gritamos: ‘ – O negrinho!’. Quando gritamos, eu chega sosseguei porque aí eu sabia que não tinha sido nada com os meninos. Aí nos acalmamos, entramos no quarto dos meninos, acendemos as luzes. Os meninos dormindo, tranquilos. Não houve absolutamente nada no quarto. Pronto, voltamos, ele desapareceu. Foi esse fato que assustou o congresso porque ele se deslocou com a gente para lá.*

<sup>34</sup> Para algumas variações sobre o tema da casa fatídica na literatura fantástica ler “Freud e O Estranho” e “Contos Fantásticos Brasileiros”, coletâneas organizadas por Bráulio Tavares, além de “Contos de Horror do Século XIX”, escolhidos por Alberto Manguel, ambas citadas na bibliografia da dissertação.

A narrativa, além de apresentar nosso personagem principal, versa sobre o deslocamento de uma assombração de seu lugar de origem para a praia onde a família passava o final de semana. A contadora cita como a história causou furor em um congresso presidido por Valter da Rosa Borges. É necessário abrir aqui um parêntese que irá lançar um pouco mais de luz sobre a relação peculiar do Recife com as histórias de assombração.

Valter da Rosa Borges é o presidente de honra do IPPP – Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas<sup>35</sup>, fundado por ele em 1973. Trata-se de umas das mais antigas instituições de parapsicologia do Brasil, a única do Nordeste. Tive a oportunidade de visitá-lo na instituição quando da minha pesquisa de campo e conversar pessoalmente com ele. Fui recebida por um senhor bastante grisalho, calvo, de estatura mediana, óculos no rosto. Procurador da justiça aposentado, escritor, ex-apresentador de televisão<sup>36</sup>, filósofo, poeta, parapsicólogo, entre outras coisas que o tornam figura conhecida e respeitada na cidade, Valter forma, juntamente com Padre Quevedo, a dupla de decanos da parapsicologia brasileira.

Ele é uma espécie de caça-fantasmas da cidade. Participou de diversas investigações sobre *poltergeist* não só no Recife, mas em todo o estado. Cita que os casos mais recentes que estudou aconteceram um no bairro da Jaqueira e outro na cidade de Passira no agreste pernambucano. Porém, um dos mais famosos foi o ocorrido no Edifício Paris, localizado na Avenida Cruz Cabugá, bairro de Santo Amaro, Recife. Conta-nos Valter:

*Eu tive a sorte de ver um poltergeist em ação. Na Avenida Cruz Cabugá. Como sempre, um fenômeno assim muito forte, chama logo a atenção da imprensa e a imprensa bateu lá, não é? A família ficou muito assustada porque garrafas vazias voavam dentro de casa. E a família como era católica então resolveu pedir a ajuda de um padre. O padre foi lá e disse: ‘ - Olhe, eu não posso fazer exorcismo porque eu tenho que ter autorização de Roma, né? Mas, eu vou ver o que eu posso fazer’. Então, fez um simulado lá, mas o poltergeist continuou, né? Então disseram: ‘ -*

<sup>35</sup> Localiza-se a Rua Sérgio Magalhães, 54. Graças, Recife – PE.

<sup>36</sup> Em 1968, Valter da Rosa Borges criou, dirigiu e apresentou, na TV Universitária Canal 11, da Universidade Federal de Pernambuco, o programa “O Grande Júri”, o primeiro programa cultural e científico do Brasil e que teve a duração de quatorze (14) anos, terminando em 1982.

*Olhe, aqui tem uma igreja na Cruz Cabugá que tem um pastor que é muito bom para essas coisas'. Aí o pastor veio, perguntou se a família aceitava Jesus, a família aceitou, mas o Satanás não aceitou, né? E continuaram as garrafas voando. Em desespero, mandaram chamar um médium espírita. Então o médium procurou receber o espírito de uma menina que tinha morrido na casa, atropelada. A menina não baixou. Acho que não tinha autorização. Era de menor, né? Chamaram então uma mãe de santo. A mãe de santo disse que era um trabalho que foi feito e ela ia desfazer. E pediu uma importância muito alta que a família não podia pagar.*

*Então foi quando a presidente do Sindicato dos Médicos, Dr<sup>a</sup>. Cléia Correia, se eu não me engano, faz tanto tempo isso... Ela me telefonou e me pediu que eu tratasse do caso. Eu disse: ' - Eu não vou não. Pelo seguinte: eu só vou se a família me chamar'. ' - Não, mas ela pediu que o senhor viesse até aqui'. Eu disse: ' - Então eu vou'. Aí fui, conversei com a família, todo mundo apavorado. A primeira coisa que eu fiz foi dizer a imprensa: ' - Com licença, isso daqui é um trabalho profissional. Fiquem do lado de fora'. Então conversamos, ela me mostrou o lugar onde ocorria o fenômeno e eu perguntei: ' - Vocês só têm essas pessoas aqui em casa?'. ' - Só. Da família só. Agora nós temos duas garotinhas que estão aqui conosco, né? Uma é a babá da minha filha que morreu atropelada e a outra é a irmã dela'. Eu disse: ' - Chame primeiro a menor, onde ela está?' (...). Então a garota veio eu conversei, conversei com ela, estimulei e nada. Não aconteceu nada. Aí vem a outra, a moça de doze anos que era a babá da menina. Ela veio. Eu comecei a conversar, estimulei bastante. Aí a primeira garrafa voou: pá! Eu disse: ' - É essa. Essa aí é a agente do fenômeno' (...). Então eu perguntei: ' - Essa garota ela assistiu ao atropelamento da criança?'. ' - Assistiu'. ' - Ela já menstruou?'. ' - Não'. ' - Quando ela menstruar isso vai desaparecer. Então, mantenham a calma. Não se preocupem que não é nenhum espírito, nem Satanás, nem trabalho feito. E só a atitude de vocês de tranquilidade vai reduzir a intensidade do fenômeno. Não se preocupe que não é coisa de outro mundo não. É desse mundo mesmo'.*

*Poltergeist* consiste em eventos sobrenaturais de ordem objetiva, pois, se materializa através do deslocamento espontâneo de objetos. Acredita-se que agentes psíquicos são causadores do fenômeno, sobretudo, mulheres que se encontram na puberdade, como a menina citada na história. A mulher que está em vias da menarca é mais propensa a causar tais perturbações. Mais uma vez, temos a figura da mulher e do sangue menstrual como agentes do medo tal qual vimos no segundo capítulo. Porém, a parapsicologia explica o fenômeno cientificamente. Como nos informa Valter:

*Isso é a própria mente que produz esses fenômenos. Às vezes é uma pessoa que tem o rancor contra alguém e produz o fenômeno. Porque já que não pode agredir a pessoa fisicamente, diretamente, ela agride por outros meios. Você não se auto-agride? Não tem até enfarto? Úlcera duodenal, estomacal. Porque você interiorizou aquela raiva e quando você exterioriza, pode ser através de um murro na mesa, mas como você é muito educado, não quer dá murro na mesa ou na cadeira, a energia vai sair de todo jeito.*

É assim, por meio da exteriorização de um forte sentimento que as coisas acontecem. O fenômeno é objetivo e, portanto, explicado pela ciência. Curiosa, indaguei

Valter sobre as assombrações e ele me falou que se tratava de fenômenos subjetivos, o que para a parapsicologia é difícil de explicar devido a não materialidade dos acontecimentos. Diz que já investigou várias casas assombradas, mas nunca teve oportunidade de topar com uma assombração. Porém, o que podemos notar na história do parapsicólogo e o seu IPPP é a relação do recifense com esses fenômenos sobrenaturais. Sejam os de assombração, os de *poltergeist*, ou qualquer outro.

A citada instituição funciona em uma casa antiga no bairro das Graças. Foi declarada de Utilidade Pública Estadual por meio da Lei nº 9714 de 03 de outubro de 1985 e de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº 14.840 de 14 de janeiro de 1986. Apesar disso, não possui placa em sua fachada devido aos altos impostos cobrados pela prefeitura. Lá são realizados cursos de parapsicologia e pesquisas sobre paranormalidade. Além disso, o instituto oferece apoio gratuito a pessoas com problemas de natureza parapsicológica. Foi também por iniciativa do IPPP que a constituição do Estado de Pernambuco, por meio do seu Art. 174, determinou que o Estado e os Municípios prestassem assistência social gratuita ao paranormal e ao superdotado seja através de instituições públicas ou privadas.

Freyre (2005) afirma: “o brasileiro é por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas” (p. 212). Porém, juntando-se os fatos descritos acima, pode-se dizer que no Recife temos um caso peculiar de relação com o sobrenatural. Prova disso, foi uma passagem sobre o “negrinho” da Senzala 414 contada por Cristina:

*Eu comentando isso com uma família muito amiga nossa e muito católica. A senhora mais idosa da família conversando com a gente ela disse: ‘ – Cristina, esse negrinho está precisando de orações. Ele está fora do ambiente dele. Esse menino não devia está aqui. Ele está querendo reza, ele está querendo missa. Você procure fazer isso. Esse bichinho precisa voltar para o ambiente dele. Deve ter sido um menino de senzala. Realmente da senzala que existia aqui e ele está precisando de ajuda’. E eu me assustei com aquilo que eu sou muito católica também. Eu digo: ‘ – Meu Deus, eu não percebi. Se era isso eu não percebi’. A gente na euforia de conviver com uma coisa diferente na casa... E outra coisa: de uma maneira muito agradável. E aí eu não me dei conta disso. Se era isso eu fiquei com muito remorso de não ter tomado uma providência ainda. Um remorso inicial, depois o remorso veio por outra coisa. E aí eu fui ao padre de Apipucos com muito receio de levar um*

*carão porque a Igreja Católica reage intensamente a isso, não é? E eu sabendo de tudo isso, mas eu fui ao padre. Padre Clemente.*

*Antigamente Apipucos era um bairro diferenciado com relação à Arquidiocese de Recife e Olinda porque quem substituía os padres em Apipucos não era a nossa arquidiocese ele era comandado pela Holanda. Apipucos manteve essa tradição. Os padres holandeses é que vinham, eram substituídos. Que foi um período áureo aqui para Apipucos porque eles traziam dinheiro da Holanda para as obras sociais do bairro, para a paróquia e então a gente teve uma assistência muito grande da Holanda. Um país rico, um país que levava a religião muito a sério e essas obras assistenciais todinhas eram mantidas pela Holanda. Era uma beleza. Apipucos só mudou para a Arquidiocese de Recife e Olinda com a chegada de Dom José. Dom José ele equilibrou as paróquias todas e como Apipucos era bem desligado ele fez o altar e foi premiada com isso a nossa paróquia porque hoje a sede do Seminário Menor é em Apipucos. Então, os rapazes que começam seus estudos para padre, eles começam em Apipucos. A gente hoje tem esse privilégio de ter aqui essa sede.*

*Mas, Apipucos era então comandado pelos padres holandeses. E padre Clemente era holandês. E eu fui a padre Clemente, contei a ele tudo que eu estou lhe contando aqui. Ele não reagiu, mas também não se entusiasmou, mas, me viu tão aflita para rezar uma missa pelo Negrinho que disse assim: ‘ – Bom, vamos rezar uma missa como a senhora quer, mas não vou rezar nem na paróquia. Vamos fazer na capela da casa paroquial. Uma coisa íntima, a senhora traz toda a sua família de casa, inclusive, os empregados, o pessoal que habita a sua casa. Traga, vamos todos rezar por essa alma, não é isso que a senhora quer? Vamos rezar’. Então, rezou a missa. Fomos todos, os empregados, eu, os filhos, todo mundo. Bárbara, e depois dessa missa, o Negrinho não apareceu mais. Olhe, passou um tempo enorme, a casa vazia, a gente só contando as coisas. Isso deixou uma nostalgia na gente imensa que de repente deu um arrependimento, entendeu? Por egoísmo ou não, mas ele animava. Ele era uma presença de expectativa na casa. E isso, os meninos com dez anos, oito anos, sete anos, entraram na história do negrinho e contavam e recontavam. Às vezes nem acreditavam no que os meninos contavam, mas isso fazia parte da casa. E isso deu a gente uma saudade enorme. Só que de um tempo para cá... Exatamente eu acho que quando começou a se movimentar... Porque o Recife passou um tempo muito grande que ninguém ligava mais para assombrações. Houve um hiato muito grande. Antigamente se dava muito valor, se acreditava. Aconteceu uma maré morta que deixou-se de falar, mas ultimamente, não é? A gente sabe pelo movimento do livro ‘Assombrações do Recife’ de Doutor Gilberto. Esse livro começou a ser pesquisado, comprado, reeditado e então lá vem o movimento de assombrações. As pessoas começaram a estudar e a coisa voltou. Como tudo volta como onda, não é? Então com a volta desse assunto, a gente voltou a falar muito no negrinho. Você acredita que a gente começa a sentir sintomas? Ele não voltou a aparecer como o negrinho, mas a casa... Eu não sei se é a insistência dele em se fazer presente ou se é o próprio ambiente que a casa está que a gente não pode desprezar isso de jeito nenhum. Porque coisas continuam a acontecer.*

Essa fala tem três aspectos interessantes trazidos pela contadora: 1. a intimidade criada com o mal-assombro era tão grande que quando este se foi deixou saudades eternas na família. 2. trechos importantes da história do bairro de Apipucos são costurados juntamente com a história do negrinho. 3. a relação do Recife com as histórias de assombração é de certa forma, periodizada.

Através das narrativas de Cristina percebe-se a intimidade que os Freyre criaram com o mal-assombrado que era quase um membro da família. Sua partida deixou saudades. A saudade deixou a sensação de que o fantasma teria voltado. Na sua fala verificamos a existência de um fio muito tênue entre a vida e a morte. Estas não estão separadas por um corte nítido, mas sim relacionadas através de continuidades e descontinuidades. Relação bem particular com o espectro que, em tantos casos, vem para assombrar. Relação típica do Recife? O próprio Valter admite: “*O Recife tem fama de assombrado*” ou então “*poltergeist no Recife aparece muito*”. Recife que deu nomes de assombrações a suas praças, seus lugares, suas ruas. Não podemos esquecer que a Praça Chora Menino e o Encanta Moça foram assim chamados unicamente por causa das narrativas de assombração. Além disso, outros lugares ficaram famosos pelas aparições, como é o caso da já citada Cruz do Patrão e da Avenida Malaquias no bairro dos Aflitos.

Outro trecho interessante é quando a contadora traz aspectos importantes da história do bairro de Apipucos. A fase áurea da vida religiosa local sob o comando dos padres holandeses, as ações sociais, a intervenção do arcebispo Dom José Cardoso Sobrinho e a instauração do Seminário Menor na região mostram como a história de cada indivíduo em particular está imbricada com a história do grupo no qual está inserido. Cristina versa com orgulho sobre o seu bairro, falar dele é como falar de si mesma ou, falar de sua casa. Em outro momento a contadora afirma: “*Apipucos é um bairro de histórias*”. Logo, a casa assombrada estende-se ao Apipucos assombrado como também podemos comprovar na fala de seus vizinhos quando operários foram construir a moradia da família.

Observando suas palavras, concordo com Santos (1998) que, ao analisar a função de proteção sempre atribuída à cidade, chega à conclusão de que a cidade (e dentro dela o bairro) é uma extensão da casa: “*é compreensível que se transfiram à cidade, os sentimentos e sensações próprias da casa*” (p. 58). Assim, ao contar sua história, a narradora

conta também a história do seu lugar. Apipucos é a referência espacial fundamental em sua narrativa. Vê-se que as narrativas da tradição, por meio de linguagem simbólica, nos ensinam, nos informam, falam de nossas experiências no mundo e revelam a nossa cidade.

Por fim, Cristina chama a atenção para o fato de estar crescendo o interesse pelas histórias de assombração do Recife e diz: *“antigamente se dava muito valor, se acreditava. Aconteceu uma maré morta que deixou-se de falar, mas ultimamente, não é? (...) As pessoas começaram a estudar e a coisa voltou”*. Tal afirmação pode ser ilustrada pela análise de dois grandes momentos na história do Recife onde as narrativas de assombração invadiram os meios de comunicação em massa. Acreditando, como o faz Paul Zumthor (1985), que as grandes mídias reforçam a permanência da voz antes reprimida pelo domínio da escrita e possuem grande influência na população, pode-se fazer a seguinte analogia: o *“antigamente”* citado por Cristina, representa uma época na qual a oralidade era o meio mais eficaz de comunicação, por isso, as narrativas da tradição eram valorizadas. A *“maré morta”* se deu em vários momentos. O primeiro, a partir do período que se desenvolveu a imprensa, ocorrendo o que Zumthor (idem) chamou de subordinação da oralidade à escrita. Tornamos-nos assim, nos termos de Benjamin (1988), pobres em experiência comunicável. Seriam as narrativas de assombração esquecidas em algum lugar do passado recifense? Para Zumthor (idem), o triunfo das grandes mídias promoveu uma espécie de *“vingança da voz”*. O que é transmitido por esses meios de comunicação é, sobretudo, *ouvido*.

Prova disso, foi o surgimento do rádio. O rádio surgiu pelas mãos do inventor e cientista italiano chamado Guglielmo Marconi, o primeiro a pôr em prática os estudos de Heinrich Hertz, Augusto Righi e outros que vinham testando em laboratório ondas elétricas que poderiam transmitir mensagens. No Brasil, apesar do surgimento oficial ter sido no Rio de Janeiro em 1922, estudos revelam que na capital pernambucana, já em 1919,

experimentos eram realizados por amadores comandados por Augusto Pereira, criador da Rádio Clube de Pernambuco<sup>37</sup>.

Foi essa mesma emissora que até hoje luta pela oficialidade do seu pioneirismo que colocou no ar Jota Austregésilo e pela primeira vez suas novelas que tratavam das histórias do além. Depois, o programa transferiu-se para a rádio Tamandaré. Entre as décadas de 1940 e 1980, nas citadas emissoras, foram ao ar diversos programas sobre histórias de assombração, todos eles comandados pelo famoso radialista. Primeiramente, “Mistérios do Além”, depois “O que o mundo esconde” e, finalmente, “Segredos que a vida conta”. Tratava-se de programas de rádio-teatro nos quais os ouvintes enviavam “causos” para serem interpretados pelos grandes rádio-atores da época: Luiz Lima, Rodrigues de Lima, Flávio Paiva, Agnaldo Batista, Lourdes Sorel, Severino Bezerra, Carmem Tovar, entre outros<sup>38</sup>. Depois disso, nova “*maré morta*” se abateu sobre os meios de comunicação da cidade. Até que, com o advento da internet, uma nova onda de assombros se apossou de nós.

O fenômeno começou em 1968 por uma rede desenvolvida com o intuito de servir as forças armadas americanas. Em pouco tempo a rede tornou-se pública e explodiu em todo o mundo. A partir de então, segundo Joel de Rosnay: “*a relação entre real e imaginário virá acrescentar-se a relação entre real, imaginário e virtual.*” (1997: 168). E no âmbito dessa teia entre real, imaginário e virtual, encontram-se novamente as histórias de assombração do Recife. No ano de 2000, foi lançado o site “O Recife assombrado” idealizado pelo maestro Sérgio Barza, pelo engenheiro e músico André Balaio e pelo jornalista Roberto Beltrão, amantes das narrativas de assombrações do Recife. No portal que hoje se resume a um *blog*<sup>39</sup> podemos encontrar diversas histórias que tratam de temas recorrentes na tradição oral: fantasmas de mulheres que assombram moradores de casas antigas, assombrações de

<sup>37</sup> <http://br.geocities.com/preserveoam/radclubepe.htm> Acessado em 01/09/2008.

<sup>38</sup> ARLÉGO, E. *Fantasmas do Recife*. Recife: Edições Edificantes, 2004. Ver em anexo um script do programa presente no citado livro.

<sup>39</sup> <http://pe360graus.globo.com/blogs/misteriospehome.asp>

beira de estrada, materialização do capeta, avisos de morte, entre outros. Nele, tais histórias podem ser ouvidas, lidas e assistidas.

Foi possível perceber que a partir do lançamento do *site* no ano de 2000 vivemos um resgate maior das histórias de assombração na cidade. Resgate esse que inspirou, entre outras coisas, o “Caminhada das Lendas” evento turístico da Prefeitura do Recife e programa de televisão “Mistérios de Pernambuco” exibido pela TV Globo em 2008, já citados nesse texto. Em nenhum momento deixou-se de contar histórias na cidade, porém um interesse maior passou a ocorrer depois da apropriação das narrativas pela internet. O mesmo aumento de interesse que deve ter acontecido quando Jota Austregésilo ia ao ar todas as noites com sua rádio-novela macabra. Daí a afirmação da contadora em estarmos vivendo um novo *rush* em relação às narrativas de assombração.

Porém, o que tudo isso nos faz perceber para além das várias formas de contar narrativas da tradição? Decerto, a presença constante de tais histórias na vida do recifense, independente do tempo em que são vividas, atenta para um constante diálogo com a morte que se faz presente na cidade, por meio dessas narrativas.

Morin (1988) em seu livro *O homem e a morte* chama a atenção para o fato de a ciência ter negligenciado a morte durante todos esses anos, mesmo sendo esta inerente ao ser humano. A morte é um fenômeno biológico, mas cheio de características culturais:

A morte situa-se exactamente na charneira bioantropológica. É a característica mais humana, mais cultural, do *anthropos*. Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental (p. 17).

Para o autor não existe ruptura entre natureza e cultura, por isso, é responsabilidade da ciência, sobretudo da ciência antropológica, estudar esse fenômeno sem o qual a sociedade não sobreviveria. O homem se distingue do restante dos seres vivos também pelas preocupações que envolvem o acontecimento da morte. Entre essas preocupações temos os ritos fúnebres, as sepulturas e a crença na sobrevivência e/ou renascimento dos mortos.

Todas essas são formas de prolongamento da vida, porém, a crença na sobrevivência dos mortos interessa mais neste estudo uma vez que as narrativas orais estudadas tratam de espíritos de pessoas mortas que retornam ao mundo dos vivos.

Mumford (1965) irá dizer que “*a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos*” (p.16) uma vez que a preocupação com os mortos é anterior à aldeia, núcleo mais próximo do que chamamos hoje, cidade. Os grandes túmulos e montes sepulcrais tinham, além da função de guardar os mortos, uma função ritual e coletiva. Em torno deles se reuniam em cerimônia grande número de pessoas. De acordo com sua tese, tal fato poderia ter despertado o espírito cívico nos homens e os encaminhado cada vez mais para a cidade, local onde os sentimentos de medo, reverência e orgulho seriam consideravelmente ampliados.

Portanto, é característica de toda a sociedade essa relação com o mundo dos mortos o que pode se tratar de uma forma de vencer o medo da morte, de expulsá-la das suas vidas. Bauman (2008) irá dizer que “*o medo primal da morte talvez seja o protótipo ou arquétipo de todos os medos – o medo definitivo de que todos os outros extraem seu significado*” (p. 73). Os próprios egípcios adoravam tanto a vida que faziam o possível para manter a corporeidade dos mortos. O processo de mumificação, assim como o de incineração em algumas sociedades, representava uma espécie de vitória contra a decomposição do corpo. Muitos outros exemplos poderiam ser dados para mostrar as fórmulas que as diversas sociedades desenvolveram para burlar a idéia do fim irremediável.

Segundo Morin (idem), tal crença na superação da morte é “*uma brecha originária fundamental, por meio da qual o individuo exprime a sua tendência a salvar a sua integridade para além da decomposição*” (p. 125). Com isso, o ato de contar histórias de assombração não deixa de ser também uma forma que os recifenses encontram em superar simbolicamente a morte.

O horror em saber que somos de diferentes culturas, classes sociais, religião, raças, castas, mas, no fim, temos a morte como elemento comum a todos os seres, faz com que as pessoas vivam uma angústia mortal em vida. Porém, tal aflição se deu ao longo dos anos a partir do momento em que o individualismo sobrepujou a concepção de espécie. Então, o *tête-à-tête* com a morte passou a ser evitado, adiado. Entretanto, como ela é o único mal irremediável, porque não acreditar em uma vida além-túmulo? Para além dessa resignificação do medo da morte, torna-se interessante associar tais narrativas com o conceito de “duplo” utilizado pelo autor.

Morin afirma ser o duplo um mito universal. É construído a partir da experiência do reflexo, do espelho, da sombra. É para o seu duplo que o homem transporta tudo aquilo que queria ser e não é. O duplo é imortal e mágico, possui poderes sobrenaturais. Por isso, são os mortos a imagem dos vivos, desde as sociedades mais tradicionais até as mais modernas. Assim, a maioria dos mal-assombrados vistos até aqui são pessoas comuns. Recifenses iguais em quase tudo aos vivos. Gostam de caminhar pelas ruas da cidade, dançar, ir à missa, passar final de semana na praia, entre outras tarefas executadas por quem esbanja vitalidade. Se utilizam, inclusive, dos transportes coletivos como nos contou D. Lourdes:

*Um motorista aqui de Recife mesmo. Isso saiu no jornal e tudo. Já faz tempo, já faz anos. Era perto de meia-noite ele combinou com o cobrador para fazer uma corrida só para eles, né? O dinheiro arrecadar para eles. Aí eles foram. Quando ele chegou numa parada de ônibus, deixou o ônibus esvaziar todinho no terminal e saiu em outro destino. Quando chegou numa parada de ônibus, tinha tanta gente, tanta gente, tanta gente no mundo! Lotou o ônibus todinho, foi gente sentada, foi gente em pé, como quem vinha de uma igreja, de uma festa. Mas encheu, cadeira e tudo. Ele saiu naquela linha que ele ia aí quando chegou na frente do cemitério aí um disse assim: - Para aí, para aí que a gente vai descer aqui. Aí desceram tudo, desceram tudo! Ele disse: ‘-Oxi, ninguém pagou e quem vai pagar?’. Aí ficou um atrás, aí ele disse: ‘-Ei, quem vai pagar aí a corrida?’. Aí ele foi descendo, se virou para ele e disse: ‘-Aqui ninguém paga nada rapaz, aqui a gente mora é aqui dentro do cemitério!’. (modificando a voz). Aí eles se desmaiaram os dois, o motorista e o cobrador. Encontraram eles oito horas do dia desmaiados dentro do ônibus.*

A narrativa traz assombrações vindo de algum evento, igreja ou festa, e se utilizando do ônibus, transporte tipicamente urbano, para chegar até o cemitério da cidade, moradia de toda aquela gente. É que “o duplo tem as mesmas necessidades elementares que

*os vivos, as mesmas paixões e sentimentos*” (Idem: p. 129). Perpetua para além da morte os modos de vida na cidade e, sobretudo, as desigualdades existentes nela. Se era escravo em vida, continuará servindo em morte. Se tomava ônibus, não aparecerá andando em luxuosos carros. Se foi rei terá o destino poderoso dos heróis.

Além disso, histórias de assombração são representações coletivas. O autor afirma ainda que a vida em coletividade ameniza o horror da morte. Contando histórias de assombração os moradores da cidade abrandam a angustia que a proximidade da morte representa. Apenas abrandam, porque *“nenhuma sociedade, incluindo a nossa, conheceu ainda a vitória total, quer da imortalidade, quer da consciência desmistificada da morte, quer do horror da morte, quer da vitória sobre o horror da morte”* (Idem: 36). Enquanto isso, o medo sempre baterá em nossa porta. No sentir, o temor tem papel fundamental ao proporcionar uma sensação de *vertigem*.

Conceito caro ao filósofo alemão Peter Sloterdijk (1992), vertigem vem a ser um movimento, um desequilíbrio de um sistema cognitivo adaptado a uma circunstância espaço-temporal que bruscamente é modificada. Esse desequilíbrio pode vir a ser causado pelo medo. Medo da morte e dos mortos que não perdoam nem os contadores de histórias de assombração. Como nos afirmou D. Lourdes:

*Eu tinha muito medo de assombração, misericórdia! Depois dessa menina que eu vi, dessa senhora, né? Eu fiquei mais assim, perdi mais o medo, mas ainda tinha. Eu não fechava uma porta para dormir, só se tivesse uma pessoa adulta junto comigo, se tivesse só meus filhos eu passava a noite todinha sentada do lado de fora batendo papo com um vigia que tomava lá conta de uma madeira. Quando o dia vinha clareando é que eu ia dormir (04/07/2008).*

Nesse depoimento percebemos o abalo sofrido pela própria contadora em relação às histórias. O medo da escuridão da noite, o medo de ficar sozinha, o medo de suas próprias experiências com o sobrenatural. Vertigem parecida foi também sentida por mim, enquanto ouvinte e pesquisadora, no meu caminho antropológico ao escutar umas das tantas

histórias sobre o “Negrinho da Senzala” que me contou Cristina. A seguinte narrativa causou-me grande impacto contrariando assim meu “suposto” racionalismo científico:

*Meus filhos casaram. As noras conhecem a história do negrinho. Nunca viram porque os meninos eram crianças quando isso aconteceu. Mas, a sensação que a gente tem é que ele não gosta das noras. Porque elas têm muito medo de assombração, elas têm muito medo da história e elas não ficam sozinhas aqui em casa. Não ficam sozinhas de jeito nenhum. Elas estão sempre com os maridos e segurando feito crianças na roupa deles. Quando entram, quando saem. Então, quando acontece qualquer coisa que eles têm que dormir aqui, por uma conveniência, sempre à noite acontece um sinal. Tipo: os quartos deles se mantêm do jeito que eles dormiam. Então eu tenho as duas camas no quarto dos rapazes, eu tenho a cama no quarto da filha e eles aí usam esse quarto quando precisam. O meu mais velho, casado, a esposa dormindo numa cama e ele na outra. Em cima dessa cama onde ela estava dormindo, eu tenho uma coleção imensa de latinhas de refrigerante que essa coleção é do outro filho. Mais de quinhentas latas de refrigerantes dispostas em prateleiras, de todas as marcas do mundo, de toda a parte. Por onde ele viajava e passava ele trazia essas latinhas secas. Isso é tudo arrumado, isso é tudo no computador. Ele tem um zelo imenso por essa coleção. Pois bem, essa minha nora que já para dormir numa cama separada, porque são duas camas de solteiro, já foi um aperreio porque tem que está grudado porque elas têm muitos receios de estarem sozinhas aqui. E aí ela deitou-se na cama e acordou de madrugada com alguém puxando o cabelo dela. Ela tem um cabelo lindo, grande. E ela pensou que fosse o marido, meu filho, fazendo já brincadeira, assustando ela de madrugada. E ela acordou já gritando: ‘ – Gilberto não faça isso. Não faça isso que eu quero dormir!’. E Gilberto acordou com ela já gritando desse jeito. Gilberto acordou e disse: ‘ – Cláudia, não sou eu!’. Ela disse: ‘ – Estão puxando o meu cabelo!’. Aí ela mesma disse: ‘ – Então é o negrinho!’. Quando ela disse ‘então é o negrinho’, Bárbara, você acredita que uma dessas prateleiras de latas secas caiu toda em cima dessa menina? A prateleira no canto, perfeita. As latas voavam como se tivesse uma ventania jogando em cima dela. Pronto, e aí você imagina o pânico?’.*

Mais uma traquinagem do “negrinho”, dessa vez contra a nora da contadora que, para o espectro, tratava-se de uma intrusa na casa e, por isso, deveria ser assustada. Assim como a intrometida da história, ao escutar a narrativa, logo fui tomada por um pavor difícil de disfarçar frente a minha entrevistada. Porém, o pior ainda estava por vir. Durante a noite, quarto escuro, silêncio, luzes apagadas... Não consegui dormir. Quisera eu ter as pessoas que D. Lourdes apontou para conversar até o raiar do dia. No longo período de agonia apenas me preocupava com a presença do “negrinho” que a qualquer momento poderia aparecer para puxar meus cabelos.

Agora, depois de certo distanciamento, percebo que essa narrativa específica me causou maior pavor por eu ter me identificado com a nora assustada. Assim

como ela, eu era uma intrusa a tentar revirar a história daquela casa, daquele passado e daquela gente. E se o fantasma resolvesse me castigar como fez com a moça? No dia seguinte me vi tomada por outro medo: como estudar algo que eu temia profundamente? A sensação de vertigem tomou conta de mim, até que o compartilhar de tal experiência com outras pessoas, viesse me salvar.

Ao contar, em sala de aula, o dilema travado com meu objeto de pesquisa, lembrei-me então da premissa: *“a maioria de nossas funções humanas é singular: não precisamos de ninguém para respirar, andar, comer ou dormir. Mas precisamos dos outros para falar, para que nos devolvam o que dissemos”* (Manguel, 2008: 17). Diante disso, percebe-se a importância da oralidade. Com as histórias de assombração aprendi a vencer, momentaneamente, meus próprios medos. Momentaneamente porque em nós está enraizado o conteúdo primitivo da morte e dele não podemos nos desvencilhar por completo. Assim deve ocorrer com a comunidade de ouvintes e contadores das histórias de assombração existente no Recife que, ao contar suas narrativas, tentam jogar seus medos para baixo do tapete, mas esses teimam em retornar.

Foi assim também, durante todos esses anos, com a cidade. Através das suas muralhas, as cidades primevas, tentaram em vão expulsar o desconhecido e a morte para fora de seus territórios. Recife também teve seus dias de fortaleza. Recentemente foi encontrada, por meio de escavações, uma muralha do século XVII localizada à Rua do Bom Jesus que, segundo a equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, servia para delimitar o espaço da cidade protegendo-a das investidas das tropas inimigas<sup>40</sup>. Em vão, pois, mais de dois séculos depois, a morte continua a se fazer presente entre os habitantes da cidade maurícia, seja através da tradicional crença nas histórias de assombração ou da moderna cultura do medo reforçada pela exploração midiática da violência na cidade.

---

<sup>40</sup> O local é agora um museu a céu aberto.

Para Bauman (2008) a sociedade moderna nasceu com o propósito de se colocar cada vez mais longe do medo, rumo a um mundo livre dos temores, de toda a matéria de que são feitos os medos. Porém, constata o autor, não é isso que podemos vivenciar atualmente. Vivemos cada dia mais, mergulhados em horrores que parecem não ter fim. Horrores de uma época onde a incerteza, a insegurança e a falta de proteção deixam marcas profundas no imaginário da população. A cada romper de nova aurora surge o mais variado número de perigos: terrorismo, violência urbana, religiosa, etc.

De acordo com o “Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros 2008”<sup>41</sup>, Recife figura entre as dez capitais mais violentas do país. É a primeira em mortes por assassinato. Tais dados são constantemente explorados pelas emissoras locais que vão ao ar todos os dias criando um clima de terror e medo entre os habitantes da cidade.

Recentemente, em um programa da rádio Jornal do Comércio liderado pelo radialista Geraldo Freire, os ouvintes ligavam para darem suas opiniões em relação às histórias de assombração. Entre os entrevistados, estava Roberto Beltrão, como dito anteriormente, um dos criadores do site “O Recife Assombrado” e autor de duas coletâneas sobre o tema<sup>42</sup>. No programa, foi comum determinada frase, expressada pelos ouvintes: *“hoje não temos mais medo das almas de outro mundo, mas das almas sebosas”*. “Almas sebosas” são como são chamadas, popularmente, as pessoas que cometem crimes e fazem mal às comunidades carentes do Recife<sup>43</sup>.

É evidente que o medo das almas de outro mundo não parou de existir, como comprovaram outros ouvintes que participaram do mesmo debate no referido programa.

---

<sup>41</sup> [http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/01/29/mapa\\_da\\_violencia\\_dos\\_municipios\\_brasileiros\\_mostra\\_queda\\_dos\\_assassinatos\\_desde\\_2004-335333020.asp](http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/01/29/mapa_da_violencia_dos_municipios_brasileiros_mostra_queda_dos_assassinatos_desde_2004-335333020.asp) Acessado em 01/12/2008.

<sup>42</sup> “Estranhos Mistérios d’ O Recife Assombrado” e “Histórias Medonhas d’O Recife Assombrado” são coletâneas organizadas por Roberto Beltrão a partir das histórias enviadas pelos internautas. Citadas na bibliografia do texto.

<sup>43</sup> Para entender melhor o uso da expressão no Recife, ver filme “O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas” dirigido por Paulo Caldas e Marcelo Luna em 2000.

Porém, é também significativo o medo da violência que invade a cidade hoje e tal fato não pode deixar de ser citado.

Então, se pensarmos como Lévi-Strauss (1996) que a cidade é “*a coisa humana por excelência*” (p.116), sendo por isso, resultado do conjunto das ações do homem, é possível perceber como Recife é construído simbolicamente a partir da perspectiva do fim. O medo da violência faz com que os recifenses ensaiem todos os dias, um encontro com a morte. Morre a cada dia o homem e, conseqüentemente, morre a cidade. Para Bauman (2008) vivemos em uma época na qual “*a morte foi incorporada ao fluxo da vida. Não sendo mais o fim irrevogável da vida, tornou-se parte integrante (e possivelmente indispensável) desta*” (p. 64-65). Não deixou a morte de ser temida, mas foi banalizada e, mesmo essa banalização, consiste em mais uma forma de enfrentamento, pois, deixando de ser absoluta, a morte é igualada a qualquer evento do cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### *Apontando Caminhos*

Comecei esse trabalho versando sobre a fúnebre previsão de Benjamin (1988) de que a arte de narrar estava em vias de extinção. Porém, no decorrer da pesquisa, constatei que, diferentemente do que previra o autor, os contadores de histórias de assombração continuavam a se fazer presentes no Recife. Aqui, as histórias são contadas por homens e mulheres, independente de classes sociais ou religião. Tal descoberta me fez pensar na cultura como um sistema autopoietico, como defendeu Humberto Maturana e Francisco Varela (2001). Os autores irão afirmar que autopoiese é a capacidade dos seres vivos de produzirem continuamente a si próprios, seja a nível biológico ou a nível cultural.

Para eles, a cultura é um sistema sustentado por uma rede interna de constantes transformações. A história dessas transformações é denominada de ontogenia. Assim, percebe-se a tradição de contar histórias como uma unidade que vêm se modificando com o passar dos anos, inscrevendo sua ontogenia. Tais mudanças estruturais não afetam a organização de uma unidade. Portanto, o mundo pode mudar, as tecnologias podem avançar, mas a oralidade se fará presente porque é função da história encantar e significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências (Busatto, 2006: 10).

Ouvindo as quatro contadoras, pude perceber que a tradição oral mantém: *“a continuidade de uma determinada concepção de vida e de uma experiência coletiva sem as quais o indivíduo estaria abandonado a sua solidão, talvez desespero”* (Zumthor, 1985: 4). Diante da referida constatação busquei entender o que narrativas de assombração tinham a me dizer sobre a cidade isso porque, sendo parte constituinte de seu imaginário, essas histórias constituem um conjunto de imagens que significam o Recife e que são significadas por ele.

(Reckert, 1989: 11). Perguntei-me então: que perspectiva de *urbe* surgia por meio das narrativas de assombrações?

Um primeiro olhar sobre os mal-assombrados revelou aspectos importantes da história do Recife. O passado, tema marcante no citado gênero narrativo, era sempre resgatado, porém em constante diálogo com o presente. Muitas vezes tais lembranças pertenciam mais à cidade imaginada do que a cidade real, mas, nem por isso, deixavam de ser legítimas, pois, concordo com Nogueira (1998) quando afirma: “*considero descabido qualquer esforço no sentido de estabelecer nítida distinção entre a cidade real e a imaginada, visto que a realidade objetiva daquela nem sempre coincide com o que significa, subjetivamente para o indivíduo*” (p. 117). Destarte, cada contadora construiu no seu universo narrativo uma cidade própria, uma cidade ideal, produto de suas paixões e desejos. Nas suas histórias descortinaram-se enredos, cenários e personagens típicos do Recife.

Ouvindo-as vi emergir também temas intrinsecamente ligados a perspectiva do medo. E, diferentemente do que pensavam alguns, ainda hoje este se faz presente atuando de forma coercitiva por meio da crença nos fantasmas. Além disso, percebi que os temores que envolviam as águas, as mulheres e a morte tornaram-se ainda mais atuais quando relacionados com acontecimentos do cotidiano recifense. Para Bauman, “*nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças*” (2008: 15). Assim, as histórias de assombração continuam dando conta de uma realidade urbana na qual o medo permanece.

Pensar sobre a cidade, em seus mais variados ângulos, é pensar sobre nós mesmos e sobre a condição humana em um *locus* privilegiado no qual é refletido a maneira de ser dos seus habitantes. Entretanto, é preciso deixar claro que as análises apresentadas aqui não constituem uma palavra final sobre o Recife e suas histórias de assombração.

A nenhum a cidade se mostra totalmente, por isso, esse estudo oferece muito mais um apontamento de caminhos, uma alternativa para se entender a cidade, do que uma conclusão fechada em si mesma. Como foi dito no começo deste trabalho, nossas escolhas estão intrinsecamente ligadas a nossa experiência no mundo, por isso, concordo com Maturana e Varela (2001): “*não vemos o ‘espaço’ do mundo, vivemos nosso campo visual; não vemos as ‘cores’ do mundo, vivemos nosso espaço cromático*” (p. 28). Toda reflexão faz surgir um mundo de alguém em particular num determinado lugar. Sendo assim, não acredito em verdades únicas. Aposto na abertura de possibilidades para outras análises e outras interpretações.

---

*BIBLIOGRAFIA*

ARLÉGO, E. *Assombrações do Recife*. Recife: Edições Edificantes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Fantasma do Recife*. Recife: Edições Edificantes, 2004.

BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BALANDIER, G. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Z. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BELTRÃO, R. *Histórias Medonhas d'O Recife Assombrado*. Recife: Bagaço, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estranhos Mistérios d'O Recife Assombrado*. Recife: Bagaço, 2007.

BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas III - Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERGSON, H. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

*Bíblia Sagrada*. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1990.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRAULIO, T. *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Freud e O Estranho: contos fantásticos do inconsciente*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

BUSATTO, C. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASCUDO, C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Lendas Brasileiras*. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CARNEIRO VILELA, J. M. *A Emparedada da Rua Nova*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1984.

CASTRO, J de. *A cidade do Recife: ensaio de geografia urbana*. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CHACON, W. *O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CORREA, M. *Rural, Urbano, Tribal: Antropologia X Família*. Águas de São Pedro: Anais do XII Encontro Anual da ANPOCS, 1988.

DELUMEAU, J. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

DUARTE, E. “Desejo de cidade – múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade”. In: *Espaços urbanos na comunicação e culturas contemporâneas*. Porto Alegre, 2006. Págs. 100-115.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ESTÉS, C. P. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FIGUEIREDO, Maria do Socorro F. V. *Contadores de Histórias: tradição e atualidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2005.

FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônio e memórias. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N°33. Ano 12. Fevereiro de 1997.

FREYRE, G. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

\_\_\_\_\_. *Apipucos: Que há num nome?* Recife: Massangana, 1983.

\_\_\_\_\_. *Assombrações do Recife Velho: Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense*. Rio de Janeiro: Univercidade, 2000.

\_\_\_\_\_. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2006.

HARTMANN, L. Memória, Mentira e Esquecimento entre contadores de “causos” gaúchos. In: *Revista Vivência*. Nº28. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAFESSOLI, M. *O imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS, nº15. Porto Alegre, 2001.

MANGUEL, A. *Contos de horror do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MATURANA, H. R. & VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MORIN, E. *O homem e a morte*. Lisboa: Edições Europa-América, 1988.

\_\_\_\_\_. *Meus Demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

\_\_\_\_\_. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F.M. & SILVA, J. M. (org). *Para navegar no século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003b.

\_\_\_\_\_. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MUMFORD, L. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

NOGUEIRA, M. A. L. “A cidade imaginada ou o imaginário da cidade”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 1, 1998.

OLIVEN, R. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

*O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*. Direção de Marcelo Luna e Paulo Caldas. Brasil, 2000.

PIETRO, B. & ABAD, E. *Histórias das terras daqui e de lá: medo*. Rio de Janeiro: Zeus, 2007.

POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. (Disponível em [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)), 1992.

RAMOS, A.C. *Globo universidade*. Programa 5. Rede Globo de Televisão, 2008.

RAMOS, D. P. *Nervos da Terra: Histórias de Assombração e Política entre os Sem-Terra de Itapetininga – SP*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Antropologia. São Paulo, 2006.

RECKERT, S. O signo da Cidade. In: *O imaginário da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Acarte, 1989.

REZENDE, A. P. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

ROSNAY, J. *O homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SALES, T. O. *Sobre botijas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2006.

SANTOS, L. L. *Os movimentos desejantes da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1998.

SART, C. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores associados, 1996.

SCOTT, R.P. *A etnografia da família de camadas médias e de pobres urbanos: trabalho, poder e a inversão do público e do privado*. In: Revista pernambucana de Antropologia, nº2, ano I, 1997.

SILVA, C. A. *Literatura como escola de vida: a propósito das narrativas da tradição*. Natal: Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

SLOTERDIJK, P. *A Mobilização Copernicana e o Desarmamento Ptolomaico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

TAVARES, B. *Páginas de Sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Freud e o estranho: contos fantásticos do inconsciente*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ZUMTHOR, P. Permanência da voz. In: *O correio: uma janela para o mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, outubro de 1985. Ano 13.

## *REFERÊNCIAS DA INTERNET*

[www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br) acessado em 07/10/2008.

<http://arquivo.pernambuco.com> acessado em 19/10/2008.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Comadre\\_Fulozinha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comadre_Fulozinha) Acessado em 29/11/2008.

<http://www.fundaj.gov.br> Acessado em 22/11/2008.

[www.orecifeassombrado.com](http://www.orecifeassombrado.com) Acessado em 04/08/2006.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/História\\_do\\_Futebol\\_de\\_Pernambuco](http://pt.wikipedia.org/wiki/História_do_Futebol_de_Pernambuco) Acessado em 31/01/2009.

[http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/03/06/violencia\\_contra\\_a\\_mulher\\_e\\_crime\\_frequente\\_no\\_recife\\_pe\\_1218454.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/03/06/violencia_contra_a_mulher_e_crime_frequente_no_recife_pe_1218454.html) Acessado em 30/01/2009.

<http://br.geocities.com/preserveoam/radclubepe.htm> Acessado em 01/09/2008.

<http://pe360graus.globo.com/blogs/misteriospehome.asp>

[http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/01/29/mapa\\_da\\_violencia\\_dos\\_municipios\\_brasileiros\\_mostra\\_queda\\_dos\\_assassinatos\\_desde\\_2004-335333020.asp](http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/01/29/mapa_da_violencia_dos_municipios_brasileiros_mostra_queda_dos_assassinatos_desde_2004-335333020.asp) Acessado em 01/12/2008.



*Script* do programa “Segredos que a vida conta” dirigido e apresentado pelo radialista Jota Austregésilo na Rádio Tamandaré. A história a seguir foi ao ar no dia 28 de abril de 1986 às 0h05min.

Técnica – Abertura Gravada – Comercial

Tema do programa em BG<sup>44</sup>

Jota – Uma Sombra Dentro da Noite

Técnica – Sobe e desce a música

Jota – As coisas que nos impressionam e nos causam medo. Ficamos assustados, mas procuramos resistir. O que narro hoje para vocês ocorreu na cidade de Santa Rita, no Estado da Paraíba, com o jovem Cláudio Thomaz de Souza, ali residente. Vamos ao fato.

Técnica – Sobe e desce a música

Jota – Há quem se assuste com vultos, vozes, gemidos, ruídos e uma porção de coisas que se referem ao desconhecido. Cláudio Thomas de Souza, jovem de 22 anos, durante certo tempo foi noivo de Selma Maria de Lemos, na mesma cidade de Santa Rita.

Técnica – Sobe e desce a música

Magnólia – Acredito que te amarei por toda a minha vida!

Técnica – Sobe e BG

Jota – A gente fala, a gente exalta, defende, ataca, deseja, mas não sabe o que o “amanhã” nos reserva. Dois meses depois, acabava-se o compromisso de

---

<sup>44</sup> *Background* – Música de Fundo.

casamento entre Cláudio Thomaz de Souza e Selma Maria Lemos. O rapaz, depois disso, entregou-se à bebida.

Técnica – Sobe e BG

Jota – Cláudio! Que é que há? Cansaço ou excesso de bebida?

Duda – (Abrindo a boca sonolento) Ahhhhhh! Quero beber. A bebida é minha melhor companhia.

Jota – Cláudio, que é isso? Você nunca foi assim! Entregue-se à bebida sem nenhuma justificção, rapaz?

Duda – É, ela quer assim. Acabou o nosso noivado.

Jota – Lembra-se dos cuidados de sua mãe? Não gostava quando você se embriagava. Conseguiu separa-lo da bebida. Não é justo que, agora que ela já não existe, você vá contrariar os seus desejos. Vamos, rapaz. Vamos para casa. Nem mais um gole de bebida. Vamos embora.

Técnica – Sobe e desce a música

Jota – Disse tudo aquilo e o forcei a se levantar e ir para casa. De repente, logo que ele se levantou, fiquei todo arrepiado. Desconfiado, frio e trêmulo. Olhei em volta e divulguei uma sombra.

Duda – (Terno) Vou, sim. Agora eu vou para casa.

Jota – (Pausa e Tom) Cláudio saiu ainda meio trôpego e fiquei olhando-o à porta do bar. Enquanto ele se afastava, aquela sombra o acompanhava e em certo momento, pude perceber a visão de dona Leonora, sua mãe, falecida há três anos. Uma sombra dentro da noite.

Técnica – Acordes – Comercial

Encerramento gravado